
Segmento: PUCRS

26/03/2020 | Alegrete Tudo | alegretetudo.com.br | Geral

Com poucos leitos de UTI, Rio Grande do Sul se prepara para tratar casos graves de coronavírus

https://www.alegretetudo.com.br/584196-2/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=584196-2

Enquanto vive medidas de restrição social, o Rio Grande do Sul corre para abrir espaço em seus hospitais com o objetivo de salvar futuros pacientes em estado gravíssimo de coronavírus. Estatísticas internacionais apontam que 80% das pessoas terão sintomas leves e conseguirão se recuperar após descanso em casa por 15 dias. No entanto, outras 15% ficarão em estado grave e mais 5% ficarão em estado gravíssimo, o que exigirá internação em um leito de Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) por até duas semanas. São esses 5% que preocupam autoridades.

Hoje, com uma população estimada de 11,3 milhões de pessoas, o Rio Grande do Sul conta com 3,2 mil leitos de UTI públicos e privados, dos quais 1.630 são exclusivos para tratamento de adultos, segundo análise de fevereiro do Conselho Regional de Medicina do RS (Cremers) sobre dados do Ministério da Saúde. A outra metade é destinada a tratar casos graves de recém-nascidos, crianças, pacientes que realizaram cirurgia no coração ou que sofreram queimaduras graves.

A maioria das vagas é destinada a pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), o que aumenta a margem de atendimento à população mais pobre. Ainda assim, há consenso entre médicos de que faltam leitos de UTI no Estado - proporcionalmente, a oferta é menor do que a média nacional, segundo estudo de 2018 do Conselho Federal de Medicina (CFM).

Ter poucas vagas para internar pacientes em estado gravíssimo é um dos maiores desafios se o coronavírus tiver ritmo rápido como na Itália. Além da baixa cobertura, a ocupação dessas vagas é próxima a 100%, segundo a secretária estadual da Saúde, Arita Bergmann. A realidade não é exclusiva daqui, mas comum no Brasil, onde a ocupação é de 80% em hospitais privados e acima de 95% em instituições públicas, segundo a Associação de Medicina Intensivista Brasileira (Amib).

Porto Alegre, pelo contrário, tem boa cobertura: é a sexta capital com maior oferta de leitos de UTI. Hoje, são 917 leitos de UTI, dos quais 610 são destinados a adultos, segundo a Secretaria de Saúde da Capital. A concentração alta é favorecida pelos hospitais universitários da cidade, como Hospital de Clínicas, Santa Casa de Misericórdia, que tem convênio com a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA), e Hospital São Lucas da Pontifícia Universidade Católica do RS (PUCRS).

Para fazer frente à epidemia, o governo do Estado já orientou médicos, inclusive de convênio, a desmarcarem cirurgias não emergenciais a fim de liberar leitos. O segundo movimento foi o decreto de calamidade, que permite pegar leitos de UTI de hospitais privados para tratar pacientes do SUS.

O terceiro passo do governo é criar 218 novos leitos de UTI. O cálculo toma como base projeção do Departamento de Economia e Estatística (DEE), segundo a qual o Rio Grande do Sul teria, por volta de 6 de abril, 4.340 casos de coronavírus se a epidemia crescer a um ritmo italiano (pior cenário possível). Se 5% dos pacientes ficarem em estado gravíssimo, haveria uma nova demanda de 217 novos leitos.

Médicos alertam que o número necessário é hipotético, porque baseado em uma projeção da Itália aplicada ao cenário brasileiro. É verdade que o Rio Grande do Sul tem alta população de idosos - cerca de 20% de todos os gaúchos, segundo cálculos do DEE - e inverno rigoroso. Por outro lado, as medidas de isolamento foram postas em prática antes do crescimento exponencial da epidemia:

Porto Alegre começa nesta quarta-feira (25) a proibir os mais velhos de sair de casa e a expectativa é de que o outono tenha temperaturas acima da média e o inverno não seja rigoroso, segundo o meteorologista Cleo Kuhn, do Grupo RBS.

Qualquer aumento de leitos é desejável, mas apenas a criação de novas vagas não resolve todos os problemas, avalia Fabiano Nagel, médico intensivista do Hospital das Clínicas de Porto Alegre (HCPA), onde organiza o atendimento a pacientes de coronavírus, e do Grupo Hospitalar Conceição (GHC).

- Esses leitos precisam de recursos humanos e materiais. Atualmente, não estão disponíveis para compra no mercado os equipamentos para leitos de UTI. Recursos humanos não são formados de um dia pra outro, então possivelmente profissionais de áreas que não da terapia intensiva terão que ser recrutados. Não podemos trabalhar com a hipótese de que não seremos afetados como Itália, Espanha, China ou Inglaterra. Será uma situação difícil. O poder público parece estar fazendo coisas que estão a seu alcance. O desenrolar disso, os dias vão nos dizer. Mas temos que estar preparados para uma situação muito séria - pontua Nagel.

Outro desafio é que a maior parte dos leitos de UTI no Rio Grande do Sul estão concentrados na Região Metropolitana, alerta Paulo Azeredo Filho, assessor técnico de saúde da Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul (Famurs), que representa cidades do Estado. Isso exige dos municípios do Interior arcar com os custos de transporte que, em alguns casos, pode chegar a mais de R\$ 75 mil para uma única pessoa.

- Estamos um pouco abaixo da expectativa (no número de leitos de UTI) do que teríamos que ter para suprir a demanda. Parece que estão visualizando como se tudo estivesse vazio, aguardando quem tiver coronavírus. Os leitos que temos no sistema já estão ocupados por pessoas com câncer ou que fizeram cirurgia. Esses 200 leitos são pouco para o Rio Grande do Sul. As medidas para que as pessoas fiquem em casa e a suspensão de cirurgias sem urgência foram feitas para tentar desafogar um pouco. Esperamos que dê certo - diz Azeredo Filho.

Independentemente da criação de novas vagas, nenhum país ou Estado consegue suportar uma leva de doentes graves buscando tratamento. Por isso, médicos suplicam que os brasileiros fiquem em casa nas próximas semanas para evitar que o sistema de saúde colapse.

- Não temos como estabelecer quantos leitos serão necessários se não sabermos qual será o pico de casos. Não há como dizer que 218 serão suficientes. Talvez sejam, mas talvez um número muito maior não seja. Por isso, é importante retardar a progressão do coronavírus. O Rio Grande do Sul está em situação talvez um pouco melhor do que outros Estados, mas há uma série de variáveis em jogo - pontua Eduardo Neubarth Trindade, presidente do Cremers.

Na Itália, a superlotação obriga médicos a lidarem com uma distópica escolha de Sofia: destinar os respiradores mecânicos disponíveis aos mais jovens em vez dos mais velhos. Agora, mesmo os mais jovens estão chegando às UTIs, porque não conseguem receber o tratamento na hora certa em leitos clínicos.

- Se a demanda continuar como está agora, a gente dá conta do recado. Os leitos de UTI estão sendo ampliados. Mas, se acontecer um cenário de Itália ou Espanha, nossos mortos e feridos serão maiores. Em momentos de guerra, não faz diferença a quantidade de leitos, porque o sistema vai saturar, as pessoas não terão para onde ir e morrerão em casa. É esse o cenário que a gente não quer e por isso as pessoas precisam ficar em casa agora - pede Eduardo Sprinz, chefe da Infectologia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA). Perde leitos clínicos, mas ganha de UTI

O estudo do Cremers mostra que o Rio Grande do Sul perdeu 1,3 mil vagas em leitos clínicos, mas ganhou 128 leitos de UTI para adultos nos últimos cinco anos, que passaram de 1.502 para 1.630. No total de leitos de UTI (incluindo também vagas para recém-nascidos, crianças, pacientes pós-cirurgia no coração e vítimas de queimaduras graves), o número cresceu de 3 mil para os atuais 3,2 mil. Em um cenário de alta demanda, o governo pode remanejar as vagas desses outros leitos de UTI.

- Até UTIs de queimados e para pós-operatório de cirurgias cardíacas podem ser transformados em UTI de adultos. Os únicos casos que não podem ser transformados são UTIs neonatais. Eventualmente, até UTIs pediátricas podem ser usadas - diz Eduardo Neubarth Trindade, presidente do Cremers.

Growth hacking para efetuar vendas no e-commerce

<https://www.ecommercebrasil.com.br/artigos/growth-hacking-para-efetuar-vendas-no-e-commerce/>

Os profissionais de marketing tradicionais são hábeis em entender os produtos tradicionais, mas a internet criou uma redefinição radical da palavra produto.

Por milhares de anos, um produto tem sido um bem físico, mas agora são bits e bytes invisíveis na forma de produtos de software. Os produtos costumavam ser apenas coisas como carros, roupas, sofás e bicicletas. Agora o Instagram é um produto. Seu software de gestão online é um produto. Coisas que você não pode segurar são produtos. Essa transição é a maior responsável pela nova era do growth hacking. A internet deu ao mundo um novo tipo de produto e exige um novo tipo de pensamento.

Tradicionalmente, o growth hacking descreve como os serviços online e as startups de tecnologia conquistam novos usuários. Uma mentalidade de growth hacking, no entanto, é igualmente útil no comércio eletrônico. Com um foco incansável no crescimento, você pode desenvolver e executar testes, campanhas e programas que geram mais vendas online.

A definição de growth hacking não é tão simples, mas para mim, significa experimentar rapidamente diferentes táticas de marketing, esforços de publicidade, decisões de design da web e outras tarefas para converter rapidamente leads e gerar vendas.

Como o número de canais possíveis para alcançar os usuários está se multiplicando, o mesmo ocorre com as estratégias potenciais para alavancar esses canais para atrair pessoas ao seu produto.

Neste artigo iremos trazer algumas dicas de como fazer o usuário permanecer no seu site, e comprar de você, tornando-se seu cliente.

Agora que você se esforçou tanto para atrair seus clientes em potencial, como os envolve de fato usando seu produto ou, na linguagem de growth hacking, para ativá-los? Infelizmente, isso é algo que muitas empresas erram; de fato, 98% do tráfego para sites não leva à ativação.

Algumas dicas: Crie sua página inicial para estimular a conversão

Essa é outra maneira de dizer que você deve ter um design elegante, claro e inteligente da sua página inicial. Navegação fácil, fluxos diretos, falta de confusão - essa é a descrição de um site que os usuários desejam explorar. Execute testes A / B

O teste A / B é uma técnica milenar que ainda pode impulsionar seu crescimento. Use-o para validar suas idéias de marketing executando duas versões simultaneamente. Por exemplo, através do teste A / B, você pode verificar a eficiência do design da sua nova página inicial ou qual recurso de promoção funciona melhor. A chave é alterar apenas um item de cada vez para obter os resultados mais valiosos. Use a técnica FOMO (Fear of Missing Out)

É uma expressão que pode ser traduzida como Medo de Perder Algo, Medo de Estar Perdendo Algo ou ainda Medo de Ficar de Fora.

O medo de perder - todos sabemos sobre isso, mas caímos nele às vezes. Podemos navegar no site apenas por diversão, mas quando vemos os "Apenas 2 restantes" ou "7 outras pessoas estão vendo isso agora" escritos em vermelho, ficamos um pouco preocupados.

E se ele não estiver mais disponível amanhã ou mesmo em algumas horas? Mostrar descontos e combinar preços

Se você estiver executando uma promoção, mostre o valor exato da economia. Funciona muito melhor do que mostrar a porcentagem. Quando você coloca o preço padrão e o preço com desconto lado a lado, o usuário vê imediatamente a economia sem precisar fazer nenhum cálculo. Venda cruzada

Este pequeno truque funciona muito bem com itens como maquiagem, roupas ou acessórios, decoração de casa. Sugira itens da mesma coleção ou itens correspondentes para completar a aparência, a roupa ou o interior. Além disso, se você expressar sua sugestão como "Clientes que compraram este item também compraram ...", estará criando uma sensação de recomendação por pares. Já mencionamos que gostamos de acreditar nos conselhos de outras pessoas, e aqui essa técnica também funciona bem. Implementar checkout fácil

Seu cliente está na linha de chegada, portanto, não perca a chance de fazer uma venda com um checkout desajeitado. Um procedimento de pagamento complicado e não transparente está entre os motivos do abandono do carrinho, faça o seu o mais fácil possível. Apenas o nome e o endereço de entrega seguidos pelos detalhes do pagamento - isso é suficiente na maioria dos casos. Encontre plataformas de mídia social que seus concorrentes não estão usando

Se você estiver em um setor competitivo, talvez não consiga dominar o Twitter ou o Facebook. Considere procurar redes sociais menores, por exemplo: Skoob, Hello, Vero e Ello.

Quando você pode dominar uma plataforma de mídia social sobre seus concorrentes, você tem acesso irrestrito ao seu público. Além disso, você pode canalizar o tráfego do seu site para a plataforma social e vice-versa, criando um ambiente agradável para o seu público.

A arte final de vender não é fazer o usuário concluir a compra, mas fazê-lo voltar para mais. No próximo artigo trataremos estratégias para fidelizar seus clientes.

Gostou desse artigo? Não esqueça de avaliá-lo!

Quer fazer parte do time de articulistas do portal, tem alguma sugestão ou crítica?

Envie um e-mail para redacao@ecommercebrasil.com.br

Head de Canais e Parceiros da Get Commerce. Coordenadora do projeto de Empoderamento feminino da Get Commerce. Mais de dez anos de experiência na área de empreendedorismo digital. Líder da Embaixada Geração de Valor. Líder do Grupo Mulheres do Brasil, Núcleo Santa Maria. Mestre em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Maria. Graduada em Administração (2003) e em Sistemas de Informação(1999). Pós-graduada em Psicopedagogia, Gestão Empreendedora de Negócios e Gestão de Negócios e Intuição (com módulo realizado na Itália). Pós graduanda em Psicologia Positiva pela PUC RS. Atuou por mais de 15 anos como docente no ensino superior, com ênfase na área de Empreendedorismo Digital. Docente de Pós graduação na área de empreendedorismo.

Todos os posts de Josele Delazeri de Oliveira

26/03/2020 | Fapergs | fapergs.rs.gov.br | Geral

Universidades e pesquisadores estão mobilizados para auxiliar a população no enfrentamento do COVID-19

<https://fapergs.rs.gov.br/universidades-e-pesquisadores-estao-mobilizados-para-auxiliar-a-populacao-no-enfrentamento-do-covid-19#.Xnyc1Rxql6k.facebook>

Quando quase tudo está parado no Rio Grande do Sul, a Ciência não para.

O esforço de universidades e pesquisadores para rapidamente, buscar soluções para os diversos problemas que a população está enfrentado por consequência do COVID-19, tem demonstrado que a comunidade científica tem um papel fundamental na sociedade.

São grupos de pesquisa, laboratórios, consultorias de pesquisadores para diversas análises do cenário evolutivo da contaminação pelo vírus, como para as questões econômicas e de comportamento social.

Na UFRGS, diversos setores, grupos e professores, individualmente, estão participando de iniciativas voltadas à superação da pandemia

Um grupo de professores está prestando consultoria aos governos estadual e municipal nas áreas de epidemiologia, vigilância, administração hospitalar, gestão de risco e tecnologia da informação. Estão sendo desenvolvidas ações e iniciativas estratégicas, que vão desde o monitoramento da evolução da epidemia, à produção de equipamentos e acessórios hospitalares e de proteção individual, bem como a criação e execução de testes para o diagnóstico de infecção. Já há também a mobilização de laboratórios da UFRGS para a execução dos testes, como também a formação de um grupo de trabalho para, em parceria com outras universidades, produzir testes válidos. Também estão sendo feitas articulações pela Aliança UFRGS, PUC e UNISINOS e o Pacto Alegre com a Prefeitura de Porto Alegre. [Clique aqui para ver a notícia completa.](#)

Outra ação importante está sendo realizada entre cientistas e empresários

Um grupo composto por pesquisadores, médicos, empresários, comunicadores, entre outros profissionais, está pensando estratégias para tentar ajudar no combate à doença. “Criamos inicialmente uma espécie de observatório, mas logo evoluímos para uma força-tarefa operacional”, conta o pesquisador Guido Lenz, diretor do Centro de Biotecnologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Pesquisador da área de Biologia Molecular e Celular, ele se uniu a empreendedores privados de laboratórios de diagnóstico molecular e médicos para identificar os gargalos de testagem do novo coronavírus. [Clique aqui para ver a notícia completa.](#)

Até no abastecimento de água os pesquisadores da UFRGS propõem ações emergenciais voltadas à redução de riscos do COVID-19

O Grupo de Pesquisa em Planejamento e Gestão de Recursos Hídricos, do Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH/UFRGS), elaborou plano focado na segurança dos trabalhadores que atuam nas estações de tratamento

Atentos aos riscos da epidemia de COVID-19 e aos seus impactos na sociedade, os pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Planejamento e Gestão de Recursos Hídricos, do Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH/UFRGS), reuniram-se remotamente no último sábado (21), para elaborar o Plano emergencial de ações para o sistema de abastecimento de água frente aos riscos oferecidos pelo coronavírus. Como o sistema de abastecimento de água envolve uma cadeia de processos e ações operadas por pessoas, o foco do plano é a redução de riscos de contágio destes profissionais. [Clique aqui para ver a notícia completa.](#)

Também uma solução barata e acessível para higienizar os pés no combate ao coronavírus vem de um professor da UFRGS

O pedilúvio é uma caixa que abriga uma esponja embebida em uma solução desinfetante que tem o objetivo de higienizar os pés, ideal para inativar a Covid-19

Uma solução fácil, barata e acessível. O professor do Centro de Diagnóstico e Pesquisa em Patologia Aviária (CDPA) da UFRGS, Vladimir Pinheiro do Nascimento, propõe uma adaptação de equipamento utilizado em ambientes avícolas que visa reduzir os riscos de contaminação por vírus em ambientes de grande, médio e pequeno fluxo. O pedilúvio é uma caixa que abriga uma esponja embebida em uma solução desinfetante que tem o objetivo de higienizar os pés, ideal para inativar a Covid-19. [Clique aqui para ver a notícia completa.](#)

Na UFCSPA, professores e alunos estão produzindo álcool gel

Desde 14 de março, estão produzindo álcool gel no laboratório da Faculdade de Farmácia para amenizar a falta do produto, um dos itens fundamentais para prevenção da doença. A ideia é distribuir para municípios por meio do Conselho das Secretarias Municipais de Saúde (Cosems).

Normalmente, álcool gel é preparado na faculdade para uso interno, mas, diante do avanço do coronavírus e a necessidade do produto pela população, professores sugeriram a medida à reitoria da UFCSPA.

A proposta foi aceita de imediato, e um exército de voluntários se reuniu para começar o trabalho. São pelo menos cinco professores, duas técnicas de laboratório e 52 alunos que se revezam em três turnos, das 9h às 21h30min, incluindo finais de semana.

A professora Alessandra Dahmer, pró-reitora de Planejamento da UFCSPA, explica que a participação dos municípios na parceria é com o fornecimento de matéria-prima. A universidade contribui com a mão de obra e a estrutura do laboratório.

Segundo ela, o Cosems estimou a necessidade em 30 toneladas de álcool gel, o que ainda não se sabe se vai ser possível atender. Até o momento, esses insumos ainda não chegaram e estão sendo utilizados estoques internos e também componentes comprados com dinheiro doado por professores e voluntários.

Os primeiros 400 quilos foram entregues nesta segunda-feira (23) para a Secretaria de Saúde de Porto Alegre, que já havia entregue frascos para serem envazados com o equivalente a um litro do produto. [Confira aqui a matéria completa](#)

Na Feevale, amostras do novo coronavírus estão chegando para a realização de testes

A Feevale está preparada para realizar diagnóstico laboratorial de COVID-19 em parceria com municípios da região

A ação visa contribuir com a comunidade no sentido de ampliar a capacidade de testes para o Vale do Sinos e região. A instituição recebe o controle positivo inativado para realização de testes diagnósticos e pesquisa em coronavírus, por meio de uma parceria com a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, Rede-Vírus e pesquisadores do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações

A Universidade Feevale, por meio de sua estrutura de laboratórios e profissionais da área da Saúde, está preparada para realizar os exames de diagnóstico do novo Coronavírus SARS-CoV-2 em parceria com os municípios. Nesse sentido, estão sendo feitas tratativas com prefeituras da região. As amostras deverão ser encaminhadas pelas secretarias de Saúde dos municípios ao Laboratório de Microbiologia Molecular, cuja metodologia diagnóstica segue o protocolo estabelecido pela Organização Mundial da Saúde, idêntico ao utilizado nos laboratórios oficiais. [Clique aqui para ver a notícia completa.](#)

Universidades estão unidas para envasar álcool líquido e produzir álcool gel para o SUS - FSul, UCPel, UFPel

Uma soma de esforços entre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), a Universidade Católica de Pelotas (UCPel), a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a Secretária de Saúde do Rio Grande do Sul e a empresa de bebidas Refrigerantes Biri tem como objetivo envasar álcool líquido e produzir álcool gel para abastecer hospitais e unidades do Sistema Único de Saúde de Pelotas e região. A demanda pelos produtos na rede de saúde está sendo discutida há alguns dias pelas instituições.

Além de fazer orçamentos para compra de insumos, as três Instituições de Ensino Superior (IES) estão recolhendo os materiais disponíveis nas unidades acadêmicas para realizar a produção nos laboratórios de graduação e pós-graduação. A Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul disponibilizou uma carga de 30 mil litros de insumo para colaborar com a região. A remessa será estocada na fábrica da Biri e parte será envasada em garrafas pet de 2 litros de álcool líquido, o restante será utilizado para produzir álcool gel nos laboratórios das IES, a partir da próxima semana.

Vários docentes, técnico-administrativos e estudantes das três instituições estão se voluntariando para a produção do álcool gel, além de outras ações para o combate e prevenção do novo coronavírus.

Estes são alguns dos exemplos da ampla mobilização da comunidade científica neste momento, para auxiliar a população no enfrentamento ao COVID-19. [Clique aqui para ver a notícia completa.](#)

Organizações lançam projeto para incentivar startups no combate ao coronavírus

Iniciativa busca soluções já desenvolvidas e maduras capazes de ajudar no enfrentamento imediato ao vírus

Unindo forças no combate ao coronavírus, organizações lançaram o projeto Start Health Startups vs Covid. A iniciativa busca juntar startups com soluções já desenvolvidas e maduras capazes de ajudar no enfrentamento da pandemia. Interessados em fazer parte da ação podem realizar inscrições desde esta terça-feira (24) até 31 de março por meio do site pactoalegre.poa.br/start.health. Seguindo as recomendações mundiais no âmbito da prevenção, o processo de seleção será realizado via canal online.

Além da prefeitura de Porto Alegre e governo do Estado, também participam do projeto Pacto Alegre, Aliança para Inovação, Rede Gaúcha de Ambientes de Inovação (Reginp) e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), entre outras instituições.

O secretário estadual de Inovação, Ciência e Tecnologia, Luís Lamb, destaca que esse desafio "será vencido pela inovação baseada na ciência". "Por isso, precisamos investir em startups que resolvam os desafios de saúde que estamos vivendo hoje, acelerando o combate ao Covid-19", afirma Lamb em comunicado. [Clique aqui para ver a notícia completa.](#)

O Tecnopuc está disponibilizando laboratórios para apoiar as demandas relacionadas ao COVID-19

Nesta mesma linha de apoio para o enfrentamento do coronavírus, o Parque Científico e Tecnológico da PUCRS (Tecnopuc) e o Centro de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico da PUCRS (Ideia) abrem as portas dos seus laboratórios: Tecnopuc Crialab, Tecnopuc FabLab e Tecnopuc Usalab para te apoiar. O propósito é que iniciativas da comunidade possam ser testadas e desenvolvidas nestes ambientes.

As propostas recebidas serão avaliadas tecnicamente, visando identificar a viabilidade de atendimento. [Confira aqui a notícia completa.](#)

A FAPERGS parabeniza todas as iniciativas da comunidade científica e as parcerias institucionais e empresariais, que além da importante contribuição social, neste momento crítico, provam que: "O Futuro se faz com Pesquisa".

26/03/2020 | G1 Rio Grande do Sul | g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul | Geral

Hospital São Lucas vira referência para atendimentos de média e

alta complexidade em Porto Alegre

<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/03/26/hospital-sao-lucas-vira-referencia-para-atendimentos-de-media-e-alta-complexidade-em-porto-alegre.ghtml>

Desta forma, hospital deixa de atender casos de coronavírus para se dedicar a atendimentos mais graves e de doenças crônicas.

Hospital da PUC atenderá casos de média e alta complexidade - Foto: Hospital São Lucas / Divulgação O Hospital São Lucas, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) será referenciado, pela Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre, em atendimentos de média e alta complexidade na Capital, a partir desta quinta-feira (26). Assim, o local deixa de atender pacientes com suspeitas ou portadores de coronavírus, para auxiliar pacientes da rede do SUS em Porto Alegre, priorizando o atendimento de doenças crônicas. De acordo com o diretor técnico do hospital, Saulo Bornhorst, o São Lucas e a Secretaria de Saúde de Porto Alegre já trabalhavam na referência da emergência do hospital para receber casos mais graves. Porém, a decisão se tornou mais necessária diante da pandemia de Covid-19. Em Porto Alegre, já são 103 casos da doença, que, segundo o diretor técnico do HSL, serão atendidos em hospitais que estão referenciados para o coronavírus no estado, como o Hospital de Clínicas e o Conceição. "Isso evita que pacientes de menor complexidade estejam ocupando o lugar de pacientes com problemas mais graves", diz. Bornhorst destaca que, mesmo o HSL se dedicando a outras especialidades, é necessário que ele seja procurado apenas em casos de maior complexidade e de doenças crônicas. "É importante que as pessoas saibam que isto já vinha sendo tratado há algum tempo. É necessário que os pacientes procurem primeiro a sua Unidade de Saúde mais próxima, onde eles costumam consultar, depois a UPA e por último o Hospital", destaca. Os encaminhamentos para o Hospital serão feitos pela Secretaria Municipal de Saúde, uma vez que os pacientes tenham procurado atendimento. As consultas pelo SUS no Hospital São Lucas também estão sendo agendadas por grau de complexidade, onde são priorizadas as doenças crônicas, a área de oncologia e gestantes realizando pré-natal. "Enquanto a rede de saúde se organiza para dar conta dos casos do novo coronavírus, a saúde dos demais pacientes não pode deixar de receber atenção especializada", enfatiza o diretor técnico. A medida também visa ajudar a organizar o sistema público de saúde e evitar que pacientes com coronavírus se dirijam a outros hospitais não capacitados, virando vetores de contaminação. O que aconteceu hoje, diretamente no seu e-mail Obrigada! Você acaba de se inscrever na newsletter Resumo do dia. Veja também

26/03/2020 | GZH | gauchazh.clicrbs.com.br | Geral

Falta de equipamentos de proteção preocupa profissionais da saúde e governo acelera compras

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2020/03/falta-de-equipamentos-de-protecao-preocupa-profissionais-da-saude-e-governo-acelera-compras-ck87viii507yu01pq7la80ktd.html>

Sindicato recebeu 150 denúncias em dois dias. Ministério da Saúde afirmou que iniciou novo processo para 72,4 milhões de unidades de 17 itens de insumos

Sindicato dos trabalhadores da saúde protestou contra falta de equipamentos em postos e hospitais. *Sindisaúde-RS / Divulgação* Reutilizar ou trabalhar sem máscara, não ter álcool em gel à disposição e fazer rodízio de uso de avental é a atual realidade para centenas de profissionais da saúde do Rio Grande do Sul que estão na linha de frente do combate ao coronavírus. Apenas entre segunda-feira (23) e terça-feira (24), o Sindisaúde-RS (Sindicato dos Profissionais de Enfermagem, Técnicos, Duchistas, Massagistas e Empregados em Hospitais e Casas de Saúde), recebeu cerca de 150 denúncias sobre falta de equipamentos de proteção individual (EPIs).

A maior reclamação é a falta de máscaras N95 (azuis, de maior proteção), mas também há relatos de ausência de máscaras cirúrgicas comuns (brancas), aventais, óculos de proteção e álcool em gel. A necessidade levou o Ministério da Saúde a reforçar as compras de equipamentos para distribuição aos Estados e municípios.

O cenário preocupa pelo alto risco de infecção dos trabalhadores e pelo receio em perder mão de obra no combate à epidemia. Na Espanha, dos 40 mil casos confirmados, 14% são médicos, enfermeiros, técnicos e demais funcionários do sistema de saúde.

A falta de materiais ocorre no mundo inteiro - em alguns hospitais espanhóis, sacos de lixo foram usados nos braços no lugar de casacos descartáveis. O reflexo é nos preços: se antes uma máscara descartável com elástico custava R\$ 0,08 a unidade, agora está R\$ 4,90. Cada máscara N95 passou de R\$ 1,69 para R\$ 38.

O Conselho Regional de Medicina (Cremers) emitiu nota na qual vê "com preocupação" a falta de equipamentos. O Sindisaúde compreende a menor oferta, mas defende que todos que atendam a possíveis infectados tenham máscaras à disposição. A reclamação de trabalhadores é de que, agora, só são testados os casos mais graves de coronavírus que necessitem de internação hospitalar - portanto, há risco de infecção por casos leves ou assintomáticos.

- Entendemos que os governos deveriam intervir nas fábricas para aumentar a produção de EPIs 24 horas por dia. Se os casos dobram a cada dois ou três dias, sem EPIs vai triplicar - afirma Arlindo Nelson Ritter, tesoureiro do Sindisaúde.

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) informa que o protocolo atual estabelece que máscaras cirúrgicas simples (brancas) devem ser utilizadas por profissionais de saúde ou de apoio, como higienização e manutenção, quando eles prestarem assistência a menos de um metro de distância de pessoas suspeitas ou confirmadas para coronavírus.

A máscara N95 deve ser usada junto com gorro, óculos, avental e luvas por quem atender a casos suspeitos ou confirmados de coronavírus em procedimento que possa ter contato com gotículas ou secreções. A Anvisa diz que não proíbe que outras pessoas usem esse material, mas orienta o uso seja racionalizado por causa da falta no mercado.

Em um posto de saúde de Sapucaia do Sul, na Região Metropolitana, havia uma única máscara N95 para todos os profissionais, poucas máscaras cirúrgicas e nenhum óculos, descreve uma trabalhadora. No local, não há testes de diagnóstico - quem tem sintomas leves é recomendado a voltar para a casa com atestado de 14 dias para isolamento e quem está pior é encaminhado a um hospital. A assessoria da prefeitura de Sapucaia do Sul informou que há dificuldade para compra de máscaras, mas um novo lote de EPIs chega na semana que vem.

Em unidades básicas de saúde (UBS) dos bairros Cristal e Tristeza, na Capital, não há álcool em gel e aventais precisam ser compartilhados para lidar com pacientes com sintomas, afirmam dois trabalhadores. Em Canoas, um posto de saúde não tinha na semana passada aventais descartáveis, luvas nem sabão para lavar as mãos, mas a unidade recebeu alguns materiais nos últimos dias. Um médico pontua que muitos profissionais estão com medo e usam equipamentos de forma equivocada.

A prefeitura de Canoas afirmou que está enfrentando, assim como outros municípios, dificuldades para abastecer os estoques de EPIs, devido ao excesso de demanda e à redução na oferta. O município, segundo a secretaria de saúde, está pedindo doações à sociedade, além de discutindo junto a empresas fornecedoras o restabelecimento dos materiais e o envio de equipamentos para o Ministério da Saúde. A prefeitura de Porto Alegre não retornou até o fechamento desta reportagem.

Hospitais não têm falta, diz sindicato O Sindisaúde protestou nos últimos dias em frente aos hospitais Santa Casa, São Lucas da PUCRS e Mãe de Deus para pedir que os profissionais recebam material de proteção. A reportagem recebeu denúncias de que o Mãe de Deus e o Dom João Becker, em Gravataí (administrado pela Santa Casa) instruíram funcionários a não usarem máscaras para não assustar pacientes.

O Sindicato dos Hospitais de Porto Alegre (Sindihospa) diz que não há falta de equipamentos, mas que as instituições têm realizado um controle rigoroso e que a distribuição segue os protocolos da Anvisa. Compras emergenciais estão sendo feitas para os estoques não acabarem.

O diretor-geral da Santa Casa, Julio Matos, afirma que a instituição segue as diretrizes oficiais e que trabalhadores da linha de frente estão equipados com os recursos necessários. Para o estoque não zerar, mais 1 milhão de máscaras foram compradas. Ele diz que a acusação de trabalhadores do Dom João Becker não procede.

- Ocorre em todo o país uma falta de equipamentos porque o Ministério da Saúde está confiscando materiais, o que gera um desabastecimento em todo o sistema de saúde. Ao mesmo tempo, há uma insegurança muito grande e as pessoas pensam que estarão protegidas usando máscara. Mas máscara não significa prevenção, há protocolos que definem quais locais precisam usá-las - pontua.

Dois profissionais ouvidos pela reportagem afirmam que alguns hospitais começaram a racionar após funcionários roubarem álcool em gel e levarem caixa de máscaras para casa. Também foi relatado que, por medo, muitos usam máscaras de forma indevida, como para ir ao banheiro ou para se deslocar até o refeitório.

Em nota, o Hospital São Lucas da PUCRS afirmou que segue protocolos das autoridades, que equipamentos de proteção são fornecidos para quem atende a casos suspeitos ou confirmados e que a instituição vai criar um programa de atenção à saúde mental dos funcionários para proporcionar apoio psicoemocional.

Um médico do Hospital de Pronto-Socorro (HPS) diz que não faltam equipamentos, mas que o uso está controlado e que ele precisa orientar a equipe, lembrando que nem toda situação exige máscara. No Grupo Hospitalar Conceição (GHC), o uso é direcionado para quem lidará com pacientes com sintomas para coronavírus, mas muitas vezes profissionais se expõem a situações em que poderiam adquirir o vírus, segundo Maria Rita de Assis Brasil, médica emergencista da instituição.

- Além do risco para a pessoa, essa é uma baixa nos serviços de saúde. A cena do atendimento pré-hospitalar (em ambulâncias) não é favorável - diz Maria Rita.

O diretor médico do hospital Mãe de Deus, Fernando Waldemar, nega que falem equipamentos de proteção e também afirma que muitos profissionais acabam sendo tomados pelo medo e diz que a instituição respeita protocolos oficiais.

- No Mãe de Deus, quem tem sintomas entra em uma área externa à parte, não circula em outros locais. Os funcionários que fazem a orientação para esses pacientes sintomáticos usam máscara, assim como que está no atendimento a essas pessoas. Quem está em outras áreas não usa máscara porque não há indicação. Usar EPIs de forma adequada é fundamental para eles não esgotarem, mas não há falta - diz Waldemar.

O que diz o Ministério da SaúdeEm nota, a pasta afirma que comprou 60 milhões de unidades de 21 itens de equipamentos de proteção individual (EPI), incluindo óculos de proteção, luvas, álcool em gel, sapatilhas, toucas, máscaras e aventais. Estados já começaram a receber os insumos e devem encaminhar aos municípios.

A Saúde ainda diz que já iniciou novo processo para compra de mais 72,4 milhões de unidades de EPIs de 17 itens de insumos, como álcool em gel, máscaras cirúrgicas, luvas, óculos de proteção, touca, sapatilhas e aventais hospitalares. O Ministério, no entanto, reforça que tem papel complementar às gestões do Estado e municípios.

O secretário-executivo do Ministério da Saúde, João Gabbardo dos Reis, disse que, das 15 milhões de máscaras compradas pela pasta, até o momento, 30% já foram encaminhadas aos Estados. Gabbardo destacou que apenas os Estados das regiões Norte e Nordeste não receberam esse tipo de equipamento de proteção individual (EPI) em razão de voos cancelados ou lotados, forçando o transporte rodoviário.

- Em função desse atraso, enviamos uma segunda remessa que vai de avião e deve sair amanhã (quinta-feira) para as regiões Norte e Nordeste. Estamos solicitando apoio da Força Aérea Brasileira.

Gabbardo salientou que, a partir de agora, os Estados serão abastecidos semanalmente com remessas de máscaras.

Em relação aos respiradores, o secretário-executivo reforçou que diversas fábricas estão reforçando a produção para acelerar a distribuição dos equipamentos. Gabbardo estima que os primeiras ferramentas dessa fabricação excepcional deverão ser entregues em um mês. Respiradores comprados diretamente da China devem chegar antes, em no máximo 10 dias, projetou o secretário.

O que diz o governo estadualA Secretaria Estadual da Saúde (SES) afirma que vai auxiliar hospitais com a compra e o fornecimento de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) para trabalhadores, mas não informa como.

Receba duas vezes por dia um boletim com o resumo das últimas notícias da covid-19. Para receber o conteúdo gratuitamente, basta se cadastrar neste link

Quer saber mais sobre o coronavírus? Clique aqui e acompanhe todas as notícias, esclareça dúvidas e confira como se proteger da doença

Coronavírus, gravidez e amamentação: o que se sabe até agora

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/maternidade/noticia/2020/03/coronavirus-gravidez-e-amamentacao-o-que-se-sabe-ate-agora-ck861cst807a201pqohslkymb.html>

Médicos defendem que grávidas precisam estar em alerta mesmo fora do grupo de risco

Os grupos mais vulneráveis ao novo coronavírus, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), são formados por idosos, pessoas com problemas respiratórios e doenças crônicas - como diabetes e hipertensão. É isso mesmo: as grávidas estão fora da lista. Mas, ainda assim, as gestantes precisam ligar o alerta, na opinião dos médicos. As pesquisas dos efeitos da covid-19 em mulheres prestes a dar a luz ainda são incipientes.

- Neste momento, estamos construindo o conhecimento dia a dia - avalia Silvana Quintana, professora da faculdade de medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP) e integrante da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo).

Para entender os impactos do coronavírus na gravidez e na amamentação, conversamos, além da ginecologista, com o infectologista pediátrico do Hospital Moinhos de Vento Marcelo Comerlato Scotta, que também é professor adjunto da PUCRS e integra a Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul, e com a endocrinologista Lenita Zajdenverg, integrante da Sociedade Brasileira de Diabetes. Fique por dentro do que se sabe até agora sobre o tema:

Afinal, qual o risco? Antes de tudo, é importante alertar que as informações sobre o coronavírus podem mudar a qualquer momento. A cada dia, estudos são realizados, dados analisados e novas diretrizes discutidas entre os especialistas e as entidades médicas. Por enquanto, explica Silvana, é possível afirmar que há boas razões para as grávidas não integrarem o grupo de risco da covid-19:

- Quando se mapeia a faixa etária ou a situação que tem o maior número de casos de coronavírus, as gestantes não aparecem em maior número em comparação ao restante da população. Mas, mesmo assim, toda a grávida precisa ser encarada como se fosse uma pessoa com riscos. Elas precisam ser cuidadas e orientadas.

Há principalmente pesquisas chinesas sobre o tema que balizam as orientações até o momento - segundo a ginecologista, uma revisão recente da literatura médica apontou que existem pelo menos 32 casos documentados no mundo. A apreensão inicial era de que as gestantes fossem tão suscetíveis ao vírus como na época da H1N1, ressalta a médica:

- Tivemos um curso muito mais grave nessas mulheres, tinha risco de óbito materno na H1N1. Quando surgiu o coronavírus, ficamos com medo, pois é um vírus de gripe. O que observamos até agora: não foi registrado nenhum caso da mãe transmitindo para os bebês e nenhum óbito materno. Então, ficamos mais tranquilos para instruir as grávidas que precisam seguir com o pré-natal e prevenir a infecção.

Receba duas vezes por dia um boletim com o resumo das últimas notícias da covid-19. Para receber o conteúdo gratuitamente, basta se cadastrar neste link

Tempo de gestaçãoOs estudos existentes são baseados na faixa etária de mulheres entre 27 e 40 anos. Além disso, todas estavam no fim da gestação, principalmente no último mês. Assim, não há certeza do impacto do coronavírus em mulheres que estão grávidas há pouco tempo.

- Nessas gestantes que estavam na reta final, notou-se alguns nascimentos de bebê pré-termo, prematuro. Isso pode se dever ao fato de uma infecção materna, de dificuldade para respirar. O que nos deixa mais preocupados enquanto médicos é o indicativo de prematuridade. Se a prematuridade for muito precoce, pode ter uma taxa de mortalidade. Mas, por enquanto, não há documentação disso - afirma Silvana.

Meu filho está em perigo?Uma dúvida de 10 entre 10 grávidas: caso ocorra o contágio ainda na gestação é possível passar o vírus para o bebê dentro da barriga? A resposta é simples: não. De acordo com o infectologista pediátrico, até o momento não foi constatada tal possibilidade:

- Não houve comprovação de transmissão durante a gestação ou no parto. Embora o conhecimento ainda seja muito inicial a respeito, as evidências até o momento sugerem que não é possível.

Amamentação em xequê Ainda não há evidências de que o coronavírus seja transmitido pelo leite materno. Ou seja: a amamentação está mantida, inclusive para mulheres infectadas ou com suspeita de contágio pela covid-19.

- O que indicamos para esse grupo é o uso de máscara para amamentar, higienizar a mama antes de amamentar, lavar bem as mãos. Essa mulher infectada precisará de auxílio, tem cuidados diferentes da demanda da amamentação comum - destaca a ginecologista. - Há dois casos que temos conhecimento de recém-nascidos infectados. Mas tudo aponta para uma transmissão horizontal, que ocorre pelo contato da mãe com o bebê após o parto, os cuidados em si. É difícil porque a mãe não pode beijar o bebê, tem que cuidar o espirro, a coriza, é muito difícil.

Já o infectologista pediátrico faz uma sugestão para esses casos:

- Se for viável, pode-se ordenhar o leite materno e o bebê ser alimentado por outra pessoa que esteja sem sintomas.

Parto vaginal ou cesárea? Caso uma gestante seja contaminada pelo coronavírus, o parto normal não está descartado. Não há evidências de contaminação pelas secreções do canal vaginal.

- A princípio, pode evoluir para parto vaginal sem problema algum. Já as gestantes que estão acometidas severamente pela infecção, é preciso avaliar caso a caso - diz a ginecologista Silvana.

De olho na pressão e no diabetes Há mulheres que apresentam pré-eclâmpsia (pressão arterial elevada) e diabetes gestacional durante a gravidez. Nesses casos, é preciso redobrar o cuidado.

- Essa paciente passa a ter dois fatores importantes: a doença de base e a infecção. Elas são consideradas gestantes de alto risco, têm uma rotina de acompanhamento diferente. Precisam estar bem orientadas porque essas doenças podem até ser mais prejudiciais e letais do que o próprio coronavírus - opina a ginecologista.

Já a endocrinologista Lenita Zajdenverg, integrante da Sociedade Brasileira de Diabetes, ressalta a importância da gestante diabética buscar seu médico de referência para reavaliar os procedimentos a partir do novo quadro, mas sem pânico:

- O que aconselhamos: a mulher com diabetes que está gestando, que faz o uso de insulina, se for contaminada pelo coronavírus, precisa monitorar a glicemia de forma mais frequente e, provavelmente, aumentar a dose de insulina em função da própria infecção. Precisa procurar seu médico. Os relatos com relação às complicações da gestante com diabetes são praticamente nulos.

Previna-se! Para evitar o contágio, as dicas são aquelas que se tornaram bem conhecidas: lavar as mãos com frequência, utilizar álcool gel e evitar o contato com pessoas que apresentam sintomas de gripe. Respeitar o isolamento para diminuir o risco também é um ponto essencial. A ginecologista ainda alerta: não saia de casa imediatamente ao perceber os primeiros sintomas.

- A grávida que está bem, tem que ficar em casa. Se estiver resfriada, começar a ter febre, sintomas gripais, é preciso ligar para o médico ou para o serviço de saúde. Pelo telefone, explica como está. Não deve sair de casa sem orientação e nem sair correndo para o pronto-socorro. Precisa ter calma e seguir as orientações para saber, junto com o médico, como conduzir. Está batendo o pavor agora, e algumas gestantes querem ir correndo para o hospital. Mas, lógico, se grávida está prostrada, desanimada demais, febre muito alta, aí não tem jeito, precisa ir presencialmente ser examinada. Se for ao médico, o ideal é tentar marcar um horário com menos circulação de pessoas, para não ficar na sala de espera muito tempo - avalia a médica.

Filhos da pandemia As mulheres que darão a luz nos próximos dias não precisam ficar alarmadas. Segundo o infectologista pediátrico, a prevenção segue a mesma: fique em casa para evitar riscos.

- As principais medidas são a lavagem de mãos e o distanciamento social de aglomerações e de indivíduos com sintomas de doença respiratória - reforça o especialista.

Ainda de acordo com o médico, não há evidências de que os recém-nascidos tenham ocorrências mais graves caso testem positivo para a covid-19. Há, inclusive, quadros assintomáticos, explica:

- A quantidade de pacientes reportados até o momento já é uma evidência importante de que as crianças fazem quadros de menor gravidade comparado aos adultos, provavelmente muitas delas sem ou com poucos sintomas.

Quer saber mais sobre o coronavírus? Clique aqui e acompanhe todas as notícias, esclareça dúvidas e confira como se proteger da doença.

26/03/2020 | GZH | gauchazh.clicrbs.com.br | Geral

O que podemos aprender com o Design Thinking em tempos de pandemia de coronavírus

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniao/noticia/2020/03/o-que-podemos-aprender-com-o-design-thinking-em-tempos-de-pandemia-de-coronavirus-ck88x2l0b084201pqdys05vpu.html>

A característica principal do Design Thinking é colocar o indivíduo no centro do processo

Por Gabriela Ferreira, consultora em inovação e empreendedorismo e professora da PUCRS

Quem trabalha com inovação está, de forma geral, bastante familiarizado com o conceito de Design Thinking. Se trata de uma abordagem, que alguns também chamam de metodologia, cujo objetivo é desenvolver soluções criativas para demandas e problemas existentes. E, nesse sentido, é uma forma de trabalho que tem uma aplicação bastante ampla. As empresas usam para criar novos produtos e processos, mas também é possível usá-la para buscar soluções para desafios pessoais.

A característica principal do Design Thinking é colocar o indivíduo no centro do processo, ou seja, a partir das necessidades das pessoas são concebidas soluções que façam sentido para aquelas que vão usá-las. Além disso, é preciso que as propostas sejam validadas pelas mesmas ao longo da criação, evitando usar recursos (como tempo, dinheiro, etc.) em algo inadequado. Para que isso ocorra, a metodologia tem três pilares: empatia, colaboração e experimentação. Empatia significa colocar-se no lugar do outro. Há quem diga que isso não é possível, já que o lugar de cada pessoa é único, mas é possível chegar perto, entendendo o que o outro vê, sente e pensa. A colaboração é fundamental para o desenvolvimento das soluções, pois é importante ter diversos olhares sobre um desafio e são necessários conhecimentos de diferentes áreas atuando em conjunto. A experimentação é o pilar que garante que, a cada passo dado, os resultados estão sendo testados, adaptados e melhorados, sempre com o aval do usuário.

Em tempos de pandemia de coronavírus podemos aprender muito com o Design Thinking. A empatia nos leva a pensar no coletivo para além do individual, a respeitar as pessoas dos grupos de risco e a valorizar e agradecer os profissionais que não podem parar suas atividades para todos nós possamos ficar mais seguros em isolamento. A colaboração nos demanda ajudar a quem precisa, sermos responsáveis para não compartilhar notícias falsas, não causar pânico nem promover o descaso nesta situação difícil. E, por fim, a experimentação nos possibilita ensaiar novas ferramentas de trabalho e estudo, novas formas de estar perto das pessoas mesmo fisicamente distantes e reinventar nossas atividades diárias. Mas, especialmente, temos a grande oportunidade de sermos pessoas melhores para o mundo. Você está testando isso?

Leia mais artigos de Opinião

Receba duas vezes por dia um boletim com o resumo das últimas notícias da covid-19. Para receber o conteúdo gratuitamente, basta se cadastrar neste link

Quer saber mais sobre o coronavírus? Clique aqui e acompanhe todas as notícias, esclareça dúvidas e confira como se proteger da

doença.

26/03/2020 | GZH | gauchazh.clicrbs.com.br | Geral

Hospital da PUCRS deixa de atender casos de coronavírus pelo SUS e vai se concentrar em alta complexidade

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2020/03/hospital-da-pucrs-deixa-de-atender-casos-de-coronavirus-pelo-sus-e-vai-se-conce-ntrar-em-alta-complexidade-ck88y9sbm01ws01rz5gvs2vm4.html>

Pacientes serão direcionados pela Secretaria Municipal de Saúde para atendimento no hospital

O Hospital São Lucas da PUCRS, em Porto Alegre, não irá atender casos de coronavírus pelo Sistema Único de Saúde (SUS). A partir desta quinta-feira (26), a instituição será referência para atendimentos de alta complexidade e de doenças crônicas, como hipertensão, diabetes, câncer, obesidade, doenças cardíacas, neurológicas e demais especialidades.

Os pacientes serão direcionados pela Secretaria Municipal de Saúde, conforme a necessidade, para o atendimento no hospital, que já é referência em diversos casos.

Conforme o diretor técnico do São Lucas, Saulo Bornhorst, enquanto a rede de saúde se organiza para dar conta dos casos de coronavírus, a saúde dos demais pacientes não pode deixar de receber atenção.

- O hospital ficará dedicado a cuidar da população que sofre com doenças crônicas e de alto risco, que exigem profissionais e estrutura adequados - ressalta o diretor.

Receba duas vezes por dia um boletim com o resumo das últimas notícias da covid-19. Para receber o conteúdo gratuitamente, basta se cadastrar neste link.

Quer saber mais sobre o coronavírus? Clique aqui e acompanhe todas as notícias, esclareça dúvidas e confira como se proteger da doença.

26/03/2020 | GZH | gauchazh.clicrbs.com.br | Geral

Startups se mobilizam para criar tecnologia que ajude sociedade a vencer o coronavírus

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2020/03/startups-se-mobilizam-para-criar-tecnologia-que-ajude-sociedade-a-vencer-o-coronavirus-c-k896gmcx021a01rzo8o8luf.html>

Ferramentas de apoio para pessoas, empresas e médicos nascem nos parques tecnológicos gaúchos

Equipe da IPay disponibilizou gratuitamente a pequenas empresas ferramenta de cobrança online Divulgação / IPayAvançavam rapidamente as primeiras notícias sobre o contágio do coronavírus no Brasil e a necessidade de medidas de isolamento quando os sócios da Ipay, startup instalada no Parque Tecnológico de São Leopoldo (Tecnosinos), se reuniram às pressas.

- As pequenas empresas vão quebrar - alertou Deise Machado, consultora de negócios da Ipay.

O alarme fora acionado com base na experiência da própria startup no mercado. Escolas, cursos de inglês, empresas de segurança de bairro e associações de classe, em grande parte, ainda fazem as cobranças de mensalidades por boleto entregue em mãos. À distância, sequer poderiam contatar os usuários, ainda que mantivessem parcialmente seus serviços.

A Ipay viu espaço para amenizar o drama. Seu produto, um gerador online de boletos e registros de cartão de crédito, passou a ser disponibilizado gratuitamente para pequenas e médias empresas - a licença de uso até então custava quase R\$ 500. Em apenas dois dias, a base de usuários da Ipay aumentou mais de 10%.

- As empresas se viram obrigadas a mudar da noite para o dia. Muitas vezes, o empresário não sabe das tecnologias à sua disposição, e resolvemos ajudar neste momento - afirma Celso Júlio da Silva, sócio da startup.

Iniciativas como a da Ipay têm se multiplicado entre as startups em meio à tensão com o coronavírus e a necessidade de isolamento social. Diversos negócios digitais passaram a abrir seu conteúdo pago - desenvolvido à base de pesado investimento - para ajudar pessoas e empresas a atravessarem com menos sofrência os tempos de reclusão.

O serviço de streaming Amazon Prime Vídeo liberou globalmente seu conteúdo infantil por período indeterminado. A empresa também abriu centenas de livros digitais para download grátis na loja virtual Kindle. Já a Adobe disponibilizou sem cobrança alguns de seus aplicativos para facilitar o ensino à distância. No Brasil, a Globoplay liberou a não assinantes alguns conteúdos voltados para crianças e adolescentes.

- As empresas de tecnologia trabalham muito com a ideia de propósito, como seus serviços podem melhorar a vida das pessoas. E este é um momento em que ganhar dinheiro ficou em segundo plano em relação à saúde e segurança de famílias e comunidades - avalia Jorge Audy, superintendente de Inovação e Desenvolvimento da PUCRS.

No Parque Científico e Tecnológico da universidade (Tecnopuc), negócios de jogos e entretenimento abraçaram a causa de estimular as pessoas a permanecerem em casa. A Rockhead Games, desenvolvedora da série Starlit Adventures, com 14 milhões de downloads em smartphones e no console PlayStation 4, passou a distribuir em suas redes sociais códigos para isentar conteúdo pago dentro do game. Jogadores que enviam fotos brincando em casa são brindados com cupons de gratuidade.

- É um jogo de aventura e sem anúncios que consideramos saudável para pais e filhos brincarem juntos. Queremos que sirva de estímulo para que as pessoas continuem em casa se protegendo do coronavírus - afirma Christian Lykawka, um dos fundadores da Rockhead.

Escritório da Rockhead, no Tecnopuc
Divulgação / Rockhead
Nas últimas semanas, a quantidade de usuários do jogo, que é oferecido sem cobrança, cresceu 20% em razão do isolamento domiciliar. E a receita com a venda de acessórios ou personagens pagos aumentou na mesma proporção.

- Achamos justo retribuir aos jogadores esta proximidade - diz Lykawka.

Tecnologia para a saúde
Os negócios digitais têm se movimentado para oferecer tecnologias que possam frear a propagação da doença. Startups gaúchas têm mergulhado na criação de softwares e aplicativos que ajudem equipes médicas a fazerem consultas remotas, organizem plantões hospitalares com alto número de funcionários e até gerem questionários com embasamento científico para identificar possíveis infectados.

A Stargrid, instalada no Tecnopuc, acrescentou novas funcionalidades a sua plataforma de gestão de escalas em hospitais. A empresa, com clientes como Hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre, e Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, usou Inteligência Artificial para filtrar funcionários de áreas operacionais e médicas nos grupos de risco para manter distância dos infectados. Pelo programa, enfermeiros e técnicos poderão avisar ao gestor da escala se estão com algum sintoma da covid-19, e então serem imediatamente afastados.

- Passamos os últimos dias trabalhando até 15 horas para atualizar a plataforma com funções que possam achatar a curva de transmissão do coronavírus - explica Guilherme Bunse, CEO da Startgrid.

Até esta sexta-feira (27), mais de 80 programadores voluntários de diferentes países estão mobilizados para pensar em tecnologias que ajudem a healthtech (startups da área da saúde) Eagle Care, instalada no Tecnosinos, a ajustar sua plataforma para contribuir no combate ao coronavírus. Ao final do processo, a empresa oferecerá chat online entre pacientes e voluntários da área da saúde, incluindo médicos e psicólogos, serviço de consulta à distância por vídeo e questionários que indicarão risco de o usuário estar com o coronavírus, feitos com suporte de professores da Faculdade de Medicina da Unisinos.

- Os serviços serão disponibilizados gratuitamente por seis meses às prefeituras - projeta Moisés Lima, diretor da Eagle Care, ao informar que municípios como Rio Grande e São Leopoldo já manifestaram interesse pelo uso.

Iniciativas como esta, que buscam colaboração para conter a pandemia, têm se alastrado pela comunidade da inovação no país. A 100 Open Startups, plataforma aberta que conecta empresas e startups, lançou um chamado emergencial para o desenvolvimento de ferramentas que resolvam problemas trazidos pelo coronavírus. Mais de 300 startups e 70 instituições já se inscreveram para trabalhar em ideias que melhorem tratamento de pacientes, distribuição de informação, logística de medicamentos, entre outros.

Diversas organizações de tecnologia e empreendedorismo gaúchas, ao lado de governo do Estado e prefeitura da Capital, se uniram para promover o projeto Start.Health: Startups vs Covid, uma seleção de startups que possuam soluções capazes de ajudar no combate imediato à doença. As inscrições ocorrem até 31 de março neste site.

Já o Tecnopuc abriu seus laboratórios para a comunidade testar produtos, processos ou serviços que ajudem a combater o coronavírus. O local tem equipamentos de ponta para fazer maquetes, impressoras 3D e ambiente de modelagem de projetos.

- É natural que as startups, que são muito ágeis no desenvolvimento de soluções e responsivas às demandas do mercado e da sociedade, estejam mobilizadas para ajudar a combater o coronavírus - avalia Jorge Audy, do Tecnopuc.

Receba duas vezes por dia um boletim com o resumo das últimas notícias da covid-19. Para receber o conteúdo gratuitamente, basta se cadastrar neste link

Quer saber mais sobre o coronavírus? Clique aqui e acompanhe todas as notícias, esclareça dúvidas e confira como se proteger da doença

26/03/2020 | GZH | gauchazh.clicrbs.com.br | Geral

Como os infectologistas enfrentam o desafio de suas vidas

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2020/03/como-os-infectologistas-enfrentam-o-desafio-de-suas-vidas-ck8981s6e022601rzh24kpgih.html>

Conheça as particularidades e a rotina antes discreta, agora bastante movimentada, dos médicos que estão na linha de frente do combate ao Coronavírus

Na pandemia de H1N1, já havia um remédio e a tecnologia da vacina estava adiantada. Com o coronavírus, é diferente. "É o maior desafio que já tive", diz Alexandre Zavascki Isadora Neumann / Agência RBSNos últimos dias, só cresce a quantidade de mensagens chegando no celular de Maria Helena Rigatto, 37 anos, professora de infectologia da Escola de Medicina da PUCRS e médica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Colegas, pacientes, amigos e familiares se revezam enviando dúvidas, agradecimentos e apoio. O mesmo se repete com outros infectologistas. Eles recebem mensagens que dizem "obrigada por tudo!!!", "espero que você esteja bem", "chegou meu exame de sangue, o que eu faço?".

- O WhatsApp está movimentado. Há muitas situações práticas em que outros médicos e residentes não sabem como proceder - relata Maria Helena, isolada em casa após ter tido contato com um parente diagnosticado com coronavírus.

- Tem gente que manda chocolate, mantra "para limpar as energias", tem até um rapaz do hospital que envia músicas que ele faz - conta Maura Salaroli de Oliveira, 44, gerente da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar do Sírio-Libanês em São Paulo, epicentro da doença no Brasil.

Maura acrescenta que a atenção também pode ser negativa, com críticas vindas dos colegas "sabe-tudo", ou preconceito da população:

- Vim de táxi e notei que o taxista botou a máscara. Outra médica já sofreu até bullying de vizinhos que não a queriam no mesmo elevador. Notamos que as pessoas têm receio, mas também vem respeito e orgulho.

Com a chegada da covid-19 ao Brasil, os infectologistas passaram a ser muito mais vistos. Especialistas em doenças infecciosas, são as fontes a quem todos recorrem para entender a pandemia. Mas, desde janeiro, boa parte deles já trabalhava silenciosamente na preparação dos hospitais para o coronavírus.

- Começamos a viver a epidemia antes dos casos chegarem, no fim de janeiro. Era um assunto predominante e vínhamos nos reunindo regularmente com ambulatórios de todo o mundo para discutir os casos, revisando a literatura - conta Maria Helena.

Isolada em casa, com o filho, o marido, a tia e a mãe, a médica tem trabalhado ainda mais do que antes, fazendo reuniões online e supervisionando os residentes de infectologia. A rotina já vinha mudando antes da quarentena:

Amédica do Hospital de Clínicas Maria Helena Rigatto está de quarentena, mas trabalhando Maria Helena Rigatto / Acervo Pessoal- Em um dia normal, eu me reunia com os residentes, via os pacientes nos leitos. Mas isso mudou, tivemos de separar uma equipe específica para pacientes de coronavírus, passamos a fazer as reuniões ao ar livre e agora mantemos a maior parte dos contatos online. Também aumentou o número de leitos pelos quais somos responsáveis.

Os infectologistas sabiam que o vírus chegaria no Brasil, pois estudam o comportamento das infecções não só em um indivíduo, mas na sociedade como um todo.

- A lógica das doenças transmissíveis é diferente das não transmissíveis, que é a especialidade da maioria dos médicos. O aspecto social é importante, pois é preciso entender como as doenças se comportam na sociedade para determinar medidas de prevenção e controle - explica Alexandre Zavascki, 45 anos, chefe do Serviço de Infectologia do Hospital Moinhos de Vento e professor de infectologia da UFRGS.

O médico ressalta que o infectologista não é muito conhecido porque é mais procurado por colegas buscando ajuda na avaliação de doenças infecciosas ou para encaminhar pacientes. A maioria dos pacientes frequentes é portador do vírus HIV, porém, há outras subespecialidades, como as infecções hospitalares - área de Zavascki.

- Coordeno uma equipe de infectologistas, residentes e enfermeiros que fazem parte do controle de infecção, uma área que está trabalhando bastante porque organiza todas as rotinas hospitalares, os fluxos, para atender pacientes com doenças contagiosas - explica o médico.

Essa também é a área de Maura, cuja rotina foi virada do avesso em São Paulo. Até quarta-feira, o Sírio-Libanês havia recebido 200 casos de coronavírus, mas ela estava satisfeita porque apenas três funcionários foram contagiados. Com a experiência de quem já passou pela epidemia do H1N1 e a ameaça do Ebola, a médica tem treinado as equipes para lidar com a covid-19.

Maura de Oliveira chefia Comissão Controle de Infecção Hospitalar do Sírio-Libanês, em São Paulo Divulgação / Hospital Sírio Libanês- Sempre estamos alerta, especialmente para as doenças de infecção respiratória que começam fora e vêm para dentro do hospital. Desde meados de janeiro, seguimos de perto as notícias e iniciamos as reuniões, preparando o pronto atendimento, focando em identificar os sintomas. Agora que chegou, trabalhamos com pressão de tudo que é lado, então não é só a parte técnica, mas a emocional também.

Zavascki e Maura protegem os profissionais que estão na linha de frente, entrando em contato direto com pacientes. Por isso, são procurados por todos os setores do hospital em busca de orientações.

- Agora todos checam bem o jeito como usam a máscara. Batemos na tecla da higiene das mãos há anos! Antes, era "lá vem as chatas da infectologia", agora são eles que vêm atrás da gente - diz Maura, bem-humorada.

Segundo Zavascki, os infectologistas enfrentam três desafios no momento: como cuidar do paciente sem um tratamento comprovadamente eficaz, como proteger os profissionais da saúde, considerando a escassez de equipamentos de proteção, e como orientar a sociedade.

-Sem dúvida nenhuma este é o maior desafio que já tive. Na pandemia de H1N1, tínhamos um remédio altamente eficaz e a vacina foi desenvolvida rapidamente, porque já se tinha tecnologia para a vacina do influenza. Agora, o vírus tem alta transmissibilidade e

não temos perspectiva de ter vacina até o ano que vem - resume o médico.

Estudo André Machado da Silva, do Hospital Conceição: infectologista é movido a curiosidade André Luiz Machado / Acervo Pessoal
Leva-se tempo para se tornar infectologista. Mais precisamente, nove anos - seis na faculdade de Medicina e três na residência, que pode ser estendida por um ano. É comum seguir estudando depois, buscando um mestrado, um doutorado e um pós-doutorado. Para André Luiz Machado da Silva, infectologista do Hospital Conceição, o mais importante é ser um profissional ávido por conhecimento já que é preciso entender não só de um órgão ou sistema, mas de todo o corpo, para tratar de uma meningite (sistema nervoso), pneumonia (pulmão), pielonefrite (rins), erisipelas (pele), endocardite (coração) e outras doenças.

- Um bom médico deve ser curioso - estabelece Silva.

Ele compartilha um caso ocorrido anos atrás para ilustrar seu lema pessoal de que, na medicina, não se usam as palavras "nunca" e "sempre". Uma jovem portadora de HIV estava internada com complicações no sistema nervoso central, sem perspectivas de melhora.

- Era uma menina que ficou mais de 16 meses internada com dieta por sonda, sem interação. Chegou uma hora em que o hospital não tinha mais o que oferecer, então a equipe de infectologia se mobilizou e comprou cadeira de rodas, agilizou um seguro social pelo INSS e conseguiu uma clínica para ela ter cuidados básicos. Só que, na noite de Natal, ela simplesmente resolveu acordar. Abriu os olhos, e dali começou a melhora clínica que levou à alta. Hoje ela usa cadeira de rodas, mas mantém qualidade de vida levando em consideração que teve uma doença neurológica grave.

O caso é conhecido no hospital como o "milagre de Natal", conta o médico, desculpando-se por conversar com a reportagem às 23h30min de uma terça-feira. É só nesse horário que tem conseguido responder ao turbilhão de perguntas que chegam pelo WhatsApp.

- Participar de forma ativa como médico infectologista da minha segunda pandemia, sendo a primeira a do H1N1, é desafiador, mas fascinante, porque nos faz esquecer as horas que estamos trabalhando - ressalta o médico.

Silva é casado e tem dois filhos pequenos (de dois anos e de sete meses). Conta que tem procurado manter a rotina familiar mesmo com a perspectiva do aumento do trabalho.

- O que mais me deixa ansioso e estressado é não perder o controle em relação a me proteger e orientar os residentes a se proteger, porque a população precisa do nosso trabalho, expertise e atenção.

Zavascki, por sua vez, cumpre expedientes diários de 12 a 14 horas há três semanas. Há pouco tempo para a família e, quando há, é preciso manter distância. Como ele e a ex-mulher trabalham na área da saúde, as filhas gêmeas de 13 anos estão aos cuidados de parentes.

- Provavelmente quem mais sintam são as filhas, que estão afastadas de mim neste momento, mas a gente sabe que faz parte, e estamos trabalhando para que tudo passe o mais rápido possível - diz.

Motivação Enquanto toda a população se isola e foge do coronavírus, os infectologistas trabalham em meio a ele. Embora eles e outros profissionais que estão na linha de frente do combate à doença, atendendo em postos de saúde e emergências, precisem ter preparo psicológico para lidar com a situação, não são isentos de medo. Maura tem reparado que, nos treinamentos dados aos colaboradores, a parte emocional tem cada vez mais relevância:

- Tem gente que pergunta se vai ser obrigado a atender, porque tem medo. Muitas vezes nossos treinamentos são só ouvir e acalantar corações, algo que não era uma prerrogativa nossa. Uma das coisas que mais me motivam é colaborar para capacitar quem está na linha de frente.

Na semana que vem, Maria Helena deixa a quarentena e volta para essa linha de frente.

- Ficar parado é angustiante nessa situação. É uma oportunidade de ser ativo numa situação mundialmente preocupante, foi para isso

que nos formamos - ela sentenciar.

Receba duas vezes por dia um boletim com o resumo das últimas notícias da covid-19. Para receber o conteúdo gratuitamente, basta se cadastrar neste link [Quer saber mais sobre o coronavírus? Clique aqui e acompanhe todas as notícias, esclareça dúvidas e confira como se proteger da doença](#)

26/03/2020 | Jornal do Comércio | jornaldocomercio.com | Geral

Empreender no meio musical vai muito além dos palcos

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/ge2/noticias/2020/03/728609-quando-empreender-no-meio-musical-vai-muito-alem-dos-palcos.html

Artistas e produtores encontram formas de viver da arte

A vontade de empreender pode surgir a partir de diversos contextos. No caso do músico Mike Maidana, 32 anos, o que o influenciou foi a dificuldade de encontrar estúdios especializados em ritmos como R&B e rap.

"Querida qualidade na hora de gravar. Não tinha quem desse atenção para os estilos urbanos e tivesse a estrutura que eu queria. Então fui lá e criei a MK Sounds em 2011", conta. Com o tempo, ele agregou serviços audiovisuais e percebeu que o nome não comportava mais o trabalho. Trocou para Konvictus, em 2014.

Com uma cartela de, aproximadamente, 200 clientes, a produtora atende artistas interessados em escalar o mercado musical e também os que buscam satisfação pessoal ou um hobby. O cantor Lumi (da quinta temporada do The Voice Brasil) e a dançarina e cantora Lorena Simpson já gravaram no local.

Mike, antes de viver da música, atuou em diversas áreas. "Trabalhei em restaurante, mercado, fui montador de móveis e, por último, padeiro. Saí para apostar no que eu sempre quis fazer, que era viver de arte. Peguei o dinheiro da rescisão e investi em mais equipamentos para o estúdio. Aqui, tu não encontra o melhor microfone do mundo, o amplificador mais caro, mas sim os aparelhos especializados para a melhor captação de ritmos urbanos", explica.

A Konvictus conta com uma equipe de quatro pessoas. O produtor Gean Brasil é um deles. Beatmaker desde 2008, aos 12 anos de idade, tinha contrato com duas gravadoras norte-americanas. "Fazia beat em casa, comecei de brincadeira, usando um programa demo e disponibilizando na internet. Fui me profissionalizando, até que me encontraram da Califórnia. Tive contrato até os 15 anos com eles. Foi uma experiência muito boa, porque eu ganhava alguns dólares e podia investir em peças de roupa e acessórios. Nós, que somos do rap, precisamos mostrar atitude", entende Gean.

NÍCOLAS CHIDEM/JC

O profissional diz que se adapta ao que o artista necessita. "Posso desempenhar o papel de produtor, engenheiro de som, compositor, beatmaker, enfim, bastante coisa. Sempre prezando por qualidade e inovação."

Para o futuro, Mike almeja que a Konvictus torne-se uma gravadora que ofereça contratos. Por esse motivo, está em busca de investidores. "Acredito na nossa força, no nosso trabalho e no dos artistas que temos", celebra.

Apresentações de coletivo de poesia afrocentrado se espalham pelo País

Visita do grupo poético/musical Poetas Vivos. Na foto: Felipe de Freitas Corrêa e Djimitri Souza Rodrigues

Visita do grupo poético/musical Poetas Vivos. Na foto: Felipe de Freitas Corrêa e Djimitri Souza Rodrigues. Foto: LUIZA PRADO/JC

O coletivo Poetas Vivos é uma iniciativa afrocentrada que abrange poetas, grafiteiros, dançarinos, DJs e atores que têm a poesia

como norte. Os artistas são contratados por bares, restaurantes, escolas, universidades e casas noturnas para apresentarem suas intervenções, que têm chamado a atenção do público.

Isso porque a principal característica do grupo é falar sobre problemáticas como racismo, machismo e situações que surgem a partir desses preconceitos. Felipe Deds, 22 anos, um dos fundadores do coletivo, conta que a proximidade com a poesia começou na infância. "Desde pequeno, escrevo o que sinto. Sem formato de rima, só para botar para fora o que tenho dentro de mim. Escutava rap e ficava impressionado com os caras", lembra.

Ele e Djimitri Rodrigues, conhecido como Danova, 24 anos, que também integra o grupo, moravam no bairro Jardim Carvalho, onde as ideias começaram a brotar. "Tínhamos um amigo, o Arabin, que nos mostrou batalhas de rima improvisada, e nos encantamos. Começamos a frequentar", detalha Deds.

A morte de Arabin, vítima de depressão, motivou ainda mais a dupla a externar os sentimentos. "A partir disso, não conseguia mais ver as coisas do mesmo jeito. Não queria rimar falando coisas só pelo calor do momento", expõe Deds. Começou, então, a fazer poesia, em 2017.

Naquele ano, o slam (campeonato de poesia de rua) chegou a Porto Alegre, e uma nova história começou a ser escrita.

O currículo de Deds só cresceu na sequência. Ele venceu as edições de praticamente todos os slams do Estado, incluindo a Seletiva Regional de Duplas e o Slam Nacional em Dupla, ao lado da poeta Agnes Mariá. Ele também foi contratado pelo Centro de Juventude Restinga para dar aulas de poesia para adolescentes e jovens adultos em situação de rua, drogas ou vulnerabilidade social.

Em 2018, Deds, ao lado de outros poetas gaúchos com vivência nacional, iniciou o Poetas Vivos. De lá para cá, lançaram projetos poéticos e singles na internet, zines e um livro.

Pensando em expansão, o grupo gaúcho concedeu a permissão para que artistas de outros estados usassem o nome da iniciativa. Hoje, portanto, a marca está no Acre, no Rio de Janeiro, na Bahia e em Santa Catarina.

Para Danova, viver da própria arte não é mais uma escolha, mas uma necessidade.

"Para nós, que somos crias da rua, é difícil a adaptação em uma empresa na qual as pessoas que chefiam não entendem nossa vivência. Antes, eu rimava e trabalhava. Hoje, rimar é o meu trabalho, e percebo o quanto eu usava a poesia para descarregar algumas frustrações individuais. Viver disso me dá mais bagagem para analisar nosso contexto e pensar de forma ampla. Não sei se conseguiria voltar ao que era antes", comenta.

A atual formação de poetas do coletivo conta, ainda, com Mica, Dickel e Pretana.

Quem não encontrar os Poetas Vivos na rua pode acompanhá-los pelas redes sociais.

Desde 1987 na estrada, ex-vocalista do TNT segue na ativa

Charles Master se apresenta em casas noturnas do Estado e de fora

Charles Master se apresenta em casas noturnas do Estado e de fora. Foto: MARCO QUINTANA/JC

No apartamento em Porto Alegre que usa como retiro para suas composições, o ex-vocalista da banda TNT, Charles Master, guarda dezenas de discos, instrumentos, CDs e outros elementos que remetem à música. Ele tem uma relação muito especial com a arte, pois ela lhe proporcionou viver situações inesquecíveis. Hoje, Charles faz shows em casas noturnas. "Eu tinha um violão, Flávio Basso (o Júpiter Maçã) tinha outro. Nós fomos melhores amigos de infância, e começar a fazer música foi mais uma das nossas brincadeiras", conta.

A brincadeira virou negócio. Em 1987, surgiu o TNT, que ficou em voga até o final de 1992. Contemporânea de grupos como Engenheiros do Hawaii e Os Replicantes, a banda enfrentou dificuldade quando ritmos como o axé e o pagode viraram febre, nos anos 1990.

"Era bem na época de músicas como 'Na boquinha da garrafa'. Os caras tomaram conta, e a gente acabou voltando para o Sul. Como um negócio que entra em baixa. Estávamos bem, tocamos no Globo de Ouro, no Chacrinha e na Xuxa, por exemplo. De repente, não tinha mais tanto espaço", lembra Charles. O músico, que havia trancado a faculdade de Jornalismo para se mudar para o Centro do País, decidiu reingressar na Pucrs em meio ao cenário desfavorável ao seu estilo. Nessa época, teve que trabalhar em outros segmentos. Para manter a música em sua vida, administrou uma revenda de carros e ainda gerencia uma estética automotiva. "Sabia que era importante e que depois, na volta, ia estar mais maduro, mais eficaz na forma de contar minha história e passar tudo para os outros", entende.

O retorno começou aos poucos. Charles lançou seu primeiro disco solo em 2000. Três anos depois, o TNT se reuniu e gravou um DVD. 2005 marcou o último trabalho da banda em conjunto. Em 2008, Charles lançou o álbum Ninguém é perfeito, do qual se orgulha bastante, dizendo que "muitos nomes de grandes rádios consideram esse um dos maiores álbuns da história do rock gaúcho". O último projeto dele foi em 2012, com o CD e DVD Charles Master ao vivo, que teve uma tiragem distribuída no mês de dezembro do ano passado.

Hoje, além do Rio Grande do Sul, ele se apresenta em outros estados e aposta nas redes sociais e em seu site. "Meu filho mais velho que cuida. Quando entendi que isso era importante, não me distanciei mais. Dou uma mexida também. O problema é que muitos da geração que curti o TNT na época que estourou não estão nas redes."

A quantidade de seguidores no Instagram, no entanto, não tem muita relevância para o músico, que percebe uma renovação do seu público. "Há pouco, estive em Caxias do Sul. Muita gente da minha geração acompanhada pelos filhos. Todos cantando juntos. Alguns adolescentes desacompanhados buscando pelo meu trabalho sem ter uma figura mais velha do lado. Depois do show, fiquei duas horas dando autógrafos e tirando fotos. Sou suspeito para falar dos meus trabalhos, mas, caso não tivessem sido bons, isso não aconteceria", entende.

Charles, agora, projeta um futuro junto à família, mas sem deixar de produzir músicas. "Quero curtir meus filhos, ficar com a minha esposa e ter força e saúde para compor com as pessoas que eu gosto, e, quem sabe, descobrir novos parceiros. Certamente, se eu tivesse nascido com a quantidade de hits que tenho e que ainda vou botar na rua, viveria de direito autoral e não precisaria mais tocar para sustentar minha família", diverte-se.

Os materiais do ex-líder do TNT podem ser encontrados por meio de seu Instagram @charlesmasteroficial e de seu site.

26/03/2020 | Jornal do Comércio | jornaldocomercio.com | Geral

Eventos

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/ge2/agenda/2020/03/731557-eventos.html

Batizada de 24h para o futuro, maratona virtual contará com influenciadores, líderes empresariais e outras personalidades em sessões transmitidas ao vivo na próxima quinta e sexta-feira, 26 e 27 de março.

Serão lives de até 40 minutos com a participação de 36 líderes que têm experiência no mercado e no cenário nacional, com cases de sucesso. A maratona terá a presença de nomes como Paulo Morais e Ygor Moura, fundadores do Espaço Laser; Monge Satyanatha, autor do livro Seja Monge: A Arte da Meditação; Renan Dal Zotto, técnico da seleção brasileira de vôlei; Nathália Arcuri, fundadora da Me Poupe!; Daniela Leita, criadora da Comida Invisível; e de outras dezenas de lideranças. Acompanhe: <https://bit.ly/3ajnokY>

O Startup Garagem, Programa de Modelagem de Negócios do Parque Científico e Tecnológico da PUCRS (Tecnopuc), teve sua 8ª edição adiada por conta da delicada situação envolvendo o coronavírus. Para seguir com os conteúdos que auxiliam empreendedores a transformarem ideias em negócios, o Tecnopuc lança o Startup Garagem Drops, uma série de lives no Instagram do Parque com conteúdos especiais sobre empreendedorismo e inovação. Para mais informações: <https://bit.ly/33O9Vzp>

26/03/2020 | Jornal do Comércio | jornaldocomercio.com | Geral

São Lucas começa a receber pacientes de alta e média complexidade

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/especiais/coronavirus/2020/03/731580-sao-lucas-comeca-a-receber-pacientes-de-alta-e-media-complexidade.html

Enquanto hospitais como Conceição e Clínicas em Porto Alegre são referência para casos de coronavírus, instituições como o Hospital São Lucas (HSL) da Pucrs vai dar conta dos atendimentos de média e alta complexidade em geral. A medida entrou em vigor nesta quinta-feira (26) e foi definida pela Secretaria Municipal de Saúde. O São Lucas informa que estruturou o atendimento para receber doentes graves pelo SUS. A necessidade de liberar leitos tanto de enfermaria como de UTI para casos mais graves com a Covid-19 levou à medida. Pacientes do SUS que necessitem de atendimento neurológico, cardiológico, oncológico, entre outras especialidades, serão direcionados ao São Lucas. "O HSL ficará dedicado a cuidar da população que sofre com doenças crônicas e de alto risco, como por exemplo doenças cardíacas, neurológicas, oncológicas e de outras especialidades com um nível de média e alta complexidade, que exigem profissionais e estrutura adequados", ressalta o diretor técnico do HSL, Saulo Bornhorst. > Confira a cobertura completa da pandemia de coronavírus

26/03/2020 | Meio Norte | meionorte.com | Geral

Artigo: Coronavírus (Covid-19) e reflexos nas relações de trabalho

<https://www.meionorte.com/noticias/artigo-coronavirus-covid-19-e-reflexos-nas-relacoes-de-trabalho-385091>

O artigo foi escrito pelo Juiz do Trabalho, Professor Efetivo da UESPI e Mestre em Direito (PUCRS), Carlos Wagner Araújo Nery da Cruz

Por Carlos Wagner Araújo Nery da Cruz

Juiz do Trabalho, Professor Efetivo da UESPI e Mestre em Direito (PUCRS)

O governo federal publicou a Medida Provisória nº 927, de 22 de março de 2020, para enfrentamento do estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 06, de 20 de março de 2020, e da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (covid - 19).

Um dos principais artigos da Medida Provisória, um dos artigos de abertura, é justamente o artigo 2º, disciplinando que empregado e empregador poderão celebrar acordo individual escrito, a fim de garantir a permanência do vínculo empregatício sobre os demais instrumentos normativos, legais e negociais, respeitados os limites na Constituição.

A Medida Provisória nº 928, de 23 de março de 2020 (Medida Provisória da Medida Provisória) revogou apenas o art. 18 da Medida Provisória nº 927, de 22 de março de 2020, que tratava do "direcionamento do trabalhador para qualificação" sem a devida remuneração do período. O restante do texto continua em vigência.

A Medida Provisória nº 927 diz também, no parágrafo único do seu art. 1º, que o estado de calamidade pública, para fins trabalhistas, constitui hipótese de força maior, nos termos no disposto do art. 501 da Consolidação das Leis do Trabalho.

De fato, os artigos 501 e seguintes da Consolidação das Leis do Trabalho disciplinam hipóteses de força maior, qual seja, um acontecimento inevitável, em relação à vontade do empregador, e para a realização do qual este não concorreu, direta ou indiretamente. E aí, de fato, podemos enquadrar a questão da pandemia.

Nesse sentido, a Consolidação permite a redução dos salários dos empregados em até 25% (CLT art. 503), respeitado, em qualquer caso, o salário mínimo. Uma leitura desatenta poderia motivar a interpretação de que a legislação trabalhista permite a redução de salário em caso de força maior.

Certo, mas o parâmetro constitucional é claro nesse sentido, qual seja, o princípio da irredutibilidade salarial pode ser flexibilizado, mas apenas mediante acordo ou convenção coletiva, conforme art. 7º, inciso VI, da Constituição Federal.

Entretanto, o que a Medida Provisória fez? Ela empurrou para negociação individual entre empregados e empregadores a resolução dos conflitos graves que surgirão por força da pandemia. Como, diante de uma situação de força maior habilitar as partes para negociações tão complexas?

O caminho adequado para a flexibilização das relações de trabalho é a negociação coletiva. Excluí-la do processo ao invés de trazer benefícios aos empregados e empregadores pode gerar mais inseguranças e incertezas jurídicas.

Não se pode entregar ao empregado e ao empregador o ônus de uma travessia tão complexa, que será feita durante os meses que se aproximam, ainda mais incentivando a negociação individual em tais situações, contrariando a Constituição Federal.

Algumas saídas podem ser encontradas.

Em caso de suspensão do contrato de trabalho em virtude de participação do empregado em curso ou programa de qualificação oferecido pelo empregador, o art. 2º-A da Lei nº 7.998/1990, possibilita bolsa de qualificação profissional, a ser custeada pelo Fundo de Amparo do Trabalhador, retirando do empregador tal ônus durante o período de suspensão.

A redução salarial de até 25%, conforme disciplina o art. 503 da CLT, quando de força maior, seria possível não mediante negociação individual entre empregado e empregador, mas por meio de negociação coletiva, com a participação dos sindicatos das categorias econômicas e profissionais. Nesse caso, a participação de Auditores Fiscais do Trabalho e dos Procuradores do Trabalho será de suma importância para colaborar ou impulsionar a negociação num momento de crise como o atual.

O art. 20 da Lei nº 8.036/90, a Lei do FGTS, no seu inciso XVI disciplina que a conta vinculada pode ser movimentada pelo trabalhador em caso de necessidade pessoal, cuja urgência e gravidade decorra de desastre natural. Efetivamente não estamos falando de um desastre natural em si, mas através de regulamentação o governo federal pode permitir a movimentação em caso de pandemia, como agora. Os valores da movimentação também podem ser limitados, resguardando-se a conta vinculada do trabalhador para futuras necessidades.

Além disso, a utilização do seguro-desemprego em tais hipóteses tem amparo legal. Uma das finalidades do programa é auxiliar os trabalhadores na preservação do emprego, conforme dispõe o art. 1º, inciso II, da Lei nº 7.998/1990. Nada obsta que o governo utilize desse remédio pelo menos nos três primeiros meses da pandemia, diante da recessão que se avizinha.

Tais medidas, portanto, contribuiriam para a relação entre os princípios da livre iniciativa e do valor social do trabalho, fundamentos da República Federativa do Brasil. Elas iriam equilibrar os princípios da continuidade da relação de emprego e da preservação da empresa, o primeiro caro ao Direito do Trabalho, o segundo caro ao Direito Empresarial. Tudo isso passa, necessariamente, pela preservação e valorização da negociação coletiva, com participação dos sindicatos e das autoridades em matéria trabalhista. No fim, caso necessário, a Justiça do Trabalho estará pronta para dirimir possíveis conflitos, aplicando o princípio da conciliação e valorizando o equilíbrio necessário entre o capital e o trabalho.

26/03/2020 | Roteiro da Sara | 1023.clicrbs.com.br/roteirodasara/ | Geral

Roteiro em casa: delivery sem glúten, doces deliciosos e curso de desenho grátis

<http://1023.clicrbs.com.br/roteirodasara/2020/03/26/agenda-roteiro-em-casa-de-28-a-3-de-abril/>

Jóias de chocolate

Foto: Divulgação

A Dots Chocolaterie, empresa gaúcha comandada pela chocolatier Teresa Cicchelero, criou uma coleção especial de chocolates com design e sabores diferenciados para a Páscoa. Todos os itens são exclusivos e fabricados de forma artesanal com chocolates importados da Bélgica e da França.

Os produtos são artísticos. O Ovo Ametista, por exemplo, lembra a lapidação de pedras semi-preciosas (um pedacinho delas, inclusive, acompanha os 500 gramas de chocolate do ovo) e têm no interior grignotine, amêndoas tostadas, pailleté feuilletine e mais chocolate. Já a colaboração com o chef Cássio Cevallos é inspirada no México e tem como destaque o Ovo Frida.

Informações e encomendas pelo WhatsApp (51) 99929-9491. Doces sustentáveis

Foto: Lisa Roos/Divulgação

Quem disse que doces saudáveis não podem ser deliciosos? Minha dica são os doces da Hy Organic Food, com a assinatura da chef Biba Retamozo. Biba é pesquisadora da culinária funcional e produzida a partir de plantas.

Tudo é natural, com aproveitamento integral dos insumos, e pensando na sustentabilidade; a empresa aposta na compostagem e tem meta de "lixo zero".

A linha tem trufas, fudges, tortas e um doce vegetal, elaborado com leite de amêndoas e açúcar de coco. Para a Páscoa, a Hy Organic elaborou duas opções de ovos (100% cacau e recheado com caramelo de amêndoas) e duas de caixas de trufas de 12 unidades (normal e diet). Informações e encomendas podem ser feitos pelo WhatsApp (51) 99762-7640 até o dia 07/04. Tele para celíacos e intolerantes

Foto: Divulgação

O Restaurante A Colher, que desde 2012 recebia diariamente os clientes no almoço com um buffet onde todas as opções eram seguras para intolerantes a glúten (celíacos), inovou em tempos de isolamento social oferecendo um menu diário por delivery ou para buscar no local.

De segunda a sexta, os clientes podem receber o almoço em casa, em marmitas que custam a partir de R\$ 22,90. Os valores têm promoção na compra de 5 ou 10 pratos, além da promoção "marmita família", que serve até 4 pessoas.

O restaurante trabalha ainda com congelados que vão desde sopas e lasanhas até miniquiches e sobremesas. Todos os produtos são 100% livres de glúten, além de oferecerem opções também sem lactoses e sem proteína do leite.

O Restaurante A Colher fica na Av. Venâncio Aires, 964. Telentrega pelo WhatsApp (51) 99820-5777. Aprenda a desenhar em casa

A empresa Faber Castell oferece grátis os cursos do seu site até o dia 19 de abril. A iniciativa inclui opções para crianças e adultos. Os pequenos podem conferir técnicas para iniciar no mundo do desenho, oficinas de criatividade, dicas de composição e até galáxias em aquarela.

Já para os adultos, o site oferece cursos online de lettering básico e avançado - aquelas letras desenhadas que podem ser usadas em cadernos, cartões e até como decoração de paredes. Para os mais talentosos, valem também as técnicas para transformar retratos em desenhos, desenvolver personagens e criar narrativas visuais.

Você pode encontrar os cursos online grátis em cursos.faber-castell.com.br/cursos. Concertos da OSPA

Você sabia que os concertos da OSPA (Orquestra Sinfônica de Porto Alegre) podem ser conferidos pela internet com ótima qualidade de som e imagem?

A dica foi de uma seguidora nas redes sociais e me valeu momentos de emoção e relaxamento conferindo o canal da OSPA no Youtube. Aproveite essa pausa e curta diversas apresentações da Orquestra clicando aqui. Quintas de música no Instagram

O Instituto de Cultura da PUCRS convidou jovens artistas do Rio Grande do Sul para integrarem uma programação de apresentações que ocorrem via lives no seu perfil do Instagram - o @puccultura.

Confira a programação da série No Meu Canto:

26/03 - 19h - Pedro Cassel

02/04 - 19h - Paola Kirst e Pedro Borghetti

09/04 - 19h - Glau Barros e Rafa Rodrigues

16/04 - 21h - Juliano Guerra

23/04 - 19h - Clarissa Ferreira

26/03/2020 | Saúde Business | saudebusiness.com | Geral

Telemedicina é liberada no Brasil e pode contribuir no combate ao Coronavírus

<https://saudebusiness.com/ti-e-inovacao/telemedicina-e-liberada-no-brasil-e-pode-contribuir-no-combate-ao-coronavirus/>

Médico brasileiro pós-doutor em Harvard cria tecnologia que conecta médicos e pacientes no país e que pode ser uma aliada contra o Covid-19

Conselho Federal de Medicina (CFM) decide liberar a telemedicina no país a partir de decreto publicado nesta quinta-feira (19). Devido a previsão do aumento do número de casos do Coronavírus e o risco de superlotação dos serviços de saúde, a medida autoriza que os médicos possam fazer atendimentos não presenciais.

Os profissionais em todo país podem a partir de então realizar teleorientação (orientação e encaminhamento de pacientes em isolamento), telemonitoramento (monitoramento de condições de saúde de pacientes) e teleinterconsultas (troca de informações entre médicos).

Nesse sentido, DrChat, uma plataforma criada recentemente no Brasil, nasce para aproximar médicos e pacientes. A ideia é possibilitar que qualquer pessoa possa ter fácil acesso a médicos, a qualquer momento do dia, sem ter que sair de casa.

Telemedicina e o Coronavírus

Segundo Dr. Daniel Branco, médico neurologista, pós-doutor em mapeamento cerebral pela Harvard Medical School e especialista no desenvolvimento de negócios com foco no futuro da saúde digital, há diversos motivos pelos quais a telemedicina se faz essencial nesse momento da pandemia mundial pelo Coronavírus.

"Com a necessidade do isolamento social, os médicos também podem atender seus pacientes por meio de recursos digitais. Assim, todos podem ser menos expostos", afirma.

O especialista lembra que já existem evidências que mostram que a doença não ocorre apenas com os idosos. Inclusive, mesmo os médicos mais jovens, por terem muita exposição ao vírus, podem acumular carga viral e também ficarem doentes. "Não é necessário expor o profissional se o trabalho que ele precisa realizar pode ser feito à distância", reitera.

Plataforma online pode salvar vidas

Neste momento, em todo país, as pessoas têm relatado dificuldade em obter informações corretas. Algumas, na tentativa de saber se estão ou não com o vírus, estão indo aos hospitais, sem necessidade.

Numa situação como essa de confinamento, Dr. Daniel Branco acredita que a revolução digital possa salvar vidas. O médico sempre acreditou que todos poderiam ser mais bem cuidados com um sistema de saúde digital. Agora, com a situação mundial do Coronavírus, essa crença ficou ainda mais forte.

Desde 2013, quando os médicos já começaram a interagir por texto ou áudio por meio de WhatsApp no Brasil, Daniel percebeu a necessidade de criar uma plataforma que fosse melhor que o aplicativo.

A ideia inicial era possibilitar que paciente e médico pudessem agendar uma conversa entre as consultas, já que anteriormente a telemedicina não era aprovada no país. Assim, ambos poderiam ter autonomia para se comunicar quando necessário, sem precisar sair de casa.

"Na época, pensei em criar uma plataforma online com algumas regras de funcionamento, que iriam ajudar o médico no trabalho de fazer o relacionamento com o paciente de forma mais prática, ágil e continuada", afirma.

Cuidados com a saúde não deveriam ser pontuais

Segundo o especialista, a saúde não acontece uma ou duas vezes ao ano, ela é contínua, é uma linha do tempo, está sempre acontecendo. No entanto, o sistema de saúde não funciona desta forma. Ele conta apenas com pequenas interações, eventos pontuais de visita ao médico, de internação, ou realização de exames.

"Acredito que ao digitalizar as interações médicas, é possível que as pessoas sejam continuamente acompanhadas, a ponto de identificar quando uma pessoa deveria estar indo ao médico, mas não está", explica.

Para ele, a consulta online não é onde está o maior potencial da tecnologia. "Na verdade, está em tudo que acontece enquanto não há duas pessoas se enxergando em tempo real", revela.

Por exemplo, o sistema pode identificar quando uma pessoa deveria ter feito uma vacina e não fez. Dessa forma, é possível entrar em contato com a pessoa ativamente. "É uma oportunidade de a saúde deixar de ser reativa, para ser proativa e evitar problemas."

DrChat é uma plataforma online que aproxima médicos e pacientes. Ela possibilita que as pessoas possam conversar com um médico sempre que precisarem. No site é possível que médicos e pacientes façam seu cadastro e utilizem a plataforma de diversas maneiras. O paciente pode ter acesso ao seu próprio médico que já o atende em um consultório, ou a um médico da equipe de medicina da família do DrChat.

Sobre o autor

Dr. Daniel Branco é médico pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), neurologista e doutor em neurociências pela PUCRS e pós-doutor em mapeamento cerebral pela Harvard Medical School. Desde que construiu o primeiro site médico do Brasil, em 1995, Daniel tem dedicado a carreira ao desenvolvimento de tecnologias para a saúde.

Segmento: Outras Universidades

26/03/2020 | ACI NH | acinh.com.br | Geral

Egresso da Feevale auxilia na construção de hospital emergencial em Canoas

Novos leitos foram projetados para tratar pacientes diagnosticados com Covid-19

O egresso do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Feevale, Estevan Castilhos, está auxiliando na construção de estruturas de emergência que abrigarão novos leitos nas Unidades de Pronto-Atendimento (UPAs) Boqueirão e Rio Branco, em Canoas. Castilhos, juntamente a empresas colaboradoras, desenvolveu um projeto para construir esse ambiente para o atendimento da população do município que esteja com sintomas do novo Coronavírus. Os espaços temporários, que contam com dois consultórios, sala de triagem, copa e área para descanso, têm 800m² e terão capacidade para atender 30 pacientes.

A ideia de projetar essa estrutura surgiu em 2018, quando o ex-aluno desenvolveu, em seu Trabalho Final de Graduação (TFG), um projeto de hospital emergencial. "No início do ano, eu estava preocupado com a situação em que a China se encontrava, então com a bagagem técnica do meu TFG, comecei a pensar e a desenvolver um projeto para atendimento a pacientes com Covid-19. Juntamente com meus colegas da empresa F7 Eventos, o trabalho foi concluído e encaminhado para as prefeituras do interior do Estado", explica. "Eu acredito que a Arquitetura pode transformar a vida das pessoas. O arquiteto tem diversas funções, uma delas é antecipar problemas e encontrar soluções", finaliza o arquiteto.

O professor da Universidade Feevale, Eduardo Schneck, que foi o orientador do projeto do egresso, conta que a experiência de Castilhos com esse tema foi fundamental para embasar de forma teórico-técnica o trabalho dele, hoje. "Ao escolher desenvolver um hospital emergencial, ele se propôs a refletir e a buscar soluções para problemas que geram crises humanitárias: guerras, acidentes, terremotos e pandemias, entre outros", afirma.

Fonte/Associado: Universidade Feevale

26/03/2020 | Agora no RS | agoranors.com | Geral

Universidades e sociedade civil se juntam para produzir máscaras

<https://agoranors.com/2020/03/universidades-e-sociedade-civil-se-juntam-para-produzir-mascaras/>

O aumento da demanda e a falta no mercado de máscaras de proteção para os profissionais de saúde que estão na linha de frente de combate ao novo coronavírus (covis 19) juntou diversos pesquisadores e alunos de universidades do Rio de Janeiro para desenvolver projetos de produção do equipamento tão necessário neste momento de crise sanitária.

Na Universidade Federal Fluminense (UFF), um grupo de professores e um aluno de mestrado da Escola de Engenharia já estão produzindo as máscaras de baixo custo, do tipo faceshield, em impressoras 3D. O professor Márcio Cataldi disse que inicialmente a produção está sendo feita em três impressoras nas casas dos integrantes do grupo, mas na próxima segunda-feira (30) mais cinco equipamentos passarão a ser usados, e os oito vão funcionar em um laboratório da Escola de Engenharia.

"Duas delas vão ficar para a gente testar a impressão de outros equipamentos como respirador e canais para ampliar o funcionamento e pode permitir que duas pessoas usem o respirador ao mesmo tempo. A gente está em contato com a equipe médica do [Hospital] Antônio Pedro, com professores da [Faculdade de] Medicina e profissionais de enfermagem para a gente ver onde também pode se útil. Na segunda-feira a gente começa uma produção em escala com a instalação das impressoras na Escola de Engenharia, com a fabricação, montagem e higienização das máscaras", disse à Agência Brasil.

Para bancar os custos da produção, segundo o professor, a solução foi usar recursos de projetos de pesquisas que já tinham sido autorizados para outros fins, mas nesse momento de necessidade, eles não hesitaram em fazer a transferência dos recursos para a produção dos protetores faciais. Produção está sendo feita por impressoras 3D - Nacho Doce/Reuters /Direitos Reservados

Márcio Cataldi calcula que com a compra do material já foram gastos cerca de R\$ 4 mil. "Todo o material que a gente comprou até agora foi com dinheiro de projetos científicos. No meu caso, estou usando o dinheiro de um projeto do CNPq/Faperj, mas em algum momento vai acabar", disse, acrescentando que está aguardando as doações prometidas.

De acordo com o professor, o valor médio de cada máscara é R\$ 20, o que facilita a produção. Outro benefício, disse Cataldo, é o reaproveitamento das máscaras cirúrgicas que serão utilizadas pelos profissionais. Como o protetor não descarta a máscara cirúrgica, ele fica por cima e evita a contaminação do material usado no rosto dos profissionais para cobrir a boca e o nariz, explicou.

O mestrando do Programa de Engenharia e Biosistemas (PEGB-UFF) Lucas Getirana de Lima, de 28 anos de idade, disse que fica feliz com a repercussão do projeto, especialmente porque envolve universidades públicas.

"Hoje o que se vê é que no momento em que o país mais precisa é a universidade pública que traz a solução, e tentando apresentar um jeito novo de fazer algo. A gente está fazendo de fato, não é só na teoria. A gente está na prática construindo esses projetos", ressaltou.

Lucas Getirana disse que uma das impressoras está funcionando na sua casa. A dedicação ao projeto tem sido tanta que o horário de sono ficou irregular. "Estou há quase uma semana sem dormir direito. Tenho um costume ruim, sei que não é adequado, mas fico dois, três dias acordado sempre que estou envolvido com um projeto", acrescentou sorrindo.

As máscaras produzidas são destinadas ao Hospital Universitário Antônio Pedro (HUAP). A expectativa é aumentar da produção com a possibilidade de utilizar outros equipamentos industriais. Mas além disso tem a preocupação de que a produção está seguindo os protocolos de fabricação. "É uma série de etapas que precisa ser seguida para que a gente tenha um produto igual, que pode ser replicado, mas também ter a garantia de que nada do que a gente está produzindo vai chegar no hospital contaminado".

Ivanovich Lache e Ricardo Carrano, professores da Escola de Engenharia Daniel Henrique Nogueira Dias, além do professor da Faculdade de Medicina Jano Alves de Souza, também participam do projeto que partiu de um modelo de arquivo aberto com uma versão simplificada do faceshield.

O grupo já está se preparando também para desenvolver um respirador de baixo custo utilizando impressoras 3D. UFRJ

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) o trabalho é em parceria com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e membros da sociedade civil. Os protótipos de protetores faciais desenvolvidos pela UFRJ foram validados pelo Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF) e seguem as diretrizes da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). PUC-Rio

Na PUC-Rio, um grupo de pesquisadores e professores de diversas instituições do estado se dedicam à produção que pode se estender também a capotes e válvulas, entre outros equipamentos utilizados por médicos e enfermeiros do Sistema Único de Saúde (SUS) no estado.

Além da PUC-Rio e da UFRJ, o grupo inclui representantes da Unirio, Firjan, Senai, governo do estado, Instituto Nacional de Tecnologia (INT), Coppe UFRJ, Grupo DASA, Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, Marinha do Brasil e o SOS 3D Covid 19.

Um dos locais de produção é o Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, com 16 unidades de impressão funcionando no Laboratório de Volume e Prototipagem. Além dos protetores faciais fabricados em impressão 3D e corte laser, a universidade vai produzir máscaras N95, que também já estão em falta em unidades de saúde. A equipe da PUC-Rio inclui os professores João Victor de Melo e Gabriella Vaccari, e os laboratoristas Diogo de Souza Marques e Hanna Claudia Marins. Outras universidades

O coordenador do Núcleo de Experimentação Tridimensional (NEXT) da PUC-Rio e professor Departamento de Artes e Design, Jorge Lopes, disse que universidades de fora do Rio se interessaram também pelo projeto, como a de Santa Catarina. Como é um projeto aberto, não precisa pagar para ser utilizado.

O professor revelou que o apoio da Firjan ao projeto tem permitido uma ampliação da produção. "Com o apoio da Federação das Indústrias, aqui no Rio, para a gente construir coisas usando fabricação digital e também a produção artesanal, com costureiras ajudando, tem uma escala que vai de dezenas a centenas, mas o problema é muito maior e precisa fabricar na escala de milhares, e nesse momento a Firjan ajuda na relação com as indústrias, e como a ideia deu certo, entra em escala de fabricação industrial", disse à Agência Brasil.

As impressoras foram conseguidas por empréstimos ou doações de empresas, como também a Marinha do Brasil, que cedeu máquinas. "Todos os parceiros começaram a ceder. Existem muitas impressoras de 3D hoje no mercado. Está sendo um processo colaborativo muito bacana", disse Jorge Lopes.

A PUC-Rio está bancando a compra do material e algumas empresas já se ofereceram para fazer doação. O professor disse que como a produção está espalhada e tem pessoas que também se dispuseram a fabricar os protetores faciais em casa, não é possível avaliar a quantidade que ficou pronta desde a semana passada.

"A gente está com três frentes agora. A PUC, a Casa Firjan e o espaço Senai em Benfica. Estão saindo em média 150 máscaras por dia nos três juntos, mas há pessoas com impressoras de 3D fazendo nas próprias casas, por isso não sei esse quantitativo. As pessoas estão doando e mandam para a PUC as peças prontas", afirmou. Tópicos notícia

26/03/2020 | Blog Antes Que A Natureza Morra | antesqueanaturezamorra.blogspot.com.br | Geral

A COVID-19 é um exemplo a mais de nossa relação tóxica com a natureza

<http://antesqueanaturezamorra.blogspot.com/2020/03/a-covid-19-e-um-exemplo-mais-de-nossa.html>

Pedro Jordano (Córdoba, 1957) vive a pandemia do SARS–COVID–2 perplexo pelo alcance que está tendo. Como biólogo, constata como estamos desarmados diante do desconhecido. A biodiversidade dos coronavírus é enorme e este (que gera a doença COVID–19) é novo para nós, do mesmo modo que são novas as 18.000 espécies de organismos superiores (plantas, animais...) para as quais damos nome, a cada ano, no planeta.

“Ainda desconhecemos muito da biodiversidade da Terra. Os micro-organismos e vírus estão na fronteira do desconhecido”, destaca o pesquisador do Conselho Superior de Investigações Científicas – CSIC [Espanha]. Em ecologia, trabalha com modelos de propagação e dispersão que são a base da dinâmica de infecção e contágio que estamos vivendo.

“O que os modelos de redes complexas nos ensinam é que a limitação de contatos e mobilidade é chave para manter o contágio dentro dos limites controláveis. A pandemia é imparável acima de um limite mínimo do que tecnicamente se conhece como percolação. Por isso, é muito importante insistir em que permaneçamos em casa”, adverte o também professor da Universidade de Sevilha.

A entrevista é de Javier López Rejas, publicada por El Cultural, 24-03-2020. A tradução é do Cepat.
Eis a entrevista.

O que mais chamou a sua atenção a respeito do comportamento deste coronavírus?

A infecção foi muito rápida, provavelmente porque avaliamos mal a proporção real de portadores (a prevalência do vírus) e porque demoramos em reagir estabelecendo as restrições de mobilidade. A essência de um organismo como o SARS–COV–2 é o crescimento exponencial. A melhor forma de interromper um crescimento exponencial é começar muito cedo. Somente um dia de antecipação na ação de contenção pode representar 40% de redução. É a magia das dinâmicas, que obedecem a leis matemáticas bem estabelecidas. Ignorá-las é para insensatos ou pessoas muito, mas muito desinformadas. O comportamento do coronavírus foi e é uma lição do potencial de dispersão no mundo.

O que falhou em sua opinião?

O que ocorreu – e continua ocorrendo, por exemplo, no Brasil, México, Reino Unido, e até alguns dias atrás nos Estados Unidos, mas antes na Espanha, Itália e em grande parte da União Europeia – é que ficamos muito tranquilos ancorados na fase inicial do crescimento exponencial, onde o número de casos parecia progredir lentamente. Mas a dinâmica exponencial é perversa: se você começa com dois casos e seu número dobra a cada semana, terá uns 1.000 após dez semanas; mas ao final de outras dez semanas, já terá um milhão de casos.

Intuitivamente, temos muita dificuldade em considerar esses detalhes e não somos conscientes do que acarretam em termos de expansão de uma doença. Se cada um de nós reduz seu R_0 (taxa de contágio potencial) a menos de 1, ou seja, o número de pessoas que cada um de nós poderia infectar se desenvolvêssemos a COVID-19, conseguiríamos achatar a curva de contágio. Isso aconteceu em Hong Kong, por exemplo, onde nos demonstraram muito claramente que uma dinâmica exponencial pode ser freada.

Por trás desses tipos de doenças emergentes está a ação humana. As infecções por patógenos são processos ambientais, ocorrem nos ecossistemas como consequência das interações entre espécies – Pedro Jordano

Sem sairmos da China, onde estaria a origem da pandemia? Pode ser uma transferência de um animal (morcego ou similar) para humanos?

Por trás desses tipos de doenças emergentes está a ação humana. As infecções por patógenos são processos ambientais, ocorrem nos ecossistemas como consequência das interações entre espécies. Se alteramos estas dinâmicas, teremos consequências como as que vivemos agora. A maior parte das epidemias e pandemias recentes (HIV, Ebola, SARS, West Nile, a doença de Lyme, Hendra, Nipah, etc.) tem uma clara base ambiental e de alteração de processos naturais. É o que conhecemos por “ecologia da doença”.

O acesso em grande escala a fontes de alimentação baseadas em animais silvestres e a enorme expansão do comércio de fauna silvestre (não só para consumo, também como animais de estimação, etc.) abre as portas, segundo Jordano, membro do jurado do ‘Prêmio Fundação BBVA Fronteiras do Conhecimento’ de Ecologia e Biologia da Conservação, para expor o nosso organismo a novos patógenos.

“Também o contato de animais domésticos com a fauna selvagem, que causa transmissão nas duas direções”, explica.

“As doenças emergentes nos últimos 30-40 anos estiveram ligadas a alterações de habitats naturais, suburbanização, superpopulação em áreas silvestres e avanço de áreas urbanas em áreas selvagens. Estas condições favorecem ‘saltos’ de espécies silvestres – meros portadores – para humanos. Se a isso acrescentamos a facilidade de dispersão em um mundo globalizado, com transporte aéreo e marítimo, tráfico de animais extensivo e taxas de desmatamento e alteração do meio natural devastadoras, as condições para uma pandemia generalizada estão dadas”.

É uma doença zoonótica a mais (procedente dos animais) ou tem alguma característica especial?

O SARS-COV-2 e seu efeito, COVID-19, é um grande desconhecido. Geneticamente está relacionado com o SARS-COV de 2003, mas a doença que causa e sua dinâmica é muito diferente. O SARS-COV foi mais mortal, mas muito menos infeccioso que o SARS-COV-2, e não houve novos surtos da SARS no mundo, desde 2003. No momento, parece se comportar de forma similar a outros coronavírus, mas não posso opinar com conhecimento.

A maior parte destas pandemias são de base zoonótica e no caso do SARS-COV-2 muito possivelmente também, ainda que isso precisa ser comprovado. Por exemplo, a doença de Lyme (uma borreliose) no leste dos Estados Unidos está associada à alteração das matas e à sobrecaça de grandes predadores (lobos, raposas, águias e corujas) e ao crescimento de populações de roedores, que são reservatórios da bactéria.

Quando alteramos a biodiversidade de ecossistemas naturais derrubamos barreiras para a expansão destes patógenos e, por nossa sociedade hiperconectada, estendemos pontes muito efetivas para a propagação de doenças – Pedro Jordano

Jim Robbins, do New York Times, insistia recentemente em um artigo no protagonismo da “ecologia da doença”...

Quando alteramos a biodiversidade de ecossistemas naturais derrubamos barreiras para a expansão destes patógenos e, por nossa sociedade hiperconectada, estendemos pontes muito efetivas para a propagação de doenças que, de outro modo, se manteriam em seus reservatórios naturais. Há muito poucas espécies que atuam como reservatórios. A maior parte de nossa biodiversidade não abriga patógenos que acarretem perigo neste sentido.

Como Robbins, acredita que as epidemias “não ocorrem”, mas, ao contrário, são “o resultado do que o ser humano faz com a

natureza”?

Claro que sim. Talvez não em todos os casos de doenças patogênicas em humanos, mas na maior parte das epidemias e pandemias que vimos emergir nos últimos 30-40 anos.

Como nossa atividade social e econômica influencia nessa alteração da paisagem?

Há múltiplas formas. Talvez a mais ampla é que a alteração da paisagem pelos humanos cria zonas de contato onde se dão características que favorecem a expansão de patógenos. Há vários exemplos disso, como o da borreliose, que mencionei, ou a expansão da malária em áreas desmatadas, onde a abertura e o clarão na mata favorecem a expansão de mosquitos vetores da doença. Além da alteração dos habitats naturais, existem outros efeitos como o aumento da sobrecaça de animais silvestres (e seu consumo ou tráfico para comércio).

Os médicos e os epidemiólogos deveriam se associar aos veterinários e biólogos para encontrar uma solução, para que não volte a ocorrer uma pandemia como essa?

Isso já está acontecendo, com colaborações muito transversais entre o âmbito de saúde, veterinários da vida silvestre, biólogos, matemáticos e físicos (que exploram modelos de propagação e contágio), etc. Há várias iniciativas em escala mundial, entre as quais se destaca a Iniciativa OneHealth, da qual participam mais de 600 especialistas de diferentes âmbitos científicos de todo o mundo. Ou também o projeto PREDICT...

Jordano considera que tanto o projeto PREDICT, como a Iniciativa OneHealth, são muito necessários porque identificam a via pela qual nossas pesquisas futuras deveriam caminhar: estudos interdisciplinares que nos permitam conhecer melhor estes ramos ambientais de doenças que podem ser devastadoras para a humanidade.

“Portanto – compreende – é necessário sair dos laboratórios para entender a ecologia da doença”.

PREDICT e EcoHealth se dedicam a pesquisar a biodiversidade de vírus na fauna silvestre, enfocando grupos concretos como morcegos, roedores, primatas e aves.

É muito urgente conhecer melhor nossa biodiversidade em escala mundial. Estimamos que conhecemos apenas 1% dos vírus dos animais silvestres. Temos um desconhecimento espetacular – Pedro Jordano

“Seria necessário ampliar sua ação – reivindica -, apoiando estas iniciativas cujo objetivo é identificar esses ‘pontos quentes’ de alto risco, onde a ação humana se desfez dessas barreiras naturais. Já conseguiram muito: uma ação coordenada em mais de 20 países para a detecção precoce de surtos de vírus e outros emergentes”.

Considera urgente a criação de um catálogo de vírus potencialmente perigosos?

Sim. É muito urgente conhecer melhor nossa biodiversidade em escala mundial. Estimamos que conhecemos apenas 1% dos vírus dos animais silvestres. Temos um desconhecimento espetacular. A exploração da biodiversidade terrestre é uma das grandes fronteiras do conhecimento humano, assim como é a exploração do Universo.

Pode ter efeitos positivos para os ecossistemas esta paralisação industrial e econômica?

Uma paralisação ou desaceleração da economia obviamente significa uma menor pressão sobre o meio ambiente, e há múltiplos indicadores (qualidade do ar, emissões, etc.) que mostram tal efeito positivo. Sendo assim, deveria se manter a longo prazo. Gostaria que uma crise deste tipo nos ensinasse a nos relacionar melhor com a natureza, como conhecê-la com maior profundidade e como delinear formas de uso de seus enormes recursos de uma maneira realmente sustentável para a saúde humana.

A COVID-19 é um exemplo a mais de nossa relação tóxica com a natureza e deve nos servir para delinear formas mais amigáveis de viver neste planeta.

(EcoDebate, 26/03/2020) publicado pela IHU On-line, parceira editorial da revista eletrônica EcoDebate na socialização da informação.

[IHU On-line é publicada pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos Unisinos, em São Leopoldo, RS.]

26/03/2020 | Blog do Nando | blogdonandosantos.blogspot.com | Geral

Feevale representada em comitê ministerial de combate ao Coronavírus

<http://blogdonandosantos.blogspot.com/2020/03/feevale-representada-em-comite.html>

Fernando Spilki é o único pesquisador atuante na região Sul a integrar o Comitê de Especialistas Rede Vírus, do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações

O professor do mestrado em Virologia da Universidade Feevale, Fernando Spilki, foi nomeado, pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, para compor o recém-formado Comitê de Especialistas Rede Vírus - MCTIC. O grupo reúne pesquisadores em uma nova instância da Rede Vírus para lidar no enfrentamento da pandemia de Coronavírus e, também, preparar o Brasil para novas pandemias. Spilki é o único pesquisador atuante na região Sul a integrar o Comitê. Conforme o professor Spilki, a função do comitê é propor ações calcadas na pesquisa, na ciência e na inovação brasileiras para combater essa e outras pandemias. Neste momento, a rede está unida, também, para assessorar o MCTIC nos editais e chamadas, entre outras iniciativas que serão feitas em um futuro próximo, para poder dar uma resposta e poder auxiliar no combate ao Coronavírus e outros. "É um grande privilégio estarmos junto de grandes pesquisadores, poder ouvir a experiência deles e participar dessas ações, valorizando o que a ciência brasileira pode fazer para ajudar o país, perante uma crise tão grave", afirma.

Sobre a Rede Vírus

A Rede Vírus MCTIC, criada pela portaria MCTIC nº 1010/2020 do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, funcionará como um comitê de assessoramento estratégico que atuará na articulação dos Laboratórios de Pesquisa, com foco na eficiência econômica e na otimização e complementaridade da infraestrutura e de atividades de pesquisa que estão em andamento, em especial com o Coronavírus e Influenza (gripe). O objetivo é aprimorar o conhecimento científico que está sendo produzido no país com relação ao tema e auxiliar a transformação desse conhecimento em resultados práticos para a sociedade.

Sobre o professor Fernando Spilki

Possui graduação em Medicina Veterinária e mestrado em Ciências Veterinárias pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e doutorado em Genética e Biologia Molecular, pela Universidade Estadual de Campinas. É presidente da Sociedade Brasileira de Virologia (SBV) e coordenador do curso de Medicina Veterinária da Universidade Feevale, bem como editor Associado da Área de Virologia Veterinária do Brazilian Journal of Microbiology e Academic Editor, na área de Veterinary Medicine, do periódico PeerJ.

26/03/2020 | Blog do Nando | blogdonandosantos.blogspot.com | Geral

Prefeitura compra mil kits para diagnóstico do coronavírus

<http://blogdonandosantos.blogspot.com/2020/03/prefeitura-compra-mil-kits-para.html>

A Prefeitura de Campo Bom deve receber nos próximos dias mil kits de testagem do novo coronavírus (Covid-19). Os exames para diagnóstico serão realizados por meio do Laboratório de Microbiologia Molecular da Universidade Feevale, que fechou parceria com o Município. Os exames serão coletados de pacientes selecionados conforme protocolo do Ministério da Saúde e o resultado dos testes deve ficar pronto entre 24 e 48 horas. A compra dos kits garantirá agilidade na obtenção do diagnóstico tendo em vista que atualmente, as coletas realizadas pela Secretaria Municipal de Saúde são encaminhadas para o Laboratório Central do Estado (Lacen/RS), em Porto Alegre, para serem testadas. Segundo a secretária de Saúde de Campo Bom, Suzana Ambros, a testagem pela universidade seguirá o protocolo estabelecido pela Organização Mundial da Saúde, idêntico ao utilizado nos laboratórios oficiais.

Entre a coleta e os resultados: entenda por que a demora para os laudos de coronavírus

https://www.correiogravatai.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/03/26/entre-a-coleta-e-os-resultados--entenda-por-que-a-demora-para-os-laudos-de-coronavirus.html

Brasil não tem testes para comprovar coronavírus em toda a população que manifestar sintomas Foto: Agência Brasil "Testar e isolar." Esta é a recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) a todos os países que vivem a pandemia do novo coronavírus. Mas como pôr em prática a orientação de conseguir rastrear toda e qualquer suspeita de infecção com número insuficiente de testes, laboratórios com capacidade limitada, insumo em falta e demanda crescente por laudos? O desafio é grande e parece não existir solução imediata para municípios, Estados e a União. Para muitos especialistas, o Brasil vê apenas a ponta do iceberg provocado pelo vírus Sars-Cov-2.

CONTEÚDO ABERTO | Leia todas as notícias sobre o coronavírus

Com mais de 250 mil habitantes, Novo Hamburgo, a maior cidade do Vale do Sinos, ainda não testou nenhum paciente para coronavírus, o que não é a realidade. A própria prefeita Fatima Daudt já admitiu que o vírus está circulando pelo Município, o que justifica a necessidade de seguir a quarentena. Os quatro pacientes que já tiveram Covid-19 confirmados são moradores de outras cidades da região - dois de Campo Bom, um de São Leopoldo e um de Estância Velha - que procuram atendimento na rede privada de Saúde no Município.

Leia também Itamaraty cria grupo de crise para ajudar brasileiros fora do País Começa o cadastro de voluntários para reforço do atendimento à Covid-19 Covid-19: Rio Grande do Sul tem 173 casos confirmados Para entender esta situação é preciso olhar por duas óticas. Uma delas é que nem todo o paciente com sintomas - os mais expressivos: febre, coriza, dor no corpo e falta de ar - tem material coletado para análise de coronavírus. A indicação é que apenas pacientes com sintomas graves e que necessitem de internação tenham material coletado. Isso ajuda a mascarar os dados reais, uma vez que não é possível atestar com exatidão os pacientes em isolamento domiciliar e com sintomas brandos. O outro ponto de leitura é a estrutura limitada do Laboratório Central do Estado (Lacen). Com pouco investimento nos últimos anos, o Lacen se tornou local onde só cresce uma fila por respostas.

Segundo o Estado, desde o dia 6 de março, quando o laboratório começou a realizar o procedimento, já foram feitos pouco mais de 2,6 mil testes no Rio Grande do Sul, o que dá uma média 162,5 exames por dia e mostra que o Lacen precisa de ajuda. A referência do Estado pede 72 horas para diagnosticar o novo coronavírus. Esse tempo conta a partir da chegada das amostras na unidade, em Porto Alegre, e não considera o período entre a coleta e o envio, que são de responsabilidade dos municípios.

Citando novamente Novo Hamburgo como exemplo, os 10 exames de moradores da cidade feitos somente nesta quinta-feira (26) pelo Lacen, foram de coletas realizadas entre a última quinta-feira (dia 19) e o domingo (dia 22), mas que chegaram ao laboratório entre segunda e terça-feira. "Em algumas das amostras foi possível ter o diagnóstico final de um dia para o outro, inferior ao prazo estimado de até três dias", destacou a assessoria do Estado. A previsão da Secretaria Estadual da Saúde (SES), lá no início, era que Lacen atestasse em 48 horas o laudo. Feevale e UFRGS assumirão papel importante

A experiência internacional mostra que países que adotaram a testagem em massa na população e de forma rápida, como a Coreia do Sul, por exemplo, conseguiram controlar melhor o avanço do coronavírus. Os municípios já perceberam que não poderão contar somente com o Lacen para que isso ocorra. Por isso, parcerias como a firmada com a Universidade Feevale se mostram positivas. O laboratório da instituição conseguirá testar até 50 amostras por dia, com resultado liberado entre 24 e 48 horas. Os municípios farão a divulgação dos casos confirmados e descartados.

Amostra inativa de sars-cov-2 chegou à Feevale Foto: Carlos Rissotto/GES-Especial

Segundo a universidade, as análises devem começar na próxima segunda-feira, dia 30, pois ainda são aguardados alguns reagentes. Novo Hamburgo, Campo Bom e demais cidades que integram a Associação dos Municípios do Vale do Rio dos Sinos (Amvars), além de Esteio, já firmaram acordo. Elas entram com os kits e a universidade com o laboratório. Campo Bom já sinalizou a compra de mil kits. A cidade tem dois casos confirmados de Covid-19, entre eles o primeiro do Rio Grande do Sul.

Em socorro ao Lacen, o Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS) da UFRGS também entra na jogada nas próximas semanas. Segundo a diretora do ICBS, Ilma Brum da Silva, voluntários já foram convocados e devem ser capacitados nos próximos dias. Quando começar, o instituto conseguirá fazer de 400 a 500 exames por dia, podendo chegar a 1,8 mil diários, após aquisição de um novo equipamento. Testes rápidos ainda sem previsão de chegar

Nesta quinta-feira, o Brasil completa um mês do primeiro caso confirmado no País e o Ministério da Saúde admite que devemos ter aumento significativo nos registros de Covid-19. Em casos de vírus já conhecidos, como o H1N1, H2N3 e Influenza B, sabe-se que o ápice ocorre entre a 17ª e 23ª semana epidemiológica. Segundo o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, podemos esperar o mesmo do coronavírus. O Brasil está com 2.915 casos e 77 mortes.

Para tentar rastrear o máximo possível do coronavírus, o Brasil deve usar testes rápidos. A Anvisa aprovou pouco mais de uma dezena de novos tipos de testes para diagnosticar a Covid-19 e o Ministério da Saúde anunciou a compra de 10 milhões de testes rápidos de um fornecedor chinês. Na última terça-feira, o governo disse que ampliará para 22,9 milhões o número de testes disponíveis.

A previsão de chegada aos municípios ainda é incerta. Novo Hamburgo já afirmou que ainda não teve sinalização do recebimento dos testes. Sabe-se, no entanto, que 2 milhões de testes estão reservados aos profissionais de saúde. TAGS: covid-19 s lacen testes rápido Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

26/03/2020 | Correio de Gravataí | correiogravatai.com.br | Geral

'São as pequenas e médias empresas que geram empregos', diz economista

https://www.correiogravatai.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/03/26/sao-as-pequenas-e-medias-empresas-que-geram-empregos---diz-economista.html

Ministério da Economia e BNDES liberaram recursos para linhas de crédito Foto: Marcello Casal Jr/Agência Brasil Desde o início da pandemia causada pelo novo coronavírus, o governo anunciou medidas de estímulo à produção e indústria. Entre elas, linhas de crédito às pequenas e médias empresas espalhadas pelo Brasil. O Ministério da Economia e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) anunciaram ações para fortalecer o capital de giro dos empreendedores brasileiros. Especialistas ressaltam que, além da liberação de verbas, também é preciso que este dinheiro chegue logo na ponta. Eventual demora poderá trazer sérias consequências. Por outro lado, empregadores aguardam pelo aporte que poderá servir de "respiro" e pode representar a salvação dos negócios.

O economista e professor da Universidade Feevale, José Antônio Ribeiro de Moura, resalta que é neste segmento em que estão concentradas a maior parte dos postos de trabalho no País. "Além das MEIs (microempresas individuais), são as médias e pequenas empresas que geram os empregos", sustenta. Isto também está diretamente ligado à mão de obra disponibilizada. "As grandes indústrias têm um alto nível tecnológico em suas produções", observa Moura.

Leia também Governo deve manter calendário de pagamento do IPVA Brasil tem 194 pacientes com coronavírus na UTI; no Rio Grande do Sul são 24 Hospital Regina tem caso confirmado para coronavírus e sete casos suspeitos Ministério da Saúde diz que

estimativa de casos não identificados da Covid-19 pode ser de até 86%

Ainda de acordo com o professor, a injeção destes recursos deve ser rápida para não prejudicar boa parte desses empreendimentos. E, conseqüentemente, evitar uma série de demissões em massa que pode gerar um colapso social. Em função disso, evitar elevação no índice de desempregados deve ser uma obstinação por parte dos governos neste momento.

O economista pontua que a concessão do benefício às empresas também devem vir com condições pré-determinadas. "Acredito que o governo tem que liberar recursos para as empresas, mas fazer um pacto de não demissão por três meses. Tem que proteger o emprego", afirma. "O governo aumento complementação dos salários para os empregados que tiverem redução e recebem até três salários (mínimos). Para que não haja um colapso maior ainda", completa Moura.

Já quem tira o sustento do próprio negócio, esta pode ser a luz no fim do túnel. "Se não conseguir um financiamento neste momento, onde não há clientes, não será possível efetuar o pagamento do aluguel, luz, condomínio e fornecedores. Fiz um investimento e estou sem capital de giro. Sem o financiamento não terei como ficar aberto após a crise passar", desabafa Valtair dos Santos, 40 anos, dono de uma cafeteria em São Leopoldo. "E não sou só eu. Muitos dos meus clientes que também são comerciantes, e outros que são donos de pequenas empresas e vinham de um período difícil, estão na mesma situação", lamenta. As medidas do governo federal para amparar pequenas e médias empresas

A primeira ação veio ainda no dia 19 de março. O Ministério da Economia confirmou que empresas com faturamento bruto de até R\$ 10 milhões por ano contariam com uma linha de crédito especial. Ao todo, foi disponibilizado R\$ 1 bilhão. O montante vem do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) e terá como finalidade ampliar o capital de giro destas organizações. A promessa, inclusive, é gradativamente ampliar a oferta conforme a demanda. O prazo fixado para pagamento desta modalidade de financiamento é de até 48 meses. Ainda de acordo com a pasta, a prioridade seriam as micro e pequenas empresas.

Já o Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) anunciou domingo (22), mais uma medida para amenizar danos, está ligada à expansão da oferta de capital para as necessidades imediatas de empresas. A partir disso prevê a ampliação da linha de BNDES Crédito Pequenas Empresas, que contemplará microempresas e também aquelas com faturamento de até R\$ 300 milhões.

Conforme a instituição financeira, o limite de crédito por beneficiário ao ano passará por elevação. Deverá oscilar positivamente dos atuais 10 para 70 milhões de reais. Assim, de acordo com o BNDES, se poderá colaborar com a necessidade de capital de giro. Além disso, as empresas terão 24 meses de carência e cinco anos para pagar estes financiamentos. TAGS: brasil Economia emprego linhas de crédito pequena e média empresa Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

26/03/2020 | Correio de Gravataí | correiogravatai.com.br | Geral

Primeira parte dos kits para testar casos de coronavírus foram recebidos nesta quinta

https://www.correiogravatai.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/03/26/primeira-parte-dos-kits-para-testar-casos-de-coronavirus-foram-recebidos-nesta-quinta.html

Orsi pede que análises comecem a partir de sábado, mas início deve ficar para a próxima semana Foto: Carlos Rissotto/GES-Especial Uma primeira remessa, com 500 unidades, dos dois mil kits comprados pela Associação dos Municípios do Vale do Rio dos Sinos (Amvars), chegaram nesta quinta-feira (26). Inclusive, pelas próximas semanas, a entidade receberá semanalmente este mesmo volume até se completar o total da compra. Os materiais garantem a realização dos testes em pacientes com casos suspeitos de coronavírus na região, que geraram investimento de R\$ 150 mil. A Universidade Feevale ficará responsável por realizar as análises, que devem começar, no máximo, até o início da próxima semana.

CONTEÚDO ABERTO | Leia todas as notícias sobre coronavírus

Conforme diz o presidente da Amvars e prefeito de Campo Bom, Luciano Orsi (PDT), foi solicitado ao reitor Cléber Prodanov que, caso seja possível, os primeiros exames comecem ainda no fim de semana. "Pedimos que iniciassem até sábado. Apesar disso, entendemos que há testes a serem realizados ainda", comenta. A expectativa é que até 50 testes sejam feitos a cada dia. "Esta é uma margem segura", pontua Orsi.

O prefeito de Campo Bom esclarece que as análises a serem realizadas pela Feevale são diferentes dos testes rápidos anunciados pelo Ministério da Saúde. O presidente da entidade que representa os municípios do Vale do Sinos ressalta que o procedimento aqui será o mesmo ao adotado pelo Laboratório Central do Estado (Lacen). "Se recolhe uma amostra da narina e a partir de um swab, que é uma espécie de cotonete, se faz uma raspagem leve na garganta", explica. Além do swab, integra o kit um composto com cerca de seis reagentes.

Foi convocada para sexta-feira (27) reunião virtual com representantes das secretarias municipais de saúde da região. Estes profissionais devem ficar responsáveis por coletar os materiais. Após isso, serão remetidos para Campo Bom. A prefeitura cedeu profissionais para estabelecer um centro de triagem das amostras e, de lá, serão levadas para a universidade. "Estabelecemos este fluxo até para organizar melhor", pontua Orsi. Divisão obedecerá critério populacional

Os dois mil kits serão divididos entre os 12 municípios da região. Segundo Orsi, para que se obedeça um critério lógico e justo, o número de habitantes será determinante na destinação dos materiais. Novo Hamburgo e São Leopoldo, que são as cidades mais populosas, devem ficar com até 600 itens. Campo Bom, por exemplo, deverá ter cerca de 200. TAGS: amvars coronavirus Exames kits luciano orsi testes Universidade Feevale Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

26/03/2020 | Diário de Canoas | diariodecanoas.com.br | Geral

Entre a coleta e os resultados: entenda por que a demora para os laudos de coronavírus

https://www.diariodecanoas.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/03/26/entre-a-coleta-e-os-resultados--entenda-por-que-a-demora-para-os-laudos-de-coronavirus.html

Brasil não tem testes para comprovar coronavírus em toda a população que manifestar sintomas Foto: Agência Brasil "Testar e isolar." Esta é a recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) a todos os países que vivem a pandemia do novo coronavírus. Mas como pôr em prática a orientação de conseguir rastrear toda e qualquer suspeita de infecção com número insuficiente de testes, laboratórios com capacidade limitada, insumo em falta e demanda crescente por laudos? O desafio é grande e parece não existir solução imediata para municípios, Estados e a União. Para muitos especialistas, o Brasil vê apenas a ponta do iceberg provocado pelo vírus Sars-Cov-2.

CONTEÚDO ABERTO | Leia todas as notícias sobre o coronavírus

Com mais de 250 mil habitantes, Novo Hamburgo, a maior cidade do Vale do Sinos, ainda não testou nenhum paciente para coronavírus, o que não é a realidade. A própria prefeita Fatima Daudt já admitiu que o vírus está circulando pelo Município, o que justifica a necessidade de seguir a quarentena. Os quatro pacientes que já tiveram Covid-19 confirmados são moradores de outras cidades da região - dois de Campo Bom, um de São Leopoldo e um de Estância Velha - que procuram atendimento na rede privada de Saúde no Município.

Leia também Itamaraty cria grupo de crise para ajudar brasileiros fora do País Começa o cadastro de voluntários para reforço do atendimento à Covid-19 Covid-19: Rio Grande do Sul tem 173 casos confirmados Para entender esta situação é preciso olhar por

duas óticas. Uma delas é que nem todo o paciente com sintomas - os mais expressivos: febre, coriza, dor no corpo e falta de ar - tem material coletado para análise de coronavírus. A indicação é que apenas pacientes com sintomas graves e que necessitem de internação tenham material coletado. Isso ajuda a mascarar os dados reais, uma vez que não é possível atestar com exatidão os pacientes em isolamento domiciliar e com sintomas brandos. O outro ponto de leitura é a estrutura limitada do Laboratório Central do Estado (Lacen). Com pouco investimento nos últimos anos, o Lacen se tornou local onde só cresce uma fila por respostas.

Segundo o Estado, desde o dia 6 de março, quando o laboratório começou a realizar o procedimento, já foram feitos pouco mais de 2,6 mil testes no Rio Grande do Sul, o que dá uma média 162,5 exames por dia e mostra que o Lacen precisa de ajuda. A referência do Estado pede 72 horas para diagnosticar o novo coronavírus. Esse tempo conta a partir da chegada das amostras na unidade, em Porto Alegre, e não considera o período entre a coleta e o envio, que são de responsabilidade dos municípios.

Citando novamente Novo Hamburgo como exemplo, os 10 exames de moradores da cidade feitos somente nesta quinta-feira (26) pelo Lacen, foram de coletas realizadas entre a última quinta-feira (dia 19) e o domingo (dia 22), mas que chegaram ao laboratório entre segunda e terça-feira. "Em algumas das amostras foi possível ter o diagnóstico final de um dia para o outro, inferior ao prazo estimado de até três dias", destacou a assessoria do Estado. A previsão da Secretaria Estadual da Saúde (SES), lá no início, era que Lacen atestasse em 48 horas o laudo. Feevale e UFRGS assumirão papel importante

A experiência internacional mostra que países que adotaram a testagem em massa na população e de forma rápida, como a Coreia do Sul, por exemplo, conseguiram controlar melhor o avanço do coronavírus. Os municípios já perceberam que não poderão contar somente com o Lacen para que isso ocorra. Por isso, parcerias como a firmada com a Universidade Feevale se mostram positivas. O laboratório da instituição conseguirá testar até 50 amostras por dia, com resultado liberado entre 24 e 48 horas. Os municípios farão a divulgação dos casos confirmados e descartados.

Amostra inativa de sars-cov-2 chegou à Feevale Foto: Carlos Rissotto/GES-Especial

Segundo a universidade, as análises devem começar na próxima segunda-feira, dia 30, pois ainda são aguardados alguns reagentes. Novo Hamburgo, Campo Bom e demais cidades que integram a Associação dos Municípios do Vale do Rio dos Sinos (Amvars), além de Esteio, já firmaram acordo. Elas entram com os kits e a universidade com o laboratório. Campo Bom já sinalizou a compra de mil kits. A cidade tem dois casos confirmados de Covid-19, entre eles o primeiro do Rio Grande do Sul.

Em socorro ao Lacen, o Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS) da UFRGS também entra na jogada nas próximas semanas. Segundo a diretora do ICBS, Ilma Brum da Silva, voluntários já foram convocados e devem ser capacitados nos próximos dias. Quando começar, o instituto conseguirá fazer de 400 a 500 exames por dia, podendo chegar a 1,8 mil diários, após aquisição de um novo equipamento. Testes rápidos ainda sem previsão de chegar

Nesta quinta-feira, o Brasil completa um mês do primeiro caso confirmado no País e o Ministério da Saúde admite que devemos ter aumento significativo nos registros de Covid-19. Em casos de vírus já conhecidos, como o H1N1, H2N3 e Influenza B, sabe-se que o ápice ocorre entre a 17ª e 23ª semana epidemiológica. Segundo o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, podemos esperar o mesmo do coronavírus. O Brasil está com 2.915 casos e 77 mortes.

Para tentar rastrear o máximo possível do coronavírus, o Brasil deve usar testes rápidos. A Anvisa aprovou pouco mais de uma dezena de novos tipos de testes para diagnosticar a Covid-19 e o Ministério da Saúde anunciou a compra de 10 milhões de testes rápidos de um fornecedor chinês. Na última terça-feira, o governo disse que ampliará para 22,9 milhões o número de testes disponíveis.

A previsão de chegada aos municípios ainda é incerta. Novo Hamburgo já afirmou que ainda não teve sinalização do recebimento dos testes. Sabe-se, no entanto, que 2 milhões de testes estão reservados aos profissionais de saúde. TAGS: covid-19 s lacen testes rápido Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

'São as pequenas e médias empresas que geram empregos', diz economista

https://www.diariodecanoas.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/03/26/sao-as-pequenas-e-medias-empresas-que-geram-empregos---diz-economista.html

Ministério da Economia e BNDES liberaram recursos para linhas de crédito Foto: Marcello Casal Jr/Agência Brasil Desde o início da pandemia causada pelo novo coronavírus, o governo anunciou medidas de estímulo à produção e indústria. Entre elas, linhas de crédito às pequenas e médias empresas espalhadas pelo Brasil. O Ministério da Economia e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) anunciaram ações para fortalecer o capital de giro dos empreendedores brasileiros. Especialistas ressaltam que, além da liberação de verbas, também é preciso que este dinheiro chegue logo na ponta. Eventual demora poderá trazer sérias consequências. Por outro lado, empregadores aguardam pelo aporte que poderá servir de "respiro" e pode representar a salvação dos negócios.

O economista e professor da Universidade Feevale, José Antônio Ribeiro de Moura, resalta que é neste segmento em que estão concentradas a maior parte dos postos de trabalho no País. "Além das MEIs (microempresas individuais), são as médias e pequenas empresas que geram os empregos", sustenta. Isto também está diretamente ligado à mão de obra disponibilizada. "As grandes indústrias têm um alto nível tecnológico em suas produções", observa Moura.

Leia também Governo deve manter calendário de pagamento do IPVA Brasil tem 194 pacientes com coronavírus na UTI; no Rio Grande do Sul são 24 Hospital Regina tem caso confirmado para coronavírus e sete casos suspeitos Ministério da Saúde diz que estimativa de casos não identificados da Covid-19 pode ser de até 86%

Ainda de acordo com o professor, a injeção destes recursos deve ser rápida para não prejudicar boa parte desses empreendimentos. E, conseqüentemente, evitar uma série de demissões em massa que pode gerar um colapso social. Em função disso, evitar elevação no índice de desempregados deve ser uma obstinação por parte dos governos neste momento.

O economista pontua que a concessão do benefício às empresas também devem vir com condições pré-determinadas. "Acredito que o governo tem que liberar recursos para as empresas, mas fazer um pacto de não demissão por três meses. Tem que proteger o emprego", afirma. "O governo aumento complementação dos salários para os empregados que tiverem redução e recebem até três salários (mínimos). Para que não haja um colapso maior ainda", completa Moura.

Já quem tira o sustento do próprio negócio, esta pode ser a luz no fim do túnel. "Se não conseguir um financiamento neste momento, onde não há clientes, não será possível efetuar o pagamento do aluguel, luz, condomínio e fornecedores. Fiz um investimento e estou sem capital de giro. Sem o financiamento não terei como ficar aberto após a crise passar", desabafa Valtair dos Santos, 40 anos, dono de uma cafeteria em São Leopoldo. "E não sou só eu. Muitos dos meus clientes que também são comerciantes, e outros que são donos de pequenas empresas e vinham de um período difícil, estão na mesma situação", lamenta. As medidas do governo federal para amparar pequenas e médias empresas

A primeira ação veio ainda no dia 19 de março. O Ministério da Economia confirmou que empresas com faturamento bruto de até R\$ 10 milhões por ano contariam com uma linha de crédito especial. Ao todo, foi disponibilizado R\$ 1 bilhão. O montante vem do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) e terá como finalidade ampliar o capital de giro destas organizações. A promessa, inclusive, é gradativamente ampliar a oferta conforme a demanda. O prazo fixado para pagamento desta modalidade de financiamento é de até 48 meses. Ainda de acordo com a pasta, a prioridade seriam as micro e pequenas empresas.

Já o Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) anunciou domingo (22), mais uma medida para amenizar danos, está ligada à expansão da oferta de capital para as necessidades imediatas de empresas. A partir disso prevê a ampliação da linha de BNDES Crédito Pequenas Empresas, que contemplará microempresas e também aquelas com faturamento de até R\$ 300 milhões.

Conforme a instituição financeira, o limite de crédito por beneficiário ao ano passará por elevação. Deverá oscilar positivamente dos atuais 10 para 70 milhões de reais. Assim, de acordo com o BNDES, se poderá colaborar com a necessidade de capital de giro. Além disso, as empresas terão 24 meses de carência e cinco anos para pagar estes financiamentos. TAGS: brasil Economia emprego linhas de crédito pequena e média empresa Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

26/03/2020 | Diário de Canoas | diariodecanoas.com.br | Geral

Primeira parte dos kits para testar casos de coronavírus foram recebidos nesta quinta

https://www.diariodecanoas.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/03/26/primeira-parte-dos-kits-para-testar-casos-de-coronavirus-foram-recebidos-nesta-quinta.html

Orsi pede que análises comecem a partir de sábado, mas início deve ficar para a próxima semana Foto: Carlos Rissotto/GES-Especial Uma primeira remessa, com 500 unidades, dos dois mil kits comprados pela Associação dos Municípios do Vale do Rio dos Sinos (Amvars), chegaram nesta quinta-feira (26). Inclusive, pelas próximas semanas, a entidade receberá semanalmente este mesmo volume até se completar o total da compra. Os materiais garantem a realização dos testes em pacientes com casos suspeitos de coronavírus na região, que geraram investimento de R\$ 150 mil. A Universidade Feevale ficará responsável por realizar as análises, que devem começar, no máximo, até o início da próxima semana.

CONTEÚDO ABERTO | Leia todas as notícias sobre coronavírus

Conforme diz o presidente da Amvars e prefeito de Campo Bom, Luciano Orsi (PDT), foi solicitado ao reitor Cléber Prodanov que, caso seja possível, os primeiros exames comecem ainda no fim de semana. "Pedimos que iniciassem até sábado. Apesar disso, entendemos que há testes a serem realizados ainda", comenta. A expectativa é que até 50 testes sejam feitos a cada dia. "Esta é uma margem segura", pontua Orsi.

O prefeito de Campo Bom esclarece que as análises a serem realizadas pela Feevale são diferentes dos testes rápidos anunciados pelo Ministério da Saúde. O presidente da entidade que representa os municípios do Vale do Sinos ressalta que o procedimento aqui será o mesmo ao adotado pelo Laboratório Central do Estado (Lacen). "Se recolhe uma amostra da narina e a partir de um swab, que é uma espécie de cotonete, se faz uma raspagem leve na garganta", explica. Além do swab, integra o kit um composto com cerca de seis reagentes.

Foi convocada para sexta-feira (27) reunião virtual com representantes das secretarias municipais de saúde da região. Estes profissionais devem ficar responsáveis por coletar os materiais. Após isso, serão remetidos para Campo Bom. A prefeitura cedeu profissionais para estabelecer um centro de triagem das amostras e, de lá, serão levadas para a universidade. "Estabelecemos este fluxo até para organizar melhor", pontua Orsi. Divisão obedecerá critério populacional

Os dois mil kits serão divididos entre os 12 municípios da região. Segundo Orsi, para que se obedeça um critério lógico e justo, o número de habitantes será determinante na destinação dos materiais. Novo Hamburgo e São Leopoldo, que são as cidades mais populosas, devem ficar com até 600 itens. Campo Bom, por exemplo, deverá ter cerca de 200. TAGS: amvars coronavirus Exames kits luciano orsi testes Universidade Feevale Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

Assim mudará o capitalismo. Por Mariana Mazzucato

<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/assim-mudara-o-capitalismo-por-mariana-mazzucato/>

Publicado no Instituto Humanitas Unisinos "É preciso repensar o propósito dos governos: em vez de simplesmente corrigir os fracassos do mercado quando surgirem, deveriam começar a se envolver ativamente na modelagem e criação de mercados capazes de produzir um crescimento sustentável e inclusivo", escreve Mariana Mazzucato, professora de economia na University College London e autora de "Il valore di tutto: chi lo produce e chi lo sottrae nell'economia globale" (O valor de tudo: quem o produz e quem o subtrai na economia global, em tradução livre, Laterza), em artigo publicado por La Repubblica, 25-03-2020. A tradução é de Luisa Rabolini. Eis o artigo. O mundo está em estado crítico. A pandemia de Covid-19 está se disseminando rapidamente em todos os países, com uma extensão e severidade que não se viam desde a época da devastadora gripe espanhola de 1918. Se medidas coordenadas de contenção não puderem ser adotadas globalmente, o contágio logo se tornará também um contágio econômico e financeiro. As proporções da crise são tais que a intervenção do Estado é indispensável. E os estados estão intervindo. Eles estão injetando estímulos na economia e estão tentando desesperadamente retardar a propagação da doença, proteger as populações vulneráveis e contribuir para criar novas terapias e vacinas. Porém, há um problema. A intervenção necessária requer uma abordagem muito diferente daquela que os governos escolheram. É desde a década de 1980 que o Estado escuta que deve passar para o banco de trás e deixar a direção nas mãos das empresas, deixando-as livres para criar riqueza, intervindo apenas para resolver problemas quando surgirem. O resultado é que os governos nem sempre estão preparados e equipados para lidar com crises como a Covid-19 ou a emergência climática. O papel predominante da empresa privada na vida pública também determinou a uma perda de confiança no que o estado é capaz de fazer sozinho, e isso, por sua vez, produziu muitas parcerias público-privadas questionáveis, que privilegiam os interesses da empresa privada sobre o bem público. Por exemplo, está amplamente documentado que as parcerias público-privadas em pesquisa e desenvolvimento geralmente favorecem campeões de vendas, em detrimento de medicamentos menos palatáveis comercialmente, mas de enorme importância para a saúde pública, como antibióticos e vacinas para uma variedade de doenças potencialmente epidêmicas. Além de tudo isso, há uma carência de tutelas sociais para os trabalhadores em um contexto de crescente desigualdade, especialmente os trabalhadores na economia da gig economy, privados de qualquer proteção social. Mas agora temos a oportunidade de usar essa crise como uma maneira de entender como fazer capitalismo de maneira diferente. É preciso repensar o propósito dos governos: em vez de simplesmente corrigir os fracassos do mercado quando surgirem, deveriam começar a se envolver ativamente na modelagem e criação de mercados capazes de produzir um crescimento sustentável e inclusivo. Eles também devem garantir que as parcerias com empresas privadas que envolvam fundos públicos sejam orientadas para o interesse público, e não para o lucro. Em primeiro lugar, os governos devem investir e, em alguns casos criar, instituições que ajudem a prevenir crises e nos colocar em posição de gerenciá-las melhor quando elas surgirem. Em segundo lugar, os governos devem coordenar melhor as atividades de pesquisa e desenvolvimento, orientando-as em direção de objetivos de saúde pública. Para descobrir vacinas, será necessária uma coordenação internacional de proporções hercúleas. Mas os governos nacionais também têm um dever enorme de plasmar os mercados, direcionando a inovação para a resolução de objetivos públicos, como fizeram no passado organizações públicas ambiciosas, como a Darpa (Agência de Projetos Avançados de Pesquisa em Defesa) nos Estados Unidos, que financiou o que mais tarde se tornaria a internet enquanto estava ocupada resolvendo o problema de como conseguir a comunicação dentre satélites. Em terceiro lugar, os governos precisam estruturar parcerias público-privadas para garantir que os cidadãos e a economia sejam beneficiados. A saúde é um setor que recebe bilhões de fundos públicos em todo o mundo. A grande quantidade de fundos públicos destinados à inovação em saúde implica que os estados deveriam governar o processo para garantir que os preços sejam justos, que não se abuse das patentes, que a oferta de medicamentos seja salvaguardada e que os lucros sejam reinvestidos em inovação, em vez de serem distribuídos aos acionistas. E também deveriam garantir que, se houver necessidade de suprimentos de emergência, como medicamentos, camas de hospital, máscaras ou respiradores, as mesmas empresas que se beneficiam dos subsídios públicos quando as coisas estão indo bem não devem especular e aplicar sobretaxas insanas quando as coisas estiverem indo mal. O acesso a cuidados médicos para todos e a preços acessíveis é essencial não apenas a nível nacional, mas também internacionalmente. Isso é particularmente importante no caso das pandemias: não há lugar para atitudes nacionalistas, como a tentativa de Donald Trump de adquirir com exclusividade uma licença para a vacina contra o coronavírus para os Estados Unidos. Quarto, é hora de finalmente aprender as duras lições da crise financeira global de 2008. Com as empresas privadas, das companhias aéreas a empresas de varejo, que batem às portas do governo para solicitar auxílio e outros tipos de assistência, é importante resistir à tentação de se limitar a doar dinheiro. Os subsídios podem ser acompanhados de condições que garantam que as ajudas sejam estruturadas de forma a transformar os setores que estão sendo ajudados, para que possam se tornar parte de uma nova economia, uma economia focada na estratégia do Green New Deal: reduzir as emissões de CO2 e, ao mesmo tempo, investir nos trabalhadores e garantir que eles possam se adaptar às novas tecnologias. Isso deve ser feito agora, enquanto os governos seguram a

faca pelo cabo.

26/03/2020 | Eco Debate | ecodebate.com.br | Geral

A COVID-19 é um exemplo a mais de nossa relação tóxica com a natureza

<https://www.ecodebate.com.br/2020/03/26/a-covid-19-e-um-exemplo-a-mais-de-nossa-relacao-toxica-com-a-natureza/>

Compartilhe Share on Facebook Share Share on Twitter Tweet Share on LinkedIn Share Send email Mail Print Print Share this on WhatsApp

"A COVID-19 é um exemplo a mais de nossa relação tóxica com a natureza". Entrevista com Pedro Jordano

IHU

Pedro Jordano (Córdoba, 1957) vive a pandemia do SARS-COVID-2 perplexo pelo alcance que está tendo. Como biólogo, constata como estamos desarmados diante do desconhecido. A biodiversidade dos coronavírus é enorme e este (que gera a doença COVID-19) é novo para nós, do mesmo modo que são novas as 18.000 espécies de organismos superiores (plantas, animais...) para as quais damos nome, a cada ano, no planeta.

"Ainda desconhecemos muito da biodiversidade da Terra. Os micro-organismos e vírus estão na fronteira do desconhecido", destaca o pesquisador do Conselho Superior de Investigações Científicas - CSIC [Espanha]. Em ecologia, trabalha com modelos de propagação e dispersão que são a base da dinâmica de infecção e contágio que estamos vivendo.

"O que os modelos de redes complexas nos ensinam é que a limitação de contatos e mobilidade é chave para manter o contágio dentro dos limites controláveis. A pandemia é imparável acima de um limite mínimo do que tecnicamente se conhece como percolação. Por isso, é muito importante insistir em que permaneçamos em casa", adverte o também professor da Universidade de Sevilha.

A entrevista é de Javier López Rejas, publicada por El Cultural, 24-03-2020. A tradução é do Cepat. Eis a entrevista.

O que mais chamou a sua atenção a respeito do comportamento deste coronavírus?

A infecção foi muito rápida, provavelmente porque avaliamos mal a proporção real de portadores (a prevalência do vírus) e porque demoramos em reagir estabelecendo as restrições de mobilidade. A essência de um organismo como o SARS-COV-2 é o crescimento exponencial. A melhor forma de interromper um crescimento exponencial é começar muito cedo. Somente um dia de antecipação na ação de contenção pode representar 40% de redução. É a magia das dinâmicas, que obedecem a leis matemáticas bem estabelecidas. Ignorá-las é para insensatos ou pessoas muito, mas muito desinformadas. O comportamento do coronavírus foi e é uma lição do potencial de dispersão no mundo.

O que falhou em sua opinião?

O que ocorreu - e continua ocorrendo, por exemplo, no Brasil, México, Reino Unido, e até alguns dias atrás nos Estados Unidos, mas antes na Espanha, Itália e em grande parte da União Europeia - é que ficamos muito tranquilos ancorados na fase inicial do crescimento exponencial, onde o número de casos parecia progredir lentamente. Mas a dinâmica exponencial é perversa: se você começa com dois casos e seu número dobra a cada semana, terá uns 1.000 após dez semanas; mas ao final de outras dez semanas, já terá um milhão de casos.

Intuitivamente, temos muita dificuldade em considerar esses detalhes e não somos conscientes do que acarretam em termos de expansão de uma doença. Se cada um de nós reduz seu R0 (taxa de contágio potencial) a menos de 1, ou seja, o número de pessoas que cada um de nós poderia infectar se desenvolvêssemos a COVID-19, conseguiríamos achatar a curva de contágio. Isso aconteceu

em Hong Kong, por exemplo, onde nos demonstraram muito claramente que uma dinâmica exponencial pode ser freada. Por trás desses tipos de doenças emergentes está a ação humana. As infecções por patógenos são processos ambientais, ocorrem nos ecossistemas como consequência das interações entre espécies - Pedro Jordano

Sem sairmos da China, onde estaria a origem da pandemia? Pode ser uma transferência de um animal (morcego ou similar) para humanos?

Por trás desses tipos de doenças emergentes está a ação humana. As infecções por patógenos são processos ambientais, ocorrem nos ecossistemas como consequência das interações entre espécies. Se alteramos estas dinâmicas, teremos consequências como as que vivemos agora. A maior parte das epidemias e pandemias recentes (HIV, Ebola, SARS, West Nile, a doença de Lyme, Hendra, Nipah, etc.) tem uma clara base ambiental e de alteração de processos naturais. É o que conhecemos por "ecologia da doença".

O acesso em grande escala a fontes de alimentação baseadas em animais silvestres e a enorme expansão do comércio de fauna silvestre (não só para consumo, também como animais de estimação, etc.) abre as portas, segundo Jordano, membro do jurado do 'Prêmio Fundação BBVA Fronteiras do Conhecimento' de Ecologia e Biologia da Conservação, para expor o nosso organismo a novos patógenos.

"Também o contato de animais domésticos com a fauna selvagem, que causa transmissão nas duas direções", explica.

"As doenças emergentes nos últimos 30-40 anos estiveram ligadas a alterações de habitats naturais, suburbanização, superpopulação em áreas silvestres e avanço de áreas urbanas em áreas selvagens. Estas condições favorecem 'saltos' de espécies silvestres - meros portadores - para humanos. Se a isso acrescentamos a facilidade de dispersão em um mundo globalizado, com transporte aéreo e marítimo, tráfico de animais extensivo e taxas de desmatamento e alteração do meio natural devastadoras, as condições para uma pandemia generalizada estão dadas".

É uma doença zoonótica a mais (procedente dos animais) ou tem alguma característica especial?

O SARS-COV-2 e seu efeito, COVID-19, é um grande desconhecido. Geneticamente está relacionado com o SARS-COV de 2003, mas a doença que causa e sua dinâmica é muito diferente. O SARS-COV foi mais mortal, mas muito menos infeccioso que o SARS-COV-2, e não houve novos surtos da SARS no mundo, desde 2003. No momento, parece se comportar de forma similar a outros coronavírus, mas não posso opinar com conhecimento.

A maior parte destas pandemias são de base zoonótica e no caso do SARS-COV-2 muito possivelmente também, ainda que isso precisa ser comprovado. Por exemplo, a doença de Lyme (uma borreliose) no leste dos Estados Unidos está associada à alteração das matas e à sobrecaça de grandes predadores (lobos, raposas, águias e corujas) e ao crescimento de populações de roedores, que são reservatórios da bactéria. Quando alteramos a biodiversidade de ecossistemas naturais derrubamos barreiras para a expansão destes patógenos e, por nossa sociedade hiperconectada, estendemos pontes muito efetivas para a propagação de doenças - Pedro Jordano

Jim Robbins, do New York Times, insistia recentemente em um artigo no protagonismo da "ecologia da doença"...

Quando alteramos a biodiversidade de ecossistemas naturais derrubamos barreiras para a expansão destes patógenos e, por nossa sociedade hiperconectada, estendemos pontes muito efetivas para a propagação de doenças que, de outro modo, se manteriam em seus reservatórios naturais. Há muito poucas espécies que atuam como reservatórios. A maior parte de nossa biodiversidade não abriga patógenos que acarretem perigo neste sentido.

Como Robbins, acredita que as epidemias "não ocorrem", mas, ao contrário, são "o resultado do que o ser humano faz com a natureza"?

Claro que sim. Talvez não em todos os casos de doenças patogênicas em humanos, mas na maior parte das epidemias e pandemias que vimos emergir nos últimos 30-40 anos.

Como nossa atividade social e econômica influencia nessa alteração da paisagem?

Há múltiplas formas. Talvez a mais ampla é que a alteração da paisagem pelos humanos cria zonas de contato onde se dão características que favorecem a expansão de patógenos. Há vários exemplos disso, como o da borreliose, que mencionei, ou a expansão da malária em áreas desmatadas, onde a abertura e o clarão na mata favorecem a expansão de mosquitos vetores da doença. Além da alteração dos habitats naturais, existem outros efeitos como o aumento da sobrecaça de animais silvestres (e seu consumo ou tráfico para comércio).

Os médicos e os epidemiólogos deveriam se associar aos veterinários e biólogos para encontrar uma solução, para que não volte a ocorrer uma pandemia como essa?

Isso já está acontecendo, com colaborações muito transversais entre o âmbito de saúde, veterinários da vida silvestre, biólogos, matemáticos e físicos (que exploram modelos de propagação e contágio), etc. Há várias iniciativas em escala mundial, entre as quais se destaca a Iniciativa OneHealth, da qual participam mais de 600 especialistas de diferentes âmbitos científicos de todo o mundo. Ou também o projeto PREDICT...

Jordano considera que tanto o projeto PREDICT, como a Iniciativa OneHealth, são muito necessários porque identificam a via pela qual nossas pesquisas futuras deveriam caminhar: estudos interdisciplinares que nos permitam conhecer melhor estes ramos ambientais de doenças que podem ser devastadoras para a humanidade.

"Portanto - compreende - é necessário sair dos laboratórios para entender a ecologia da doença".

PREDICT e EcoHealth se dedicam a pesquisar a biodiversidade de vírus na fauna silvestre, enfocando grupos concretos como morcegos, roedores, primatas e aves. É muito urgente conhecer melhor nossa biodiversidade em escala mundial. Estimamos que conhecemos apenas 1% dos vírus dos animais silvestres. Temos um desconhecimento espetacular - Pedro Jordano

"Seria necessário ampliar sua ação - reivindica -, apoiando estas iniciativas cujo objetivo é identificar esses 'pontos quentes' de alto risco, onde a ação humana se desfaz dessas barreiras naturais. Já conseguiram muito: uma ação coordenada em mais de 20 países para a detecção precoce de surtos de vírus e outros emergentes".

Considera urgente a criação de um catálogo de vírus potencialmente perigosos?

Sim. É muito urgente conhecer melhor nossa biodiversidade em escala mundial. Estimamos que conhecemos apenas 1% dos vírus dos animais silvestres. Temos um desconhecimento espetacular. A exploração da biodiversidade terrestre é uma das grandes fronteiras do conhecimento humano, assim como é a exploração do Universo.

Pode ter efeitos positivos para os ecossistemas esta paralisação industrial e econômica?

Uma paralisação ou desaceleração da economia obviamente significa uma menor pressão sobre o meio ambiente, e há múltiplos indicadores (qualidade do ar, emissões, etc.) que mostram tal efeito positivo. Sendo assim, deveria se manter a longo prazo. Gostaria que uma crise deste tipo nos ensinasse a nos relacionar melhor com a natureza, como conhecê-la com maior profundidade e como delinear formas de uso de seus enormes recursos de uma maneira realmente sustentável para a saúde humana.

A COVID-19 é um exemplo a mais de nossa relação tóxica com a natureza e deve nos servir para delinear formas mais amigáveis de viver neste planeta.

(EcoDebate, 26/03/2020) publicado pela IHU On-line, parceira editorial da revista eletrônica EcoDebate na socialização da informação.

[IHU On-line é publicada pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos Unisinos, em São Leopoldo, RS.]

PUBLICIDADE

[CC BY-NC-SA 3.0][O conteúdo da EcoDebate pode ser copiado, reproduzido e/ou distribuído, desde que seja dado crédito ao autor, à EcoDebate com link e, se for o caso, à fonte primária da informação]

Inclusão na lista de distribuição do Boletim Diário da revista eletrônica EcoDebate

Caso queira ser incluído(a) na lista de distribuição de nosso boletim diário, basta enviar um email para newsletter_ecodebate+subscribe@googlegroups.com . O seu e-mail será incluído e você receberá uma mensagem solicitando que confirme a inscrição.

O EcoDebate não pratica SPAM e a exigência de confirmação do e-mail de origem visa evitar que seu e-mail seja incluído indevidamente por terceiros.

Remoção da lista de distribuição do Boletim Diário da revista eletrônica EcoDebate

Para cancelar a sua inscrição neste grupo, envie um e-mail para newsletter_ecodebate+unsubscribe@googlegroups.com ou ecodebate@ecodebate.com.br. O seu e-mail será removido e você receberá uma mensagem confirmando a remoção. Observe que a remoção é automática mas não é instantânea. Share this on WhatsApp

26/03/2020 | GZH | gauchazh.clicrbs.com.br | Geral

Universidades e sociedade civil articulam impressão 3D de máscaras contra coronavírus

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2020/03/universidades-e-sociedade-civil-articulam-impressao-3d-de-mascaras-ck8957162025h01qujj3u7t86.html>

RIO DE JANEIRO, RJ (FOLHAPRESS) - Uma das grandes dificuldades enfrentadas no combate à disseminação do novo coronavírus é a falta de equipamentos de proteção para os profissionais de saúde. Para driblar o problema, as universidades e a sociedade civil estão imprimindo protetores faciais em 3D e distribuindo o material gratuitamente nos hospitais.

A iniciativa ocorre com o envolvimento de pelo menos seis universidades: UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), UFF (Universidade Federal Fluminense), PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), Unirio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), UFPR (Universidade Federal do Paraná) e UFOB (Universidade Federal do Oeste da Bahia).

A comunidade dos "makers", pessoas engajadas na fabricação de produtos a partir da impressão 3D, também tem sido essencial no auxílio ao combate da pandemia.

A máscara produzida por meio deste processo se chama "face shield". É composta por um suporte, impresso em 3D, e por uma película de plástico que cobre todo o rosto. Na UFRJ, protótipos desses protetores faciais foram desenvolvidos por meio de uma parceria entre centros da universidade e o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho.

Um grupo de trabalho montado na universidade para ajudar na contenção do vírus utilizou modelos disponibilizados em código aberto pela empresa Prusa como base para a ideação do protótipo.

A partir daí, fizeram ajustes para satisfazer os requisitos da Anvisa, imprimiram em 3D e levaram as máscaras ao Hospital Universitário, onde foram avaliadas por uma equipe de profissionais de saúde.

A Anvisa publicou um decreto na segunda-feira (23) que permite, excepcionalmente, a fabricação de equipamentos de proteção sem autorização ou notificação ao órgão, desde que cumpridas as exigências de controle sanitário.

O médico infectologista Alberto Chebabo, do hospital Clementino Fraga Filho, afirma que as máscaras impressas em 3D têm a mesma eficácia das comuns.

"A gente testou para ver se é confortável, se não cai, se tem um nível de proteção adequado ao rosto e se dá para botar uma máscara comum junto ao protetor. Se testou, [viu que] é funcional e protege o rosto, pode ser usada", diz.

As máscaras estão sendo impressas em massa pela sociedade civil, e por universidades como a Unirio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) e a PUC (Pontifícia Universidade Católica). O objetivo é enviá-las para a secretaria de Estado de Saúde, que ficará responsável pela logística da distribuição. A expectativa é de que sejam produzidos entre 4.000 e 5.000 protetores faciais.

O modelo da UFRJ também está sendo disponibilizado para qualquer pessoa que queira imprimir os protetores com o intuito de doá-los. Assim, outros estados e municípios podem se beneficiar do trabalho de ideação realizado pela universidade.

"Acho que foi o produto mais rápido que já vi a gente gerar", afirma o professor da Coppe/UFRJ, Guilherme Travassos. "A maior parte está sendo impressa pelos produtores da sociedade civil. Se não fossem eles, não teria resolvido. A gente sabe fazer, mas não tem escala. Tem máquinas excelentes, mas uma máquina, e leva tempo para imprimir as peças."

O engajamento tomou corpo em um grupo de whatsapp formado por alunos e professores da UFRJ envolvidos com esse método de impressão. Um dos integrantes sugeriu que utilizassem seus equipamentos para ajudar na contenção do coronavírus. A partir daí, o grupo passou a se chamar SOS 3D COVID-19.

A maior parte dos suportes das máscaras estão sendo impressos na casa do engenheiro mecânico Pedro Accioly, formado pela UFRJ e dono de uma empresa de impressão em 3D. Com o empréstimo de amigos e outros ex-alunos, ele conseguiu reunir 15 impressoras para tocar a produção.

Depois que o suporte é impresso, o próximo passo é a montagem das máscaras, realizada em conjunto com a PUC. A faculdade fez uma grande compra de películas, e tem máquinas que permitem o corte a laser, necessário para recortar o plástico no tamanho correto.

Accioly já produziu cerca de 350 unidades, doadas e distribuídas ao Hospital Federal de Bonsucesso, ao Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, e ao Hospital Souza Aguiar.

Cada máscara tem um custo de produção de R\$ 6. O engenheiro afirma que o grupo já conseguiu arrecadar R\$ 27 mil para dar continuidade aos trabalhos. Ele ressalta que todos que têm impressoras 3D em casa podem ajudar.

"Nosso foco é mais nessa linha da comunidade maker, esse pessoal que tem o equipamento em casa. A gente consegue fornecer todas as informações, se a pessoa quiser ajudar. Qual o arquivo, o material, tudo mastigado para ela realmente só colocar na máquina", diz.

Na UFF, a movimentação começou no último sábado (21), quando o reitor Antonio Claudio da Nobrega montou um grupo multidisciplinar para a produção dos "face shields".

Assim como na UFRJ, a partir do projeto público da máscara desenvolvido pela Prusa, o mestrando Lucas de Lima trabalhou em modificações com o auxílio da equipe médica do Huap (Hospital Universitário Antônio Pedro).

Um protótipo aprovado pela equipe foi impresso e um ofício foi enviado por precaução à Anvisa e ao Inmetro, que liberou o uso do equipamento.

As impressões são realizadas por pesquisadores da UFF que têm o equipamento em casa, enquanto a montagem é feita na casa de Lima. Na próxima semana, a produção será centralizada em um espaço na escola de engenharia.

O Huap fez um pedido inicial de 1.000 máscaras, que também devem ser distribuídas para a rede do SUS em Niterói. Lima afirma que há a possibilidade, ainda, de que as máscaras passem a ser produzidas industrialmente, com moldes injetáveis.

Dessa forma, poderiam ser feitas milhares de unidades por dia, enquanto no espaço caseiro, a média é de uma a cada duas horas. O mestrando afirma que, para isso, está em contato com a Firjan Senai.

Por enquanto, o financiamento das máscaras está sendo feito pelos próprios professores. Empresas também procuraram o grupo para oferecer material. No site da FEC (Fundação Euclides da Cunha), instituição ligada à UFF, é possível encontrar os dados bancários para doar dinheiro à iniciativa.

A UFPR (Universidade Federal do Paraná) também está produzindo máscaras por meio da impressão 3D. O trabalho é realizado por integrantes de um projeto de extensão do curso de Engenharia Mecânica.

Os hospitais de Curitiba solicitaram mais de 3.000 máscaras ao grupo, que foram às redes sociais pedir ajuda a qualquer pessoa que tenha uma impressora 3D e que se disponha a participar da produção.

Um laboratório de fabricação digital (FabLab) da Prefeitura de Curitiba também deve começar a produzir, nesta quinta-feira (26), máscaras de proteção a partir da impressão 3D. A expectativa é de que 220 unidades sejam fabricadas diariamente.

Na Bahia, integrantes do projeto "Face Shield for Life 3D" já produziram 422 máscaras de proteção. A iniciativa conta com voluntários da sociedade civil e professores de escolas e universidades do estado, como a Universidade Federal do Oeste da Bahia.

No site do grupo, são disponibilizados arquivos para impressão, destinados aos que têm o equipamento em casa e querem participar.

O projeto já arrecadou mais de R\$ 35 mil em doações online. A primeira demanda atendida será a do hospital Couto Maia, mas a secretaria de saúde do Estado da Bahia ainda indicará outras unidades que precisam das máscaras.

26/03/2020 | GZH | gauchazh.clicrbs.com.br | Geral

Pesquisador gaúcho passa a integrar comitê do Ministério da Ciência para o combate ao coronavírus

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/columnistas/giane-guerra/noticia/2020/03/pesquisador-gaicho-passa-a-integrar-comite-do-ministerio-da-ciencia-para-o-combate-ao-coronavirus-ck87jcg7207qi01pqebss58nc.html>

Professor da Feevale é o único pesquisador na ativa na região Sul que está no grupo

Spilki no laboratório de Microbiologia MolecularFernanda Carvalho / Feevale / DivulgaçãoProfessor do mestrado em virologia da Universidade Feevale e presidente da Sociedade Brasileira de Virologia, Fernando Spilki foi nomeado, pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), para compor o Comitê de Especialistas Rede Vírus. O grupo reúne pesquisadores para lidar com o enfrentamento ao coronavírus e, também, preparar o Brasil para novas pandemias. Spilki é o único pesquisador na ativa na região Sul a integrar o comitê, além de ser fonte constante da coluna para tirar dúvidas dos empresários e trabalhadores sobre a pandemia.

Segundo Spilki, a função do comitê é propor ações com base na pesquisa, na ciência e na inovação. Neste momento, a rede também ajuda o ministério nos editais e chamadas, que visam dar uma resposta e auxiliar no combate ao coronavírus.

- É um grande privilégio estarmos junto de grandes pesquisadores, poder ouvir a experiência deles e participar dessas ações, valorizando o que a ciência brasileira pode fazer para ajudar o país, perante uma crise tão grave - afirma.

Fernando Spilki possui graduação em medicina veterinária e mestrado em ciências veterinárias pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Também tem doutorado em genética e biologia molecular pela Universidade Estadual de Campinas. Além de presidir a Sociedade Brasileira de Virologia, é coordenador do curso de medicina veterinária da Universidade Feevale.

Receba duas vezes por dia um boletim com o resumo das últimas notícias da covid-19. Para receber o conteúdo gratuitamente, basta se cadastrar neste link

Quer saber mais sobre o coronavírus? Clique aqui e acompanhe todas as notícias, esclareça dúvidas e confira como se proteger da doença.

Colunista Giane Guerra (giane.guerra@rdgaucha.com.br)

Colaborou Daniel Giussani (daniel.giussani@zerohora.com.br)

Siga Giane Guerra no Facebook

Leia aqui outras notícias da colunista

26/03/2020 | Hora da Notícia RS | horadanoticiars.com.br | Geral

Entidades propõem à Prefeitura medidas de proteção da população em situação de rua durante a pandemia

<https://horadanoticiars.com.br/entidades-propoe-a-prefeitura-medidas-de-protecao-da-populacao-em-situacao-de-rua-durante-a-pandemia/>

Representantes de organizações da sociedade civil e de trabalhadores de serviços públicos e privados, se uniram num grupo suprapartidário para propor uma série de medidas com o objetivo de reduzir o impacto da pandemia do coronavírus na população em situação de rua de Porto Alegre. Em carta endereçada ao prefeito da capital, Nelson Marchezan (PSDB), e ao secretário municipal da Saúde, Pablo Stürmer, os membros do grupo propõem ações de acesso à água, a banheiros públicos, acesso à saúde e alimentação das 4,4 mil pessoas que vivem nas ruas da cidade.

"Essas ações envolvem tanto o Poder Público quanto a sociedade civil num esforço solidário e responsável de maneira a elaborar e executar um Plano de Contingenciamento da Pandemia de Coronavírus (COVID-19) para a População em Situação de Rua de Porto Alegre", afirma o grupo no documento, datado no dia 19 de março.

Com relação ao acesso à água, a proposta é que sejam deslacradas as torneiras nas praças públicas e igrejas, assim como permitir o uso de mangueiras para captar água de escolas e instituições públicas e privadas até a rua. Ainda do ponto de vista da higiene, é pedida a instalação de banheiros públicos, com chuveiro, nas diferentes regiões da cidade, incluindo materiais como sabão e álcool gel. Para a limpeza dos banheiros, a sugestão é que sejam contratadas as próprias pessoas em situação de rua.

A proposta para enfrentar o impacto do coronavírus nessa população específica também inclui a disponibilidade de uma unidade móvel de saúde para realizar testes de diagnóstico da doença, a criação de locais de quarentena para pessoas contaminadas, como escolas, ginásios e hotéis, além da reorganização de abrigos e novos espaços para a permanência da população em situação de rua com maior risco de mortalidade, como idosos, soropositivos, doentes e grávidas.

No âmbito da alimentação, o grupo suprapartidário propõe a ampliação do número de refeições servidas nos restaurantes populares da cidade, com a entrega feita em marmitas fechadas, evitando ao máximo o risco de contágio. "Acreditamos que estas medidas iniciais contribuirão para impactar positivamente no controle da epidemia do COVID-19. O grupo que elaborou este documento coloca-se à disposição para dialogar e construir parcerias para a realização deste plano de contingenciamento", diz trecho da carta.

Assinam o documento as organizações da sociedade civil Banho Solidário, Enfermagem na Rua, Prato Feito das Ruas, Misturaí, Boca de Rua, Coletivo Alicerce e Coletivo PoA_Inquieta, além trabalhadores de serviços públicos, privados e conveniados, como UFRGS, Unisinos, Escola Porto Alegre, Associação Beneficente Amurt-Amurtel, Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre, Comissão de Saúde Mental do Conselho Municipal de Saúde de Porto Alegre, Ilê Mulher, Defensoria Pública da União, Movimento Nacional da População de Rua, Cáritas Arquidiocesana - Mensageiro da Caridade, Irmandade Fraternidade O Caminho, Pastoral do

26/03/2020 | Jornal NH | jornalnh.com.br | Geral

Prefeitura compra 1 mil kits de testagem do novo coronavírus

https://www.jornalnh.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/03/26/prefeitura-compra-1-mil-kits-de-testagem-do-novo-coronavirus.html

A prefeitura de Campo Bom deve receber nos próximos dias 1 mil kits de testagem do novo coronavírus. Os exames para diagnóstico da Covid-19 serão realizados por meio do Laboratório de Microbiologia Molecular da Universidade Feevale, que fechou parceria com o município.

Os exames serão coletados de pacientes selecionados conforme protocolo do Ministério da Saúde e o resultado dos testes deve ficar pronto entre 24 e 48 horas.

A compra dos kits garantirá agilidade na obtenção do diagnóstico tendo em vista que atualmente, as coletas realizadas pela Secretaria Municipal de Saúde são encaminhadas para o Laboratório Central do Estado (Lacen), em Porto Alegre, para serem testadas.

Segundo a secretária de Saúde de Campo Bom, Suzana Ambros, a testagem pela universidade seguirá o protocolo estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS), idêntico ao utilizado nos laboratórios oficiais.

Mais praticidade no seu dia a dia: clique aqui para receber gratuitamente notícias diretamente em seu e-mail! TAGS: campo bom coronavirus covid-19 kits testagem Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

26/03/2020 | Jornal NH | jornalnh.com.br | Geral

Entre a coleta e os resultados: entenda por que a demora para os laudos de coronavírus

https://www.jornalnh.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/03/26/entre-a-coleta-e-os-resultados--entenda-por-que-a-demora-para-os-laudos-de-coronavirus.html

Brasil não tem testes para comprovar coronavírus em toda a população que manifestar sintomas Foto: Agência Brasil "Testar e isolar." Esta é a recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) a todos os países que vivem a pandemia do novo coronavírus. Mas como pôr em prática a orientação de conseguir rastrear toda e qualquer suspeita de infecção com número insuficiente de testes, laboratórios com capacidade limitada, insumo em falta e demanda crescente por laudos? O desafio é grande e parece não existir solução imediata para municípios, Estados e a União. Para muitos especialistas, o Brasil vê apenas a ponta do iceberg provocado pelo vírus Sars-Cov-2.

CONTEÚDO ABERTO | Leia todas as notícias sobre o coronavírus

Com mais de 250 mil habitantes, Novo Hamburgo, a maior cidade do Vale do Sinos, ainda não testou nenhum paciente para coronavírus, o que não é a realidade. A própria prefeita Fatima Daudt já admitiu que o vírus está circulando pelo Município, o que justifica a necessidade de seguir a quarentena. Os quatro pacientes que já tiveram Covid-19 confirmados são moradores de outras cidades da região - dois de Campo Bom, um de São Leopoldo e um de Estância Velha - que procuram atendimento na rede privada

de Saúde no Município.

Leia também Itamaraty cria grupo de crise para ajudar brasileiros fora do País Começa o cadastro de voluntários para reforço do atendimento à Covid-19 Covid-19: Rio Grande do Sul tem 173 casos confirmados Para entender esta situação é preciso olhar por duas óticas. Uma delas é que nem todo o paciente com sintomas - os mais expressivos: febre, coriza, dor no corpo e falta de ar - tem material coletado para análise de coronavírus. A indicação é que apenas pacientes com sintomas graves e que necessitem de internação tenham material coletado. Isso ajuda a mascarar os dados reais, uma vez que não é possível atestar com exatidão os pacientes em isolamento domiciliar e com sintomas brandos. O outro ponto de leitura é a estrutura limitada do Laboratório Central do Estado (Lacen). Com pouco investimento nos últimos anos, o Lacen se tornou local onde só cresce uma fila por respostas.

Segundo o Estado, desde o dia 6 de março, quando o laboratório começou a realizar o procedimento, já foram feitos pouco mais de 2,6 mil testes no Rio Grande do Sul, o que dá uma média 162,5 exames por dia e mostra que o Lacen precisa de ajuda. A referência do Estado pede 72 horas para diagnosticar o novo coronavírus. Esse tempo conta a partir da chegada das amostras na unidade, em Porto Alegre, e não considera o período entre a coleta e o envio, que são de responsabilidade dos municípios.

Citando novamente Novo Hamburgo como exemplo, os 10 exames de moradores da cidade feitos somente nesta quinta-feira (26) pelo Lacen, foram de coletas realizadas entre a última quinta-feira (dia 19) e o domingo (dia 22), mas que chegaram ao laboratório entre segunda e terça-feira. "Em algumas das amostras foi possível ter o diagnóstico final de um dia para o outro, inferior ao prazo estimado de até três dias", destacou a assessoria do Estado. A previsão da Secretaria Estadual da Saúde (SES), lá no início, era que Lacen atestasse em 48 horas o laudo. Feevale e UFRGS assumirão papel importante

A experiência internacional mostra que países que adotaram a testagem em massa na população e de forma rápida, como a Coreia do Sul, por exemplo, conseguiram controlar melhor o avanço do coronavírus. Os municípios já perceberam que não poderão contar somente com o Lacen para que isso ocorra. Por isso, parcerias como a firmada com a Universidade Feevale se mostram positivas. O laboratório da instituição conseguirá testar até 50 amostras por dia, com resultado liberado entre 24 e 48 horas. Os municípios farão a divulgação dos casos confirmados e descartados.

Amostra inativa de sars-cov-2 chegou à Feevale Foto: Carlos Rissotto/GES-Especial

Segundo a universidade, as análises devem começar na próxima segunda-feira, dia 30, pois ainda são aguardados alguns reagentes. Novo Hamburgo, Campo Bom e demais cidades que integram a Associação dos Municípios do Vale do Rio dos Sinos (Amvars), além de Esteio, já firmaram acordo. Elas entram com os kits e a universidade com o laboratório. Campo Bom já sinalizou a compra de mil kits. A cidade tem dois casos confirmados de Covid-19, entre eles o primeiro do Rio Grande do Sul.

Em socorro ao Lacen, o Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS) da UFRGS também entra na jogada nas próximas semanas. Segundo a diretora do ICBS, Ilma Brum da Silva, voluntários já foram convocados e devem ser capacitados nos próximos dias. Quando começar, o instituto conseguirá fazer de 400 a 500 exames por dia, podendo chegar a 1,8 mil diários, após aquisição de um novo equipamento. Testes rápidos ainda sem previsão de chegar

Nesta quinta-feira, o Brasil completa um mês do primeiro caso confirmado no País e o Ministério da Saúde admite que devemos ter aumento significativo nos registros de Covid-19. Em casos de vírus já conhecidos, como o H1N1, H2N3 e Influenza B, sabe-se que o ápice ocorre entre a 17ª e 23ª semana epidemiológica. Segundo o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, podemos esperar o mesmo do coronavírus. O Brasil está com 2.915 casos e 77 mortes.

Para tentar rastrear o máximo possível do coronavírus, o Brasil deve usar testes rápidos. A Anvisa aprovou pouco mais de uma dezena de novos tipos de testes para diagnosticar a Covid-19 e o Ministério da Saúde anunciou a compra de 10 milhões de testes rápidos de um fornecedor chinês. Na última terça-feira, o governo disse que ampliará para 22,9 milhões o número de testes disponíveis.

A previsão de chegada aos municípios ainda é incerta. Novo Hamburgo já afirmou que ainda não teve sinalização do recebimento dos testes. Sabe-se, no entanto, que 2 milhões de testes estão reservados aos profissionais de saúde.

Receba notícias diretamente em seu e-mail! Clique aqui e inscreva-se gratuitamente na nossa newsletter. TAGS: covid-19 s lacen testes rápido Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

26/03/2020 | Jornal NH | jornalnh.com.br | Geral

'São as pequenas e médias empresas que geram empregos', diz economista

https://www.jornalnh.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/03/26/sao-as-pequenas-e-medias-empresas-que-geram-empregos---diz-economista.html

Ministério da Economia e BNDES liberaram recursos para linhas de crédito Foto: Marcello Casal Jr/Agência Brasil Desde o início da pandemia causada pelo novo coronavírus, o governo anunciou medidas de estímulo à produção e indústria. Entre elas, linhas de crédito às pequenas e médias empresas espalhadas pelo Brasil. O Ministério da Economia e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) anunciaram ações para fortalecer o capital de giro dos empreendedores brasileiros. Especialistas ressaltam que, além da liberação de verbas, também é preciso que este dinheiro chegue logo na ponta. Eventual demora poderá trazer sérias consequências. Por outro lado, empregadores aguardam pelo aporte que poderá servir de "respiro" e pode representar a salvação dos negócios.

O economista e professor da Universidade Feevale, José Antônio Ribeiro de Moura, resalta que é neste segmento em que estão concentradas a maior parte dos postos de trabalho no País. "Além das MEIs (microempresas individuais), são as médias e pequenas empresas que geram os empregos", sustenta. Isto também está diretamente ligado à mão de obra disponibilizada. "As grandes indústrias têm um alto nível tecnológico em suas produções", observa Moura.

Leia também Governo deve manter calendário de pagamento do IPVA Brasil tem 194 pacientes com coronavírus na UTI; no Rio Grande do Sul são 24 Hospital Regina tem caso confirmado para coronavírus e sete casos suspeitos Ministério da Saúde diz que estimativa de casos não identificados da Covid-19 pode ser de até 86%

Ainda de acordo com o professor, a injeção destes recursos deve ser rápida para não prejudicar boa parte desses empreendimentos. E, conseqüentemente, evitar uma série de demissões em massa que pode gerar um colapso social. Em função disso, evitar elevação no índice de desempregados deve ser uma obstinação por parte dos governos neste momento.

O economista pontua que a concessão do benefício às empresas também devem vir com condições pré-determinadas. "Acredito que o governo tem que liberar recursos para as empresas, mas fazer um pacto de não demissão por três meses. Tem que proteger o emprego", afirma. "O governo aumento complementação dos salários para os empregados que tiverem redução e recebem até três salários (mínimos). Para que não haja um colapso maior ainda", completa Moura. As medidas do governo federal para amparar pequenas e médias empresas

A primeira ação veio ainda no dia 19 de março. O Ministério da Economia confirmou que empresas com faturamento bruto de até R\$ 10 milhões por ano contariam com uma linha de crédito especial. Ao todo, foi disponibilizado R\$ 1 bilhão. O montante vem do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) e terá como finalidade ampliar o capital de giro destas organizações. A promessa, inclusive, é gradativamente ampliar a oferta conforme a demanda. O prazo fixado para pagamento desta modalidade de financiamento é de até 48 meses. Ainda de acordo com a pasta, a prioridade seriam as micro e pequenas empresas.

Já o Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) anunciou domingo (22), mais uma medida para amenizar danos, está ligada à expansão da oferta de capital para as necessidades imediatas de empresas. A partir disso prevê a ampliação da linha de BNDES Crédito Pequenas Empresas, que contemplará microempresas e também aquelas com faturamento de até R\$ 300 milhões.

Conforme a instituição financeira, o limite de crédito por beneficiário ao ano passará por elevação. Deverá oscilar positivamente dos atuais 10 para 70 milhões de reais. Assim, de acordo com o BNDES, se poderá colaborar com a necessidade de capital de giro. Além disso, as empresas terão 24 meses de carência e cinco anos para pagar estes financiamentos.

Receba notícias diretamente em seu e-mail! Clique aqui e inscreva-se gratuitamente na nossa newsletter. TAGS: brasil Economia emprego linhas de crédito pequena e média empresa Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

26/03/2020 | Jornal NH | jornalnh.com.br | Geral

Saiba se vale a pena apostar no empréstimo consignado

https://www.jornalnh.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/03/26/saiba-se-vale-a-pena-apostar-no-emprestimo-consignado.html

Modalidade terá diminuição nos juros Foto: Marcello Casal Jr/Agência Brasil Com a diminuição da taxa de juros do empréstimo consignado para aposentados e pensionistas do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), que caiu de 2,08% para 1,80%, é mais uma opção de suporte à população. A ação também vem de encontro a uma série de medidas adotadas pelo Ministério da Economia como forma de reduzir os impactos da pandemia de Covid-19. Por outro lado, outra preocupação está relacionada aos trabalhadores informais, que não possuem renda fixa ou possibilidade de acesso ao crédito.

Na avaliação do economista e professor da Universidade Feevale, José Antônio Ribeiro de Moura, "todo alívio de custo é importante", em relação à queda nos juros do consignado. Apesar disso, sinaliza que os clientes devem verificar bem as condições de negociação para evitar que, logo ali na frente, possam vir a ter problemas para honrar o pagamento das parcelas. Afinal, esta modalidade de empréstimo resulta no desconto direto na fonte.

O secretário especial de Previdência e Trabalho (Sepre) do Ministério da Economia, Bruno Bianco, projeta que este conjunto deve resultar na injeção de R\$ 25 bilhões na economia. "A população brasileira, especialmente a parcela mais vulnerável, precisará acessar crédito mais facilmente e com melhor taxa de juros", destaca.

Em paralelo a isso, a taxa para o cartão de crédito também foi reduzida. O índice foi dos atuais 3% também reduziu para 2,70%. Ambas as medidas foram discutidas na terça-feira de semana passada, no dia 17 de março. Informais deveriam receber, pelo menos, um salário mínimo

Moura acredita que, seja a proposta de R\$ 200 apresentada pelo governo ou a "contraproposta" formulada pelo presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM-RJ), que prega o valor de R\$ 500, aos trabalhadores informais não seja suficiente. De acordo com o economista, pelo menos um salário mínimo de renda neste período de quarentena. "Penso que isto seria o mínimo. Até por que, não possuem uma renda fixa e nem mesmo conseguem ter acesso a linhas de crédito, justamente por esse motivo", comenta.

Quer receber notícias como esta e muitas outras diretamente em seu e-mail? Clique aqui e inscreva-se gratuitamente na nossa newsletter. TAGS: Empréstimo Consignado juros Ministério da Economia redução Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

Primeira parte dos kits para testar casos de coronavírus foram recebidos nesta quinta

https://www.jornalnh.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/03/26/primeira-parte-dos-kits-para-testar-casos-de-coronavirus-foram-recebidos-nesta-quinta.html

Orsi pede que análises comecem a partir de sábado, mas início deve ficar para a próxima semana Foto: Carlos Rissotto/GES-Especial Uma primeira remessa, com 500 unidades, dos dois mil kits comprados pela Associação dos Municípios do Vale do Rio dos Sinos (Amvars), chegaram nesta quinta-feira (26). Inclusive, pelas próximas semanas, a entidade receberá semanalmente este mesmo volume até se completar o total da compra. Os materiais garantem a realização dos testes em pacientes com casos suspeitos de coronavírus na região, que geraram investimento de R\$ 150 mil. A Universidade Feevale ficará responsável por realizar as análises, que devem começar, no máximo, até o início da próxima semana.

Conforme diz o presidente da Amvars e prefeito de Campo Bom, Luciano Orsi (PDT), foi solicitado ao reitor Cléber Prodanov que, caso seja possível, os primeiros exames comecem ainda no fim de semana. "Pedimos que iniciassem até sábado. Apesar disso, entendemos que há testes a serem realizados ainda", comenta. A expectativa é que até 50 testes sejam feitos a cada dia. "Esta é uma margem segura", pontua Orsi.

O prefeito de Campo Bom esclarece que as análises a serem realizadas pela Feevale são diferentes dos testes rápidos anunciados pelo Ministério da Saúde. O presidente da entidade que representa os municípios do Vale do Sinos ressalta que o procedimento aqui será o mesmo ao adotado pelo Laboratório Central do Estado (Lacen). "Se recolhe uma amostra da narina e a partir de um swab, que é uma espécie de cotonete, se faz uma raspagem leve na garganta", explica. Além do swab, integra o kit um composto com cerca de seis reagentes.

Foi convocada para sexta-feira (27) reunião virtual com representantes das secretarias municipais de saúde da região. Estes profissionais devem ficar responsáveis por coletar os materiais. Após isso, serão remetidos para Campo Bom. A prefeitura cedeu profissionais para estabelecer um centro de triagem das amostras e, de lá, serão levadas para a universidade. "Estabelecemos este fluxo até para organizar melhor", pontua Orsi. Divisão obedecerá critério populacional

Os dois mil kits serão divididos entre os 12 municípios da região. Segundo Orsi, para que se obedeça um critério lógico e justo, o número de habitantes será determinante na destinação dos materiais. Novo Hamburgo e São Leopoldo, que são as cidades mais populosas, devem ficar com até 600 itens. Campo Bom, por exemplo, deverá ter cerca de 200.

Mais praticidade no seu dia a dia: clique aqui para receber gratuitamente notícias diretamente em seu e-mail! TAGS: amvars coronavirus Exames kits luciano orsi testes Universidade Feevale Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

Pesquisa nacional comprova confiança da população nos jornais impressos

<https://repercussaoparanhana.com/geral/pesquisa-nacional-comprova-confianca-da-populacao-nos-jornais-impressos>

Região - A disseminação de conteúdos com baixa credibilidade, de gosto duvidoso, ofensivo e por diversas vezes, inverídico/falso, demonstra a importância do jornalismo sério, independente e que informa de maneira clara e com responsabilidade à população. Tal comprovação está destacada em recente pesquisa do Instituto Datafolha que entrevistou 1.558 pessoas por telefone, de quarta-feira (18) a sexta-feira (20). Nela, ficou comprovado que os brasileiros confiam em veículos tradicionais - jornais e TVs -, e desconfiam de fatos destacados de forma pejorativa em redes sociais e aplicativos de troca de mensagens.

Esse levantamento ganha fundamento observando o próprio crescimento do Grupo Repercussão nos vales do Sinos e Paranhana. Com um trabalho sério, responsável, dinâmico e com um time de jornalistas e repórteres formados nas principais universidades do Vale do Sinos (Unisinos, Feevale e Ulbra), os jornais e canais multimídia do Grupo Repercussão são referências para milhares de leitores. Em um período de pandemia igual ao que o mundo enfrenta atualmente, os canais da empresa continuam abordando temas importantíssimos e contribuindo com informações relevantes para comunidades de dez municípios. E, tudo, de forma gratuita e com acesso liberado nos dois portais de notícia - jornalrepercussao.com.br e repercussaoparanhana.com

O que diz a pesquisa do Datafolha

A pesquisa trouxe o índice de confiança do brasileiro nas informações sobre a crise do coronavírus. A pergunta principal era se o brasileiro confia ou não nas informações divulgadas nos jornais impressos. O levantamento comprovou que 56% confiam nas notícias dos jornais, 11% não confiam; 25% em parte; e 7% não utilizam esse meio de comunicação.

Nos sites de notícia, 38% declararam que confiam; 22% não confiam; 35%, em parte; e 5% não utilizam.

No WhatsApp, 12% disseram que confiam; 58% não confiam; 24%, em parte; e 6% não utilizam.

No Facebook, 12% responderam que confiam; 50% não confiam; 25%; em parte; e 13% não utilizam.

Grupo Repercussão utiliza organização multiplataforma para levar informações precisas

A política do Grupo Repercussão na publicação de notícias é objetiva. Só vai para os nossos canais informações que foram conferidas com as autoridades. E, para obter o maior alcance possível, o Grupo Repercussão ainda distribui suas notícias através das listas de transmissão pelo WhatsApp e publica os principais fatos do dia, também, no Facebook. Ou seja, não existe margem para notícias falsas ou inverídicas nos canais do Grupo Repercussão.

Assuntos: credibilidade Igrejinha Parobé pesquisa nacional datafolha Riozinho Rolante Taquara Três Coroas

26/03/2020 | **Jornal Repercussão** | jornalrepercussao.com.br | Geral

Pesquisa nacional comprova confiança da população nos jornais impressos

<https://www.jornalrepercussao.com.br/dia-a-dia/pesquisa-nacional-comprova-confianca-da-populacao-nos-jornais-impressos>

Região - A disseminação de conteúdos com baixa credibilidade, de gosto duvidoso, ofensivo e por diversas vezes, inverídico/falso, demonstra a importância do jornalismo sério, independente e que informa de maneira clara e com responsabilidade à população. Tal comprovação está destacada em recente pesquisa do Instituto Datafolha que entrevistou 1.558 pessoas por telefone, de quarta-feira (18) a sexta-feira (20). Nela, ficou comprovado que os brasileiros confiam em veículos tradicionais - jornais e TVs -, e desconfiam de fatos destacados de forma pejorativa em redes sociais e aplicativos de troca de mensagens.

Esse levantamento ganha fundamento observando o próprio crescimento do Grupo Repercussão nos vales do Sinos e Paranhana. Com um trabalho sério, responsável, dinâmico e com um time de jornalistas e repórteres formados nas principais universidades do Vale do Sinos (Unisinos, Feevale e Ulbra), os jornais e canais multimídia do Grupo Repercussão são referências para milhares de leitores. Em um período de pandemia igual ao que o mundo enfrenta atualmente, os canais da empresa continuam abordando temas importantíssimos e contribuindo com informações relevantes para comunidades de dez municípios. E, tudo, de forma gratuita e com acesso liberado nos dois portais de notícia - jornalrepercussao.com.br e repercussaoparanhana.com

O que diz a pesquisa do Datafolha

A pesquisa trouxe o índice de confiança do brasileiro nas informações sobre a crise do coronavírus. A pergunta principal era se o brasileiro confia ou não nas informações divulgadas nos jornais impressos. O levantamento comprovou que 56% confiam nas notícias dos jornais, 11% não confiam; 25% em parte; e 7% não utilizam esse meio de comunicação.

Nos sites de notícia, 38% declararam que confiam; 22% não confiam; 35%, em parte; e 5% não utilizam.

No WhatsApp, 12% disseram que confiam; 58% não confiam; 24%, em parte; e 6% não utilizam.

No Facebook, 12% responderam que confiam; 50% não confiam; 25%; em parte; e 13% não utilizam.

Grupo Repercussão utiliza organização multiplataforma para levar informações precisas

A política do Grupo Repercussão na publicação de notícias é objetiva. Só vai para os nossos canais informações que foram conferidas com as autoridades. E, para obter o maior alcance possível, o Grupo Repercussão ainda distribuiu suas notícias através das listas de transmissão pelo WhatsApp e publica os principais fatos do dia, também, no Facebook. Ou seja, não existe margem para notícias falsas ou inverídicas nos canais do Grupo Repercussão.

Tags: credibilidade Grupo Repercussão Jornal Repercussão Pesquisa nacional Datafolha Região

26/03/2020 | Jornal Repercussão | jornalrepercussao.com.br | Geral

Prefeitura de Campo Bom compra mil kits para diagnóstico do coronavírus

<https://www.jornalrepercussao.com.br/dia-a-dia/prefeitura-de-campo-bom-compra-mil-kits-para-diagnostico-do-coronavirus>

Campo Bom - A Prefeitura de Campo Bom deve receber nos próximos dias mil kits de testagem do novo coronavírus (Covid-19). Os exames para diagnóstico serão realizados por meio do Laboratório de Microbiologia Molecular da Universidade Feevale, que fechou parceria com o Município.

Os exames serão coletados de pacientes selecionados conforme protocolo do Ministério da Saúde e o resultado dos testes deve ficar pronto entre 24 e 48 horas. A compra dos kits garantirá agilidade na obtenção do diagnóstico tendo em vista que atualmente, as

coletas realizadas pela Secretaria Municipal de Saúde são encaminhadas para o Laboratório Central do Estado (Lacen/RS), em Porto Alegre, para serem testadas.

Segundo a secretária de Saúde de Campo Bom, Suzana Ambros, a testagem pela universidade seguirá o protocolo estabelecido pela Organização Mundial da Saúde, idêntico ao utilizado nos laboratórios oficiais.

Fotografia: Eder Zucolotto

Tags: Campo Bom

26/03/2020 | Jornal VS | jornalvs.com.br | Geral

Novo Hamburgo testa quatro pacientes positivos para coronavírus; nenhum morador da cidade

https://www.jornalvs.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/03/26/novo-hamburgo-testa-quatro-pacientes-positivos-para-coronavirus--nenhum-morador-da-cidade.html

Guarda Municipal alerta população sobre importância do isolamento em Novo Hamburgo Foto: Igor Müller A prefeita Fatima Daudt confirmou nesta quinta-feira (25) que Novo Hamburgo testou quatro pacientes positivos para coronavírus. A informação foi dada durante o programa Ponto e Contraponto da Rádio ABC. A prefeita ressaltou, no entanto, que os quatro laudos são de moradores de outras cidades que buscaram atendimento na rede privada do Município, como a Unimed, por exemplo. Por ora, ainda não há confirmação de Covid-19 em cidadãos hamburguenses.

CONTEÚDO LIBERADO | Leia todas as notícias sobre coronavírus

Fatima voltou a afirmar que o Laboratório Central do Estado (Lacen) está sobrecarregado e, por isso, a demora nos resultados. Para os moradores de fora de Novo Hamburgo, além dos 4 testes positivos, outros 26 casos deram negativos para sars-cov-2, o nome oficial do vírus, e um foi excluído.

Já os laudos de hamburguenses especificamente ainda não há laudos positivos, mas há 16 amostras aguardando resultado, 23 deram negativos e dois excluídos. "Hoje, a orientação é só fazer os exames naqueles que estão em caso de internação ou que o vírus esteja atuando de forma mais intensa no organismo", afirma Fatima.

Segundo a Prefeita, a parceria com a Feevale deve começar assim que os kits chegarem. A previsão era para hoje, mas está atrasado a entrega. Lembrando, que a Universidade entra com os profissionais e laboratórios e, as prefeituras parceiras, com os kits. A Feevale deverá ter autonomia de 50 testes por dia. TAGS: coronavirus Novo Hamburgo saúde Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

26/03/2020 | Jornal VS | jornalvs.com.br | Geral

Entre a coleta e os resultados: entenda por que a demora para os laudos de coronavírus

https://www.jornalvs.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/03/26/entre-a-coleta-e-os-resultados--entenda-por-que-a-demora-para-os-laudos-de-coronavirus.html

Brasil não tem testes para comprovar coronavírus em toda a população que manifestar sintomas Foto: Agência Brasil "Testar e isolar." Esta é a recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) a todos os países que vivem a pandemia do novo coronavírus. Mas como pôr em prática a orientação de conseguir rastrear toda e qualquer suspeita de infecção com número insuficiente de testes, laboratórios com capacidade limitada, insumo em falta e demanda crescente por laudos? O desafio é grande e parece não existir solução imediata para municípios, Estados e a União. Para muitos especialistas, o Brasil vê apenas a ponta do iceberg provocado pelo vírus Sars-Cov-2.

CONTEÚDO ABERTO | Leia todas as notícias sobre o coronavírus

Com mais de 250 mil habitantes, Novo Hamburgo, a maior cidade do Vale do Sinos, ainda não testou nenhum paciente para coronavírus, o que não é a realidade. A própria prefeita Fatima Daudt já admitiu que o vírus está circulando pelo Município, o que justifica a necessidade de seguir a quarentena. Os quatro pacientes que já tiveram Covid-19 confirmados são moradores de outras cidades da região - dois de Campo Bom, um de São Leopoldo e um de Estância Velha - que procuram atendimento na rede privada de Saúde no Município.

Leia também Itamaraty cria grupo de crise para ajudar brasileiros fora do País Começa o cadastro de voluntários para reforço do atendimento à Covid-19 Covid-19: Rio Grande do Sul tem 173 casos confirmados Para entender esta situação é preciso olhar por duas óticas. Uma delas é que nem todo o paciente com sintomas - os mais expressivos: febre, coriza, dor no corpo e falta de ar - tem material coletado para análise de coronavírus. A indicação é que apenas pacientes com sintomas graves e que necessitem de internação tenham material coletado. Isso ajuda a mascarar os dados reais, uma vez que não é possível atestar com exatidão os pacientes em isolamento domiciliar e com sintomas brandos. O outro ponto de leitura é a estrutura limitada do Laboratório Central do Estado (Lacen). Com pouco investimento nos últimos anos, o Lacen se tornou local onde só cresce uma fila por respostas.

Segundo o Estado, desde o dia 6 de março, quando o laboratório começou a realizar o procedimento, já foram feitos pouco mais de 2,6 mil testes no Rio Grande do Sul, o que dá uma média 162,5 exames por dia e mostra que o Lacen precisa de ajuda. A referência do Estado pede 72 horas para diagnosticar o novo coronavírus. Esse tempo conta a partir da chegada das amostras na unidade, em

Porto Alegre, e não considera o período entre a coleta e o envio, que são de responsabilidade dos municípios.

Citando novamente Novo Hamburgo como exemplo, os 10 exames de moradores da cidade feitos somente nesta quinta-feira (26) pelo Lacen, foram de coletas realizadas entre a última quinta-feira (dia 19) e o domingo (dia 22), mas que chegaram ao laboratório entre segunda e terça-feira. "Em algumas das amostras foi possível ter o diagnóstico final de um dia para o outro, inferior ao prazo estimado de até três dias", destacou a assessoria do Estado. A previsão da Secretaria Estadual da Saúde (SES), lá no início, era que Lacen atestasse em 48 horas o laudo. Feevale e UFRGS assumirão papel importante

A experiência internacional mostra que países que adotaram a testagem em massa na população e de forma rápida, como a Coreia do Sul, por exemplo, conseguiram controlar melhor o avanço do coronavírus. Os municípios já perceberam que não poderão contar somente com o Lacen para que isso ocorra. Por isso, parcerias como a firmada com a Universidade Feevale se mostram positivas. O laboratório da instituição conseguirá testar até 50 amostras por dia, com resultado liberado entre 24 e 48 horas. Os municípios farão a divulgação dos casos confirmados e descartados.

Amostra inativa de sars-cov-2 chegou à Feevale Foto: Carlos Rissotto/GES-Especial

Segundo a universidade, as análises devem começar na próxima segunda-feira, dia 30, pois ainda são aguardados alguns reagentes. Novo Hamburgo, Campo Bom e demais cidades que integram a Associação dos Municípios do Vale do Rio dos Sinos (Amvars), além de Esteio, já firmaram acordo. Elas entram com os kits e a universidade com o laboratório. Campo Bom já sinalizou a compra de mil kits. A cidade tem dois casos confirmados de Covid-19, entre eles o primeiro do Rio Grande do Sul.

Em socorro ao Lacen, o Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS) da UFRGS também entra na jogada nas próximas semanas. Segundo a diretora do ICBS, Ilma Brum da Silva, voluntários já foram convocados e devem ser capacitados nos próximos dias. Quando começar, o instituto conseguirá fazer de 400 a 500 exames por dia, podendo chegar a 1,8 mil diários, após aquisição de um novo equipamento. Testes rápidos ainda sem previsão de chegar

Nesta quinta-feira, o Brasil completa um mês do primeiro caso confirmado no País e o Ministério da Saúde admite que devemos ter aumento significativo nos registros de Covid-19. Em casos de vírus já conhecidos, como o H1N1, H2N3 e Influenza B, sabe-se que o ápice ocorre entre a 17ª e 23ª semana epidemiológica. Segundo o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, podemos esperar o mesmo do coronavírus. O Brasil está com 2.915 casos e 77 mortes.

Para tentar rastrear o máximo possível do coronavírus, o Brasil deve usar testes rápidos. A Anvisa aprovou pouco mais de uma dezena de novos tipos de testes para diagnosticar a Covid-19 e o Ministério da Saúde anunciou a compra de 10 milhões de testes rápidos de um fornecedor chinês. Na última terça-feira, o governo disse que ampliará para 22,9 milhões o número de testes disponíveis.

A previsão de chegada aos municípios ainda é incerta. Novo Hamburgo já afirmou que ainda não teve sinalização do recebimento dos testes. Sabe-se, no entanto, que 2 milhões de testes estão reservados aos profissionais de saúde. TAGS: covid-19 s lacen testes rápido Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

26/03/2020 | Jornal VS | jornalvs.com.br | Geral

'São as pequenas e médias empresas que geram empregos', diz economista

https://www.jornalvs.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/03/26/sao-as-pequenas-e-medias-empresas-que-geram-empregos---diz-economista.html

Ministério da Economia e BNDES liberaram recursos para linhas de crédito Foto: Marcello Casal Jr/Agência Brasil Desde o início da pandemia causada pelo novo coronavírus, o governo anunciou medidas de estímulo à produção e indústria. Entre elas, linhas de

crédito às pequenas e médias empresas espalhadas pelo Brasil. O Ministério da Economia e o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) anunciaram ações para fortalecer o capital de giro dos empreendedores brasileiros. Especialistas ressaltam que, além da liberação de verbas, também é preciso que este dinheiro chegue logo na ponta. Eventual demora poderá trazer sérias consequências. Por outro lado, empregadores aguardam pelo aporte que poderá servir de "respiro" e pode representar a salvação dos negócios.

O economista e professor da Universidade Feevale, José Antônio Ribeiro de Moura, ressalta que é neste segmento em que estão concentradas a maior parte dos postos de trabalho no País. "Além das MEIs (microempresas individuais), são as médias e pequenas empresas que geram os empregos", sustenta. Isto também está diretamente ligado à mão de obra disponibilizada. "As grandes indústrias têm um alto nível tecnológico em suas produções", observa Moura.

Leia também Governo deve manter calendário de pagamento do IPVA Brasil tem 194 pacientes com coronavírus na UTI; no Rio Grande do Sul são 24 Hospital Regina tem caso confirmado para coronavírus e sete casos suspeitos Ministério da Saúde diz que estimativa de casos não identificados da Covid-19 pode ser de até 86%

Ainda de acordo com o professor, a injeção destes recursos deve ser rápida para não prejudicar boa parte desses empreendimentos. E, conseqüentemente, evitar uma série de demissões em massa que pode gerar um colapso social. Em função disso, evitar elevação no índice de desempregados deve ser uma obstinação por parte dos governos neste momento.

O economista pontua que a concessão do benefício às empresas também devem vir com condições pré-determinadas. "Acredito que o governo tem que liberar recursos para as empresas, mas fazer um pacto de não demissão por três meses. Tem que proteger o emprego", afirma. "O governo aumento complementação dos salários para os empregados que tiverem redução e recebem até três salários (mínimos). Para que não haja um colapso maior ainda", completa Moura.

Já quem tira o sustento do próprio negócio, esta pode ser a luz no fim do túnel. "Se não conseguir um financiamento neste momento, onde não há clientes, não será possível efetuar o pagamento do aluguel, luz, condomínio e fornecedores. Fiz um investimento e estou sem capital de giro. Sem o financiamento não terei como ficar aberto após a crise passar", desabafa Valtair dos Santos, 40 anos, dono de uma cafeteria em São Leopoldo. "E não sou só eu. Muitos dos meus clientes que também são comerciantes, e outros que são donos de pequenas empresas e vinham de um período difícil, estão na mesma situação", lamenta. As medidas do governo federal para amparar pequenas e médias empresas

A primeira ação veio ainda no dia 19 de março. O Ministério da Economia confirmou que empresas com faturamento bruto de até R\$ 10 milhões por ano contariam com uma linha de crédito especial. Ao todo, foi disponibilizado R\$ 1 bilhão. O montante vem do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) e terá como finalidade ampliar o capital de giro destas organizações. A promessa, inclusive, é gradativamente ampliar a oferta conforme a demanda. O prazo fixado para pagamento desta modalidade de financiamento é de até 48 meses. Ainda de acordo com a pasta, a prioridade seriam as micro e pequenas empresas.

Já o Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) anunciou domingo (22), mais uma medida para amenizar danos, está ligada à expansão da oferta de capital para as necessidades imediatas de empresas. A partir disso prevê a ampliação da linha de BNDES Crédito Pequenas Empresas, que contemplará microempresas e também aquelas com faturamento de até R\$ 300 milhões.

Conforme a instituição financeira, o limite de crédito por beneficiário ao ano passará por elevação. Deverá oscilar positivamente dos atuais 10 para 70 milhões de reais. Assim, de acordo com o BNDES, se poderá colaborar com a necessidade de capital de giro. Além disso, as empresas terão 24 meses de carência e cinco anos para pagar estes financiamentos. TAGS: brasil Economia emprego linhas de crédito pequena e média empresa Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

Primeira parte dos kits para testar casos de coronavírus foram recebidos nesta quinta

https://www.jornalvs.com.br/noticias/especial_coronavirus/2020/03/26/primeira-parte-dos-kits-para-testar-casos-de-coronavirus-foram-recebidos-nesta-quinta.html

Orsi pede que análises comecem a partir de sábado, mas início deve ficar para a próxima semana Foto: Carlos Rissotto/GES-Especial Uma primeira remessa, com 500 unidades, dos dois mil kits comprados pela Associação dos Municípios do Vale do Rio dos Sinos (Amvars), chegaram nesta quinta-feira (26). Inclusive, pelas próximas semanas, a entidade receberá semanalmente este mesmo volume até se completar o total da compra. Os materiais garantem a realização dos testes em pacientes com casos suspeitos de coronavírus na região, que geraram investimento de R\$ 150 mil. A Universidade Feevale ficará responsável por realizar as análises, que devem começar, no máximo, até o início da próxima semana.

CONTEÚDO ABERTO | Leia todas as notícias sobre coronavírus

Conforme diz o presidente da Amvars e prefeito de Campo Bom, Luciano Orsi (PDT), foi solicitado ao reitor Cléber Prodanov que, caso seja possível, os primeiros exames comecem ainda no fim de semana. "Pedimos que iniciassem até sábado. Apesar disso, entendemos que há testes a serem realizados ainda", comenta. A expectativa é que até 50 testes sejam feitos a cada dia. "Esta é uma margem segura", pontua Orsi.

O prefeito de Campo Bom esclarece que as análises a serem realizadas pela Feevale são diferentes dos testes rápidos anunciados pelo Ministério da Saúde. O presidente da entidade que representa os municípios do Vale do Sinos ressalta que o procedimento aqui será o mesmo ao adotado pelo Laboratório Central do Estado (Lacen). "Se recolhe uma amostra da narina e a partir de um swab, que é uma espécie de cotonete, se faz uma raspagem leve na garganta", explica. Além do swab, integra o kit um composto com cerca de seis reagentes.

Foi convocada para sexta-feira (27) reunião virtual com representantes das secretarias municipais de saúde da região. Estes profissionais devem ficar responsáveis por coletar os materiais. Após isso, serão remetidos para Campo Bom. A prefeitura cedeu profissionais para estabelecer um centro de triagem das amostras e, de lá, serão levadas para a universidade. "Estabelecemos este fluxo até para organizar melhor", pontua Orsi. Divisão obedecerá critério populacional

Os dois mil kits serão divididos entre os 12 municípios da região. Segundo Orsi, para que se obedeça um critério lógico e justo, o número de habitantes será determinante na destinação dos materiais. Novo Hamburgo e São Leopoldo, que são as cidades mais populosas, devem ficar com até 600 itens. Campo Bom, por exemplo, deverá ter cerca de 200. TAGS: amvars coronavirus Exames kits luciano orsi testes Universidade Feevale Gostou desta matéria? Compartilhe! Encontrou erro? Avise a redação. Nome: E-mail: Descrição do erro: enviar

26/03/2020 | Martin Behrend | martinbehrend.com.br | Geral

Universidade Feevale inicia a fabricação de protetores faciais para profissionais da saúde

<http://www.martinbehrend.com.br/noticias/noticia/id/7590/titulo/universidade-feevale-inicia-a-fabricacao-de-protetores-faciais-para-profissionais-da-saude>

Materiais estão sendo produzidos em impressoras 3D, nos laboratórios da instituição
Protetores faciais de acetato. =Eduardo Bettio/Universidade Feevale

A Universidade Feevale, por meio dos laboratórios dos cursos de Engenharia, Computação e Design e do Feevale Techpark, iniciou a produção de protetores faciais (face shield) de acetato para os profissionais da área da saúde que estão trabalhando no combate à Covid-19.

Os primeiros protótipos já estão prontos e serão testados nesta quinta-feira (26), pela Fundação de Saúde Pública de Novo Hamburgo (FSNH) e pelo Hospital Municipal Lauro Reus, de Campo Bom.

A previsão inicial é que a Universidade produza cerca de 20 equipamentos de proteção por dia, os quais serão doados a hospitais e unidades básicas de saúde da região.

Os materiais estão sendo executados no Centro de Design, Ceted e Oficina Tecnológica da Feevale e a fabricação é feita em impressoras 3D.

Publicidade

Para o reitor Cleber Prodanov, o objetivo de desenvolver esses materiais é colaborar na proteção dos profissionais da Saúde que estão atendendo e acolhendo os pacientes. "A Universidade Feevale está engajada em todas as suas áreas, para que possamos ajudar a minimizar a expansão do Coronavírus. Essa contribuição é muito importante, pois significa uma barreira física entre o vírus e a pessoa que está na linha de frente", destaca.

A Feevale aceita contribuições dos materiais necessários (abaixo) para a realização da ação.

Publicidade

Os interessados em ajudar nessa causa podem entrar em contato pelo telefone (51) 3597 5802 ou pelo e-mail techpark@feevale.br.

26/03/2020 | Ponto Inicial | jornalpontoinitialdecaxias.blogspot.com | Geral

UCS e mais 12 universidades se manifestam sobre cuidados com idosos durante pandemia do coronavírus

<https://www.jornalpontoinitial.com.br/2020/03/26/ucs-e-mais-12-universidades-se-manifestam-sobre-cuidados-com-idosos-durante-pandemia-do-coronavirus/>

A Universidade de Caxias do Sul e mais 12 universidades públicas e comunitárias do Rio Grande do Sul, componentes do Fórum Gaúcho do Ensino Superior sobre Envelhecimento Humano, assinam conjuntamente uma nota dirigida hoje à comunidade gaúcha reforçando o alerta para o autocuidado dos idosos, visando evitar a propagação do novo coronavírus. As instituições também conclamam as autoridades para o atendimento prioritário das pessoas mais velhas pelos serviços públicos e agradecem aos profissionais da saúde pela assistência digna que vem sendo prestada aos idosos no Estado.

Tendo criado o Programa UCS Sênior – Educação e Longevidade em 1991, a UCS é pioneira no Estado em ações voltadas à qualidade de vida no envelhecimento. Voltado a pessoas com mais de 50 anos e contando com muitos alunos acima dos 60 anos, o UCS Sênior possui atualmente cerca de 1,2 mil participantes nos municípios de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha, São Marcos, Vacaria, Canela e São Sebastião do Caí. As atividades envolvem aprendizagem continuada, práticas físicas, ensinamentos sobre espiritualidade e projetos socioculturais.

NOTA À COMUNIDADE GAÚCHA

As instituições de ensino superior do RS, públicas e comunitárias, abaixo subscritas, vinculadas ao Fórum Gaúcho do Ensino Superior sobre Envelhecimento Humano, e responsáveis pelas atividades articuladas e contínuas de ensino, pesquisa e extensão para a população idosa, manifestam-se neste momento de excepcional crise, que afeta a saúde da população, sobretudo a de grupo de risco, por conta da pandemia causada pelo coronavírus (Covid-19), conforme segue: (1) alerta para que a pessoa idosa fique em casa, respeitando as recomendações dos órgãos de saúde pública; (2) recomenda o autocuidado como atitude fundamental para a saúde pessoal e coletiva; (3) pede serenidade de todos para o enfrentamento da situação; (4) conclama as autoridades estaduais e municipais do RS para que não poupem esforços para o atendimento prioritário, garantido em Lei, aos idosos; (5) envia votos de gratidão e apoio a todos os profissionais da saúde, formados em nossas instituições de ensino superior ou de outras, pelo atendimento acolhedor e digno que está sendo dispensado aos idosos do RS.

Porto Alegre, 24 de março de 2020.

UFRGS | UFSM | UFPEL | UCS | UNISC | UPF | UNIJUI | UNICRUZ | UCPEL | UNIPAMPA | UNIVATES | FURG | FEEVALE

26/03/2020 | Portal da Cidade Igrejinha | igrejinha.portaldacidade.com | Geral

INICIATIVA Feevale Techpark dissemina conteúdo gratuito sobre gestão no Instagram

<https://igrejinha.portaldacidade.com/noticias/educacao/feevale-techpark-dissemina-conteudo-gratuito-sobre-gestao-no-instagram-5302>

A iniciativa conta a participação de cinco profissionais da área de gestão que, em transmissões, ao vivo, falarão sobre diversos temas do setor.

Com o objetivo de conectar pessoas e disseminar conteúdo de qualidade, a Universidade Feevale, por meio do Feevale Techpark, realiza, até o dia 30 de março, a primeira edição do Feevale Techpark Talks. A iniciativa conta a participação de cinco profissionais da área de gestão que, em transmissões, ao vivo, pela página Black Sheep Project no Instagram ([instagram.com/blacksheepproject](https://www.instagram.com/blacksheepproject)), falarão sobre diversos temas do setor, entre as 20h e 21h.

Conforme a diretora de Inovação da Universidade, Daiana de Lenço Monzon, o Feevale Techpark Talks é uma iniciativa promovida junto com Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), por meio do projeto Educação Empreendedora, para levar conteúdo para dentro da casa das pessoas que estão no isolamento social. “Queremos falar sobre assuntos que vão agregar valor para o público, seja para depois fazer a reestruturação das suas empresas, seja para atuar no mercado de trabalho ou para trabalhar perfil empresarial. Serão abordados temas relevantes na área da Gestão e da Inovação, que farão a diferença durante esse momento e depois, para que as empresas possam se reerguer”, destaca.

As transmissões se iniciaram na quarta-feira, 25, com Thaís Reali, da Reali Inovattion, que falou sobre Design Thinking. Na quinta-feira, 26, Matheus Piveta, da Surya, abordará a Modelagem de Negócio. Na sexta-feira, 27, será a vez de Igor Guedes, da Agência Novo, ministrar o conteúdo sobre a Apresentação de PPT. A última live desta primeira edição acontecerá na segunda-feira, 30, com a dupla Alessandra Nolasco e Carine Oedmann, da Pemse, com a temática Gestão de Equipe.

26/03/2020 | Porto Alegre 24 Horas | poa24horas.com.br | Geral

Entidades propõem à Prefeitura medidas de proteção da população em situação de rua durante a pandemia

<https://www.poa24horas.com.br/entidades-propoe-a-prefeitura-medidas-de-protacao-da-populacao-em-situacao-de-rua-durante-a-pandemia/>

Entidades propõem à Prefeitura medidas de proteção da população em situação de rua durante a pandemia

Publicado há em Postado por Do Sul21 Representantes de organizações da sociedade civil e de trabalhadores de serviços públicos e privados, se uniram num grupo suprapartidário para propor uma série de medidas com o objetivo de reduzir o impacto da pandemia do coronavírus na população em situação de rua de Porto Alegre. Em carta endereçada ao prefeito da capital, Nelson Marchezan (PSDB), e ao secretário municipal da Saúde, Pablo Stürmer, os membros do grupo propõem ações de acesso à água, a banheiros públicos, acesso à saúde e alimentação das 4,4 mil pessoas que vivem nas ruas da cidade. "Essas ações envolvem tanto o Poder Público quanto a sociedade civil num esforço solidário e responsável de maneira a elaborar e executar um Plano de Contingenciamento da Pandemia de Coronavírus (COVID-19) para a População em Situação de Rua de Porto Alegre", afirma o grupo no documento, datado no dia 19 de março. Com relação ao acesso à água, a proposta é que sejam deslacradas as torneiras nas praças públicas e igrejas, assim como permitir o uso de mangueiras para captar água de escolas e instituições públicas e privadas até a rua. Ainda do ponto de vista da higiene, é pedida a instalação de banheiros públicos, com chuveiro, nas diferentes regiões da cidade, incluindo materiais como sabão e álcool gel. Para a limpeza dos banheiros, a sugestão é que sejam contratadas as próprias pessoas em situação de rua. A proposta para enfrentar o impacto do coronavírus nessa população específica também inclui a disponibilidade de uma unidade móvel de saúde para realizar testes de diagnóstico da doença, a criação de locais de quarentena para pessoas contaminadas, como escolas, ginásios e hotéis, além da reorganização de abrigos e novos espaços para a permanência da população em situação de rua com maior risco de mortalidade, como idosos, soropositivos, doentes e grávidas. No âmbito da alimentação, o grupo suprapartidário propõe a ampliação do número de refeições servidas nos restaurantes populares da cidade, com a entrega feita em marmitas fechadas, evitando ao máximo o risco de contágio. "Acreditamos que estas medidas iniciais contribuirão para impactar positivamente no controle da epidemia do COVID-19. O grupo que elaborou este documento coloca-se à disposição para dialogar e construir parcerias para a realização deste plano de contingenciamento", diz trecho da carta. Assinam o documento as organizações da sociedade civil Banho Solidário, Enfermagem na Rua, Prato Feito das Ruas, Misturaí, Boca de Rua, Coletivo Alicerce e Coletivo PoA_Inquieta, além trabalhadores de serviços públicos, privados e conveniados, como UFRGS, Unisinos, Escola Porto Alegre, Associação Beneficente Amurt-Amurtel, Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre, Comissão de Saúde Mental do Conselho Municipal de Saúde de Porto Alegre, Ilê Mulher, Defensoria Pública da União, Movimento Nacional da População de Rua, Cáritas Arquidiocesana - Mensageiro da Caridade, Irmandade Fraternidade O Caminho, Pastoral do Povo de Rua, Consultório na Rua e Grupo Hospitalar Conceição. Desenvolvido por:

26/03/2020 | Prefeitura de Campo Bom | campobom.rs.gov.br | Geral

Prefeitura compra mil kits para diagnóstico do coronavírus

<http://novo.campobom.rs.gov.br/pt-br/prefeitura-compra-mil-kits-para-diagnostico-do-coronavirus>

A Prefeitura de Campo Bom deve receber nos próximos dias mil kits de testagem do novo coronavírus (Covid-19). Os exames para diagnóstico serão realizados por meio do Laboratório de Microbiologia Molecular da Universidade Feevale, que fechou parceria com o Município. Os exames serão coletados de pacientes selecionados conforme protocolo do Ministério da Saúde e o resultado dos testes deve ficar pronto entre 24 e 48 horas. A compra dos kits garantirá agilidade na obtenção do diagnóstico tendo em vista que atualmente, as coletas realizadas pela Secretaria Municipal de Saúde são encaminhadas para o Laboratório Central do Estado (Lacen/RS), em Porto Alegre, para serem testadas. Segundo a secretária de Saúde de Campo Bom, Suzana Ambros, a testagem pela universidade seguirá o protocolo estabelecido pela Organização Mundial da Saúde, idêntico ao utilizado nos laboratórios oficiais.

Universidade Feevale fabrica protetores faciais para profissionais da saúde

<http://www.temaspreferidos.com.br/noticias/noticia/p/universidade-feevale-fabrica-protetores-faciais-para-profissionais-da-sa-de>

Materiais são produzidos em impressoras 3D, nos laboratórios da instituição e serão usados no combate ao coronavírus

Os protetores faciais são feitos de acetato - Foto: Eduardo Bettio/Universidade Feevale

A Universidade Feevale, por meio dos laboratórios dos cursos de Engenharia, Computação e Design e do Feevale Techpark, iniciou a produção de protetores faciais (face shield) de acetato para os profissionais da área da Saúde que estão trabalhando no combate à Covid-19. Os primeiros protótipos já estão prontos e serão testados nesta quinta-feira, 26, pela Fundação de Saúde Pública de Novo Hamburgo (FSNH) e pelo Hospital Municipal Lauro Reus, de Campo Bom.

A previsão inicial é que a Universidade produza cerca de 20 equipamentos de proteção por dia, os quais serão doados a hospitais e unidades básicas de saúde da região. Os materiais estão sendo executados no Centro de Design, Ceted e Oficina Tecnológica da Feevale e a fabricação é feita em impressoras 3D.

Para o reitor Cleber Prodanov, o objetivo de desenvolver esses materiais é colaborar na proteção dos profissionais da Saúde que estão atendendo e acolhendo os pacientes. "A Universidade Feevale está engajada em todas as suas áreas, para que possamos ajudar a minimizar a expansão do Coronavírus. Essa contribuição é muito importante, pois significa uma barreira física entre o vírus e a pessoa que está na linha de frente", destaca.

A Feevale aceita contribuições dos materiais necessários (abaixo) para a realização da ação. Os interessados em ajudar nessa causa podem entrar em contato pelo telefone (51) 3597 5802 ou pelo e-mail techpark@feevale.br.

Elementos utilizados na produção dos protetores faciais:

- Filamento de PLA 1,75mm
- Filamento de ABS 1,75mm
- Chapa de Acetato espessura mínima 0,5mm x 1020mm x 1000mm

Prefeitura compra mil kits para diagnóstico do coronavírus

<http://www.tudoonlineemcampobom.com.br/prefeitura-compra-mil-kits-para-diagnostico-do-coronavirus/>

A Prefeitura de Campo Bom deve receber nos próximos dias mil kits de testagem do novo coronavírus (Covid-19). Os exames para diagnóstico serão realizados por meio do Laboratório de Microbiologia Molecular da Universidade Feevale, que fechou parceria com o Município. Os exames serão coletados de pacientes selecionados conforme protocolo do Ministério da Saúde e o resultado dos testes deve ficar pronto entre 24 e 48 horas.

A compra dos kits garantirá agilidade na obtenção do diagnóstico tendo em vista que atualmente, as coletas realizadas pela Secretaria Municipal de Saúde são encaminhadas para o Laboratório Central do Estado (Lacen/RS), em Porto Alegre, para serem testadas. Segundo a secretária de Saúde de Campo Bom, Suzana Ambros, a testagem pela universidade seguirá o protocolo estabelecido pela Organização Mundial da Saúde, idêntico ao utilizado nos laboratórios oficiais.

Leia também:

Identificada mulher morta a tiros no Porto Blos

Centro de atendimento aos coronavírus contabiliza 50 atendimentos em 24h

Coronavírus: Termômetro infra-vermelho agiliza atendimento na triagem

Falta de equipamentos de proteção preocupa autoridades sanitárias

Polícia Civil inicia campanha contra fake news e pede que população tenha cautela ao divulgar informações

Teste serão feitos em parceria com laboratório da Feevale (Foto: Divulgação/PMCB)